

Resgate
coleção

As Horas Lentas

Raimundo Monteiro



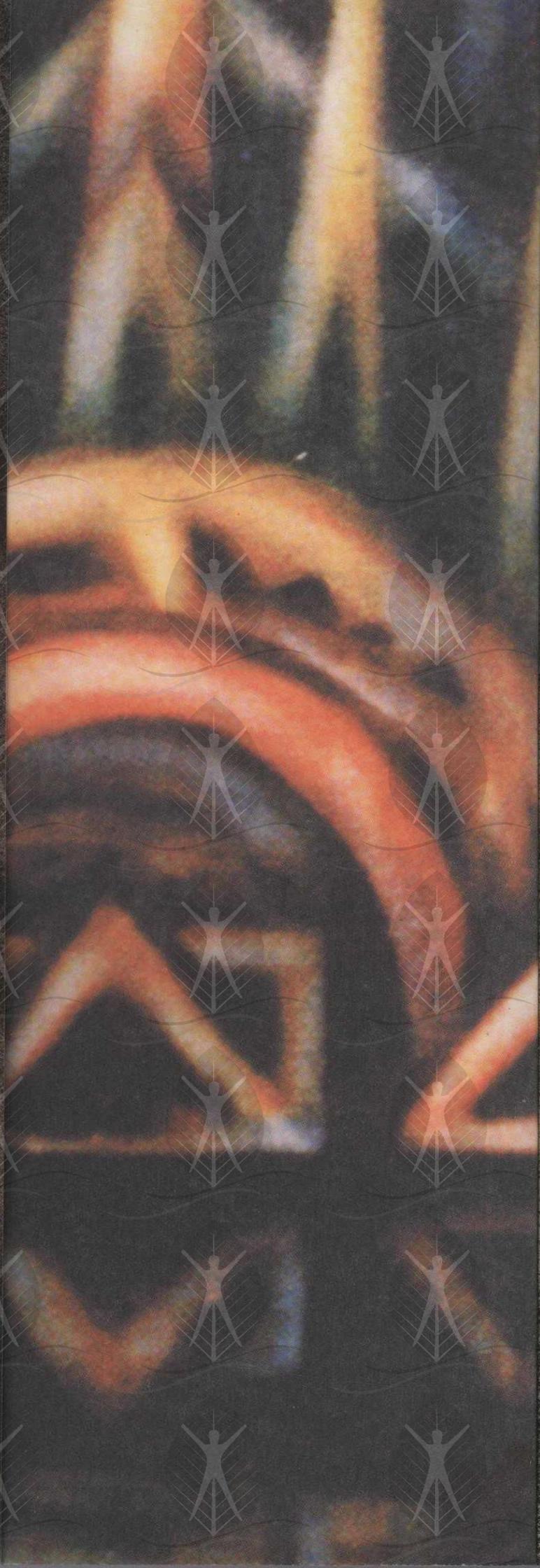
Valer
EDITORA

CULTURA
BRASIL Edições
Governo do Estado

Com Raimundo Monteiro deu-se um fenômeno interessante: o seu máximo orgulho de poeta fidalgo livrou-o dos salamaleques costumeiros, privando-o do capciosismo ridículo. Ele não achou bastante espaço para viver. E assim, preferiu, na sua humilde grandeza, ser pequeno demais, ou grande demais, numa ambiência refratária à sua multifórmica desenvoltura lírica. Horas lentas de uma lenta agonia deve ter sofrido o bardo dos cantos reais e das baladas... A mim parece-me que ele veio tarde demais para um século de ceticismo na arte. Não realizou o milagre de seus pares, Martins Fontes e outros, porque se deixou, possuído de amor ao rincão natal, aqui ficar na inércia de um meio hostil, gelado, indiferente a qualquer realização nobre. Sacrificado, combatendo um inimigo anônimo que nem possuía o estalão de sua envergadura anímica, o meio ambiente foi-lhe supremamente mesquinho, ridículo por não possuir justamente a cultura necessária para compreender o poeta maravilhoso que ele era. E Raimundo Monteiro foi um grande esquecido! Quase anônimo viveu na sua pátria cabocla, e quase anônimo morreu, com o canto derradeiro transformado em soluços de rimas...

Raimundo Monteiro sofreu toda essa tortura cruciante das almas predestinadas e eleitas. Não é necessário reler as suas últimas produções poéticas, de uma doce emoção, de uma intensa amargura, para sabê-lo um mártir. Torna-se desnecessário estudá-lo na estrutura psíquica para vê-lo surgir na ronda ascensional dos últimos românticos ou dos últimos mártires...

Era um torturado da forma. Seus poemas, acapilhados com maestria, refertos de perfeição estética. Desgraçadamente, o meio não o



As Horas Lentas

~~Coleção~~ Resgate II

Coordenação

Tenório Telles



GOVERNO DO



AMAZONAS

Governador do Estado do Amazonas
Amazonino Armando Mendes

Vice-Governador
Samuel Assayag Hanan

 **AMAZONAS**
SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA E TURISMO

Secretário de Estado da Cultura e Turismo
Robério dos Santos Pereira Braga

Subsecretária
Vânia Maria Cyrino Barbosa

Coordenador de Edições
Antônio Auzier Ramos

Co-edição
Governo do Estado
Editores Valer

Raimundo Monteiro

As Horas Lentas

Estudo Crítico

Mário Ypiranga Monteiro

2.^a edição revista


EDITORIA

CULTURA
 Edições
Governo do Estado

Copyright © Editora Valer, 2002

EDITOR

Isaac Maciel

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Tenório Telles

DESIGN E DIREÇÃO DE ARTE

Marcicley Rego

(Capa - composição com detalhe da obra
Catedrais submersas, de Ottoni Mesquita)

DIAGRAMAÇÃO

Horacio Martins

Revisão

Alcides Werk

Cynthia Teixeira

Marcos Sena

Sergio Luiz Pereira

Pesquisa

Marita Monteiro

NORMALIZAÇÃO

Ycaro Verçosa

M775h Monteiro, Raimundo.

As Horas Lentas. / Raimundo Monteiro. Organização Tenório Telles e estudo crítico por Mário Ypiranga Monteiro. 2.^a ed. revista – Manaus: Editora Valer / Governo do Estado do Amazonas, 2002.

166p. (Série Coleção Resgate II, 7)

ISBN 85-7512-041-7

1. Literatura brasileira – poesia. I. Título II. Série.

CDU 82.1(811.3)

2002

Editora Valer

Rua Ramos Ferreira, 1195

69010-120, Manaus-AM

Fone: (0xx92) 633-6565

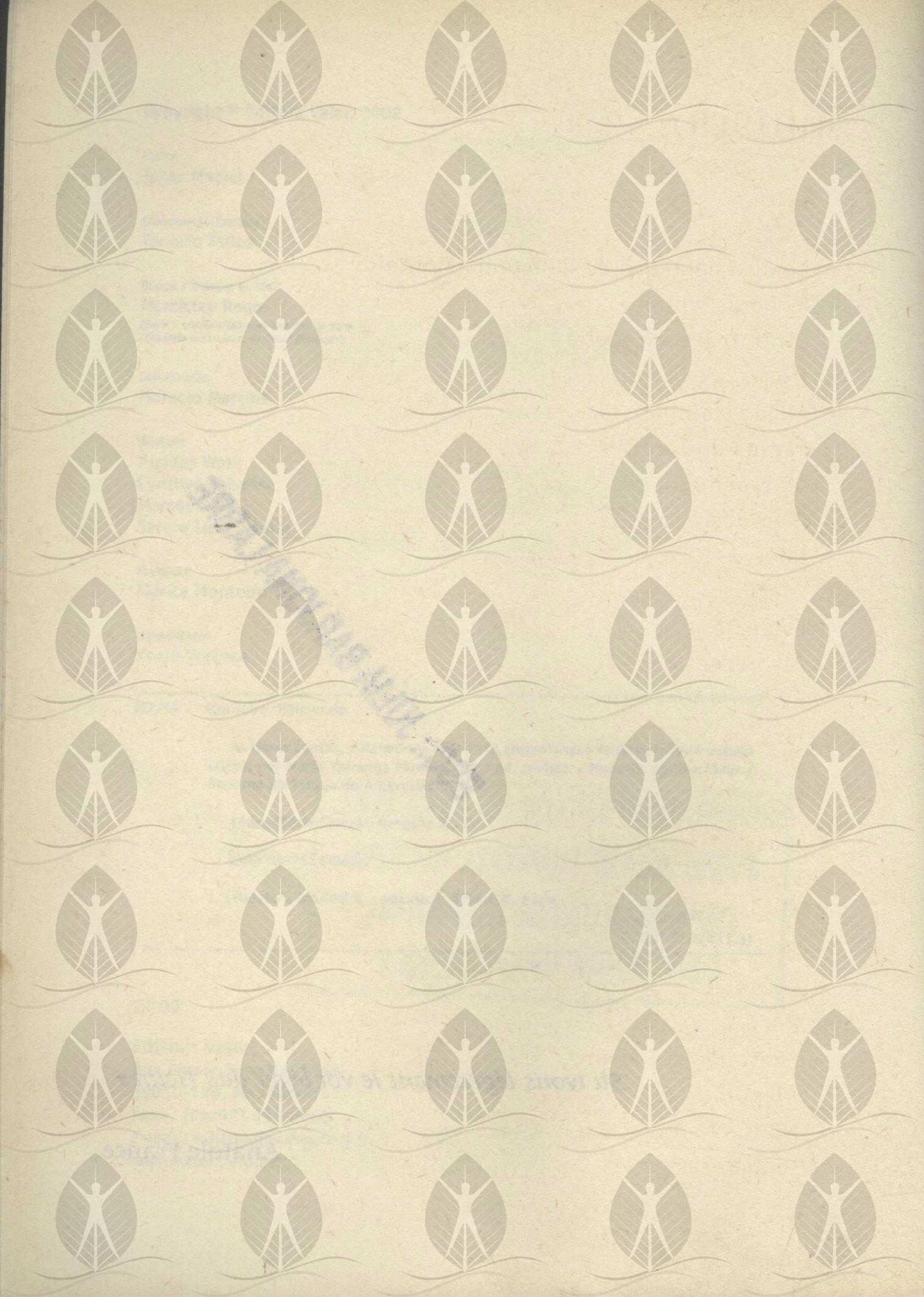
E-mail: editora@valer.com.br

www.valer.com.br



Su ivons légèrement le voi léger das Heures

Anatole France

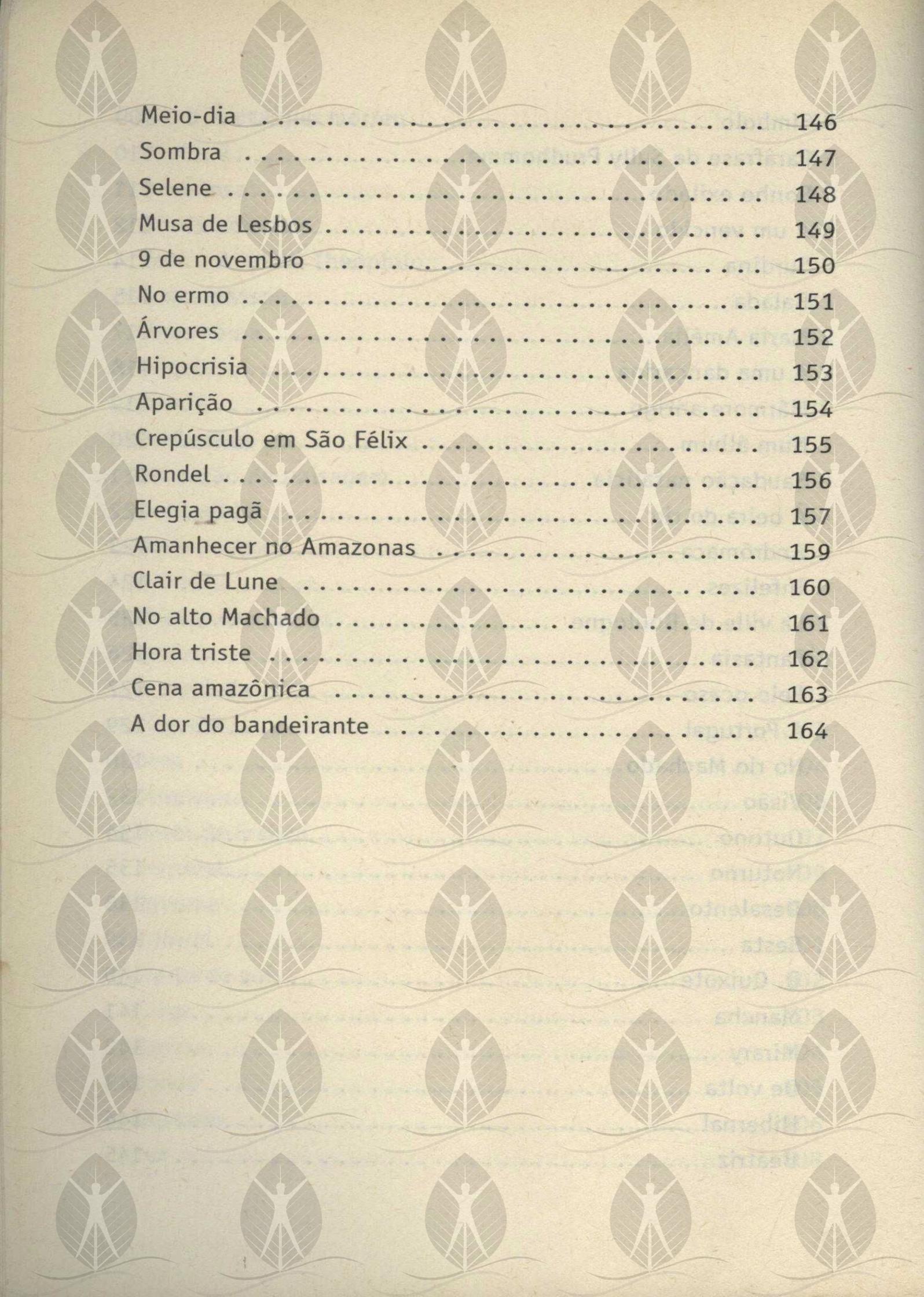


Sumário

A musa heráldica de Raimundo Monteiro	11
As horas lentas	33
Canto real do Madeira	34
Trovas	37
Alma Feminina	38
Página do coração	40
Derradeiro alento	43
Distância	44
Noel	45
Cantiga	46
Estâncias	47
Alvorecer	48
Resignação	49
Elsa	50
Vesperália	51
Epínicio	52
Pressentimento	54
Prelúdio	55
Aniversário	57
Utas	58
Consolação	59
René	60
Canto real da árvore	61
Alegoria	64
No Rio Negro	65
Pinheiro morto	67

A um Poeta que morreu	68
Pastoral	69
Luminosa	70
Idiossincrasia	72
Para o Annibal Theophilo	73
A que passou	75
Hiperbórea	78
Angelus	79
Rondó	80
Pentesiléa	81
Evocação de paisagem	82
Desiludido	86
Noite morta	87
A Crisfal	88
Música de câmara	89
Insônia	90
A caridade	91
Vilanela	93
Utas	94
Desespero	95
Herói de França	97
Vesperal	99
Nevrose	100
Anforal	101
Efeito de sol	102
Lunar	103
Flamas	104
Rondó	105
Saudade	106
Lua	108

Símbolo	109
Paráfrase de Sully Prudhomme	110
Sonho exilado	111
A um vencido	112
Surdina	114
Balada	115
Maria Amélia	117
A uma dançarina	118
Mármore antigo	119
Num álbum	120
Saudação natalícia	121
À beira do rio	122
Andrômaca	123
Infelizes	124
La ville de Boulogne	125
Fantasia	126
Pelo ocaso	127
A Portugal	129
No rio Machado	130
Visão	132
Outono	134
Noturno	135
Desalento	138
Sesta	139
D. Quixote	140
Mancha	141
Mirary	142
De volta	143
Hibernal	144
Beatriz	145



Meio-dia	146
Sombra	147
Selene	148
Musa de Lesbos	149
9 de novembro	150
No ermo	151
Árvores	152
Hipocrisia	153
Aparição	154
Crepúsculo em São Félix	155
Rondel	156
Elegia pagã	157
Amanhecer no Amazonas	159
Clair de Lune	160
No alto Machado	161
Hora triste	162
Cena amazônica	163
A dor do bandeirante	164

A musa heráldica de Raimundo Monteiro

*As tuas ânsias, quem chegará a entendê-las?
– Ó grande sofredor, ó poeta, as pedras brutas
Não podem compreender o sonho das estrelas...*

(ROBERTO GIL – “Verbo das Sombras”)

Mário Ypiranga Monteiro*

Almas existem predestinadas ao sofrimento, concebidas para o sacrifício. Fora uma longa e tediosa simbiose de estados psíquicos a mostrá-las como resultam nas suas organizações biotípicas de eleição. Eu compreendo esses aspectos como um fatalismo congênito, incapaz de sofrer qualquer reação intrínseca ou exterior. É um determinismo que parecerá, de todo modo, estranho às psicologias adversas. Não sei porque, essa trágica apoteose, que é a finalidade de toda vida nascida para a poesia. Em dias passados eu ajustava, num rápido escorço, as biografias desses mártires eternos. Hoje, procuro espelhar uma existência de rapsodo magnânimo e infeliz. Pode ser que ninguém assim pense e aplauda esse modo de ver e pensar. À massa, é difícil impressionar os sofrimentos facundos. Um poeta é, geralmente, um lunático. Quando lhe sobra com que comprar a filáucia da canalha, é um gênio. Se é pobre, não passa de um miserável rimador, rebotalho último da plebe, *jongleur* de fama, mas de gibão roto. Espécie de Villon brigador a que ninguém preocupa.

* Mário Ypiranga Monteiro é membro da Academia Amazonense de Letras, pesquisador da História e do folclore do Amazonas e autor de *A capitania de São José do Rio Negro* e *Teatro Amazonas*.

Com Raimundo Monteiro deu-se um fenômeno interessante: o seu máximo orgulho de poeta fidalgo, livrou-o dos salamaleques costumeiros, privando-o do capciosismo ridículo. Ele não achou bastante espaço para viver. E assim, preferiu, na sua humilde grandeza, ser pequeno demais, ou grande demais, numa ambiência refratária à sua multifórmica desenvoltura lírica. Horas lentas de uma lenta agonia deve ter sofrido o bardo dos cantos reais e das baladas. Sonharia com esse sofrimento diuturno, porque desse, à sua última cantilena agressiva à primavera romântica do seiscentismo, a flor maravilhosa da fidalguia e da graça? Ele deveria ter florescido com a plêiade de Baif, Ronsard e esse ultra-sensível Alan Chartier, para os *jeux floreaux* do lirismo. A mim parece-me que ele veio tarde demais para um século de cepticismo na arte. Não realizou o milagre de seus pares, Martins Fontes e outros, porque se deixou, possuído de amor ao rincão natal, aqui ficar na inércia de um meio hostil, gelado, indiferente a qualquer realização nobre. Sacrificado, combatendo um inimigo anônimo que nem possuía o estalão de sua envergadura anímica, o meio ambiente foi-lhe supremamente mesquinho, ridículo por não possuir justamente a cultura necessária para compreender o poeta maravilhoso que ele era. E Raimundo Monteiro foi um grande esquecido! Quase anônimo, viveu na sua pátria cabocla, e quase anônimo morreu, com o canto derradeiro transformado em soluços de rimas...

Enfermo já, sonharia com a morte rondando-lhe os dias? As suas horas de lenta agonia teriam inspirado o título do último livro? Às vezes o poeta ensaia, na presença da noiva gelada, a última elegia que é o seu canto de cisne. As *Horas Lentas* talvez fossem a dolorosa renúncia à vida...

Raimundo Monteiro sofreu toda essa tortura cruciante das almas predestinadas e eleitas. Não é necessário reler as suas últimas produções poéticas, de uma doce emoção, de uma intensa amargura, para sabê-lo um mártir. Torna-se desnecessário estudá-lo na estrutura psíquica para vê-lo surgir na ronda ascensional dos últimos românticos ou dos últimos mártires... Por que? Por que ele sofreu?

Era um torturado da forma. Seus poemas, acapilhados com maestria, refertos de perfeição estética. Desgraçadamente, o meio não o compreendeu. Exilou-o numa escala social infame demais (perdoem-me a expressão) para uma inteligência de escol. E ele, modesto, afastado das competições mesquinhas dos gulosos pantagruéis da glória, feneceu com um lírio agreste debruçado à escarpa: perfumando o ambiente. Não gemeu. Nunca se rebelou. Apenas alguns versos traem o cruento desgosto de haver sido dominado na grande luta. Assim mesmo, são reclamos doces, magnânicos, sem blasfêmias, sem arrogâncias... Ele não é um rebelado como Jehan Rictus, nem na sua rebeldia transpira aquele satanismo viril de Baudelaire ou o desgosto-pesadelo de Pöe. Ele sabe esconder a sua dor, mascarando a derrota com a desculpa do lar. Mas, ainda porventura, o prêmio a tanta grandeza d'alma, a tanta candura, a tanta beleza espiritual, é o exílio no próprio berço, é o silêncio do indiferentismo hostil, quando não resulta em suicídio lento. Assim desapareceram alguns sonhadores, seus irmãos: Verlaine, Wilde, Poe, Heine.

Quando Manaus soube da morte do poeta das horas lentas, parecia que um céu de chumbo pesava na cidade. O gelo do indiferentismo mais estúpido escorria das carrascas

costumeiras. Que apoteose teve o poeta depois de morto? Nenhuma. Diferente de seu amigo Martins Fontes, muito diferente do Bilac, diferentíssimo de Aníbal Teófilo. Quem era Raimundo Monteiro? – Um homem, apenas um homem, com uma função definida no conceito banal das farpelas estúpidas dos burgueses. O poeta sobrexistia, apenas, em si mesmo, no frontispício de um ou dois livros. Ninguém o entendia como um gênio esmagado sob a irresponsabilidade do meio cultural, que o Amazonas ainda não possui bastante. Poeta? E o que significa para um lorpa da Avenida ser poeta? – Coisa alguma. Ou simplesmente: um idiota que escreve umas palavras bonitas, arrumadas umas sobre as outras, como nos balcões das tavernas de terceira classe se arrumam as latas. O sentido de estesia, de cultura, de arte, de sentimento, de amor, de desgraça e, mesmo, de glória nacional; não impressiona o imbecil que folheia os livros por um requinte de esnobismo, ou por desfastio doméstico.

Raimundo Monteiro sofreu, primeiro, a hostilidade do ambiente, regressiva à sua fórmula mais eversora de insubstituível nulidade. Ele foi, na precipitação dessa escarpa íngreme do meio, o grande esquecido! Atravessou uma existência inteira semeando versos para colher apenas o pranto. Emocionalmente o declara:

*Os prélios, que travei, perdi-os... que a Derrota
Os passos me acompanha e meu esforço abate!
Por medalhas ostento a escara e a cicatriz...*

Canta, resignado como um doloroso mártir, a própria tristeza eloqüente que o segue pela vereda amarga, aculeante.

Alma incompreendida, torturou-se na anonímia da vida vegetativa a que estão sujeitos todos os grandes iluminados deste rincão. Sofreu quase sem gritas, fazendo de sua própria dor, sua própria canção. Digam, de sua atribulada existência de humílimo, os que privaram de sua amizade. Eu o conheci de longe, na minha adolescência. Era, então, pálido, desse palor mórbido do cisne de Recanati, e pareceu-me que uma tristeza acabrunhava-o, ensombrando a fonte augusta onde caberiam os louros de Petrônio.

Encontremos o grande bardo quando ele passeava a sua altíssima inspiração na França, em plena mocidade, falando de amores transitórios como um lírico de vinte anos. Escreveu *Volutas* nessa quadra feliz. É do seu primeiro livro que vamos nos ocupar agora, porque todo ele é referto de exuberância vital, cheio de alegria, desbordante de vivacidade. Em *Volutas* há um anseio crescente de glória que trasvasa para morrer em *As Horas Lentas*, o crepúsculo trágico do poeta. Naquele opúsculo, publicado no Rio de Janeiro, em 1905, há toda a trajetória desgraçada do aedo, ainda mal delineada, ainda em escorço, numa antemanhã bruxuleante de angústias terríveis... Embalde ele procura disfarçar a sua tristeza. Ela aflora nas rimas sutis buriladas no doce idioma de Verlaine, de quem Raimundo Monteiro foi discípulo e, digamos mesmo, apaixonado cultor da arte mágica do gaulês. *Volutas* é um livro do coração. Diferente de *As Horas Lentas*, que é a exegese da alma avelhantada por mil sofrimentos dissemelhantes. Ambos, porém, são livros de um poeta fecundo que se deixou, por vontade, ficar na retaguarda dos seus pares, vencido, humilde, modesto, esperando a hora de seu piáculo, ou de sua apoteose. Ele

sabia que estava se afundando voluntariamente no esquecimento. Ele sabia que era um Prometeu ligado à escarpa. Mas a terra exercia uma ascendência maior talvez que a ânsia de renome. A terra desejava-o com uma ambição exclusivista. A terra, que ele amava, a terra o esqueceu! Sublime escárnio.

“Epinício”, das *Horas Lentas*, dá-nos uma amostra do que foi esse apego fatal à gleba ingrata e cruel:

*De pé, na solidão das ruínas, sobre o escombro
Do que eu podia ser, ainda bendigo a terra
Onde amei e sofri pela primeira vez...*

Real, portanto, a visão da sua tristeza pelo indiferentismo irritante votado à musa heráldica que ilustrou, na França e no Rio, o nome aureolado do poeta!

Volutas não é um livro sério. Compreende-se, a vivacidade do autor não poderia levar em conta certos sacrifícios e determinadas chagas. Assim mesmo, aqui e ali Raimundo Monteiro se enxertava a sua alegria de boêmio feliz com algumas lembranças elegíacas. Eis aqui como ele poetava: “De Longe”, *Volutas*, p. 19:

*Lembras-te, Amiga, quando cantavas
Velhas legendas do teu país,
— Dessa Borgonha de vinhas flavas,
Lembra-te, Amiga, quando cantavas
Velhas legendas do teu país?*

Encantamento e doçura, desse ritornelo em 9 sílabas, rítmico e lírico. Vê-se, aí, o que era o moço, libérrimo, cheio de

vida, afogado na vida tumultuária de Paris, com amigos poetas, cultuando esse Pauvre Lelian de saudosa memória. Raimundo Monteiro não podia, como aedo, mostrar-se indiferente com as mulheres. Não fez exceção. Quantas lhe passaram pela vida alegre ou atribulada? Na mesma poesia citada:

*À hora em que escrevo certos versos, à hora
Do acaso da alma, Cecília amada,
Penso na vida flórea de outrora
Loucamente prodigalizada!*

Em “Saudade”, *Volutas*, p. 23:

*E aquela timidez e aquela ingenuidade
Que eu tinha ao pé de ti, Tereza de minha alma,
Quando, cheio de encanto e cheio de bondade,
Me fazia o teu riso uma carícia calma!*

*Tereza! e esta Saudade é uma fina ironia
À vida que hoje levo – erma de riso e amor!*

Em “Prelúdio”, *Volutas*, p. 27:

*Filha das margens do Norte,
Das frias margens batidas
Pela rajada mais forte
Das tormentas desabridas!*

*Filha de nautas audazes
E humildes – filha de nautas,
Que trazes à boca, e trazes
Nos olhos ânsias incautas;
Anjo e demônio; alvorada
E noite; aroma e veneno;
Asa roçando estagnada
Pútrida vaza de ceno,*

*Para cantar-te o sentido
Afeto que em mim se acorda,
Falta-me ao verso um gemido,
Falta-me à lira uma corda!*

Quem seria essa que ele esquivou-se de enunciar?
Talvez alguma loura gotlanda. “À Fani”, *Volutas*, p. 31:

(...)

*Pouco importa que o Verso exsurja da alma doente
Ou perto de um bordel ou perto de um sacrário,
A Virtude exaltando ou o Vício impenitente!
E o meu Verso de dor é um partido rosário
Que debulho – a rezar desoladoramente –
Pela escarpa sem-fim do meu itinerário!*

“Noturno”, *Volutas*, p. 75:

(...)

*E choro recordando esse profundo olhar
– O olhar que me volveste em lágrimas desfeito,*

*Adorada Maria,
Ó alma deste amor, desta melancolia!*

Estes versos, à Alfred Musset, escritos na doce língua do desgraçado cantor de Jacques Rolla, falam neste momento da estúrdia boêmia do vate em Paris: *Volutas*, p. 103:

*Je t'aime, Ninon,
D'un amour extrême,
Je t'aime, je t'aime,
Ninon!*

Fora essas criaturas “exquises”, há ainda as Bien-Aimé, de que nos fala Verlaine, e as Queridas, que ficaram anônimas. Raimundo Monteiro não seria um poeta na acepção geral do termo, se não cultuasse o eterno feminino. Pois, se é ele o encanto da lírica! Se são as mulheres, as Musas inspiradoras dos gemebundos sonetinhos que fazemos aos vinte anos, mancos e pretensiosos, sensaborões e pesados de cretinice sentimental, com que geralmente nos lastimamos de uma paixonite imbecil!

O primeiro livro do poeta das baladas e dos cantos reais já teve laivos de dolorosa melancolia. Sofreria realmente, esse condor ferido, exilado da terra amada, na tumultuosidade daquela Paris onde se ajuntavam gênios em formação, ou o seu sofrimento era, apenas, o “quem ama inventa as penas em que vive”, do grande Bilac?

“Ignota dea” é a poesia que abre o livro:

*Aquela cujo amor minha alma em vão procura
Ansiosamente – a errar de ternura em ternura –
Como se procurasse em meio do deserto
Da vida um pouso ideal de anêmonas coberto
Onde, exausta, sonhasse esquecida dos males,
Melhor do que um pastor no retiro dos vales;
Aquela (...)*

(...)

*Ah! nesta ânsia febril de possuí-la extasiado
Ante o mago esplendor do seu Corpo adorado,
A todo o instante a vejo e em toda a parte a sinto!*

Em *As Horas Lentas* não se encontram versos desse talão:

*Et comme je suis poete,
Vierge au sourire lointain!
Pour la tendresse discrete
J'apporte mon coeur chagrin!*

Os contrastes avondam nas poesias que refletem estados psíquicos dissemelhantes. Ele não é um eterno feliz nem um eterno infeliz. De repente, na tarde ensolarada de sua vida, corre um frêmito ligeiro de tristeza e sua alma abruma-se, com essa languidez comunicativa e dolorosa de Rodenbach, o enamorado de Bruges, – a morta:

*Eis-me de novo só no silêncio dorido
De meu quarto que é meu inevitável horto,
Onde, cheio de um tédio amargo e sem conforto,
Dia a dia agonizo à Tristeza jungido!*

Não podia ser, senão, uma dor atávica, essa, que afligia amiudadamente esse irmão mais novo de Leopardi. Admirável, a exegese da Tristeza. Tristeza com inicial maiúscula completa um sentido objetivo, que ele, sempre, fez questão de exprimir. Vê-se, com freqüência, mesmo em *As Horas Lentas*, os aspectos anímicos assim toucados de uma auréola de objetivismo. Ele quer um sentido universal, complexo, absoluto.

O fatalismo mórbido que perseguia o grande poeta mesmo nos seus últimos gloriosos dias, já se debuxava na antemanhã da sua existência? Ele fez de sua dor um poema, mas o orgulho diminuiu, no seu próprio calvário, o exclusivismo dessas mágoas. Procurou disfarçar um desgosto, procurou formas dúbias de esconder o pranto. Porém, nos seus versos, ressalta, sempre, uma plangência, um anseio velado, uma tentativa de alapardar-se na dor... Timidez ou orgulho? Em vez da púrpura que vestiu os ombros de Petrônio, uma clâmide lilás como os seus poentes, pesou-lhe qual a túnica de Nessus...

Existe, nele, um grande pecado: não viveu! Não soube viver! Ou não quis viver! Talvez uma angústia secreta impedisse de florescer, de abrir-se à eclosão, de sair do negro parasitismo em que se definhava, isolado, descrente de si mesmo, nesse *tedium vitae* que assoberbou por um século a alma dos românticos. Ou ele possuía qualquer dose de timidez, em que o impedisse de levantar um grito: “Eu estou aqui! Olhai-me, multidões ignaras! É um gênio que passa!”

Do aparecimento de *Volutas* à publicação de *As Horas Lentas*, medeia um infinito dolorido. Que faz o poeta, nesse espaço de tempo? – Nada! Entretanto, almas geniais como

Byron, Leopardi, Casemiro de Abreu, Castro Alves, Moacir de Almeida, Álvares de Azevedo, Heine, Marlow, existiram, souberam existir em menos tempo, legando-nos monumentos que desafiarão os séculos. Mas foi a culpa sua? Ainda não. Culpa do meio hostil e ignorante, culpa dessa constante dissociação de sentimentos mesquinhos que engendram, primeiramente, os imperialismos dominantes da intelectividade natal e depois o comodismo inato das gens. Por isso Raimundo Monteiro não passou de um pobre poeta, mais chorado fora daqui do que em sua própria terra. Ele acrisolou-se demais a um sonho objetivo: a gleba. Esqueceu, nesses momentos de grande amor ao seu rincão natal, que era poeta. E o poeta não se pertence. O poeta não pertence a um delimitado espaço de tempo ou tempo de espaço. Pertence a uma geração infinita, pertence ao século em que floresce, pertence à Terra, ao Universo. Não se compreende fronteiras à sua existência. Pertence às mulheres, pertence a todo o mundo das coisas objetivas e subjetivas, animadas e inanimadas. Prender a asa ao píncaro da escarpa é manietar Prometeu. Veda-se-lhe o arrojo das alturas como se veda a liberdade ao pulso que deu a vida roubando o fogo sagrado. O condor necessita do infinito para fitar o sol. Quando tomba, olhos em flamas acendendo os astros, rola em meio à apoteose da luz. O chão é-lhe, simplesmente, a urna que receberá seus ossos.

Ele, o mágico da rima, o heráldico Celini dos vilancetes e das iluminuras verlenianas, deixou-se fenecer num terreno arneiro e monótono, sem relevos e sem, sequer, espinhos e penhas híspidas que lhe tentassem a ousia. Enfarante, a existência desse exilado em sua própria terra. Amo este

pedaço do Brasil, com um sentimento bárbaro de índio, amo; porém sou o primeiro a reprochar o meio ambiente, incapaz de recompensar qualquer sacrifício de seus filhos. Dá-se, aqui, um fenômeno de repulsão: qualquer anseio de vitalidade é logo arrojado, sufocando-se o elemento em eclose. É como a semente da parábola bíblica: cai em terreno pedroso e não vinga, porque falta a ajuda da terra. O desgraçado, aqui, cria inimigos obscenos e gratuitos que o tombam no lameiro do ridículo, quando ele próprio não cai no esquecimento. Precisa-se ser cabotino e pompear cultura, freqüentar a tertúlia rotineira da Academia, e o pior, incensar sempre os Mecenass.

A Raimundo Monteiro, faltou espírito para impor-se. Ele homiziou-se na sua modéstia, vestiu o burel negro do monge solitário e buscou, no Calpe interior, a delícia beneditina da Renúncia. Fez mal. Muito mal. Definiu quando podia ter ultrapassado os seus desejos. Ficou aquém do que poderia ser. Depois de sacrificado, a resignação mansa ainda inspirou-lhe esses versos deliciosos: “Desiludido”, *As Horas Lentas*, p. 32:

*Na tortura de ser igual aos outros, nesta
Nevrose de atingir a Perfeição e a Glória,
Sinto-me envelhecer, taciturno à ilusória
Esperança – que sei necessária e funesta!*

*Endolorido, é em vão que, em puro verso, a história
De um grande amor pretendo eternizar: à mesta
Torpitude do seu vulgarismo nem resta
Sequer aquela dor que eu não quis transitória!*

*Nem me ficou sequer a elísia dor – aquela
Sacratíssima dor que foi do meu enlevo
A gênese – e o dealbar de minha Fantasia!*

*Ai de mim! neste caos debalde se rebela,
Sucumbindo à saudade, o sonho que não devo
Imolar, sem requinte à exigente Estesia!*

Sobre ser *Volutas* o livro de um poeta de raça, não tem, todavia, a majestade heráldica de *As Horas Lentas*. Não há, mesmo, nem o estilo grandioso, nem a preocupação do vocabulário escolhido, que ressuma, a cada passo do segundo, numa demonstração de fidalga beleza, numa parada divinatória de elegância ao gosto de Martins Fontes. Há um contraste frisante entre o jovem poeta de *Volutas* e o formoso burilador de *As Horas Lentas*. No primeiro vive, apenas, a delícia de cantar. Talvez influência de meios e de idades. *Volutas* traz o sabor estúrdio de uma requintadíssima boêmia, e, alguns versos são completamente ao gosto dos menestréis em voga. Nota-se, ainda no último livro do bardo, uma saudade pertinaz daquelas horas antigas... Mas quando ele quer cantar, fazer reviver a delícia de antanho, uma tristeza longa e lilás vem flutuar sobre sua alma elegíaca...

Volutas foi a alvorada sangrenta do gênio. *As Horas Lentas*, o seu doloroso crepúsculo. Com que exaltação, com que loucura, com que amargo esplendor ele cantava outrora:

*Mon grand amour pour toi tient un peu de la rage:
Il est fait de révolte et d'amère douleur!*

*Tu sais bien qu'à mon âge
L'amour est la folie et la fièvre du cœur!*

Às vezes eu fico pensando num Musset hipersensível, ébrio numa espelunca de Paris, a fronte de marfim sujo, pálido, cantando coisas amargas... Como esse maravilhoso poeta devia meditar sobre o passado cheio de transportes loucos!

*Sur ta bouche méchant et sur ton sein d'ivoire
Mes délirants baisers ne pleuvront – ils jamais?
– Comme un gueux que possède la Fortune illusoire,
Pour te pendre en mes bras, étourdiment je vais!*

Em *As Horas Lentas* o “leitmotiv” dissemelha de *Volutas*. Lá ele cantou quase que exclusivamente o presente. Aqui ele descanta outros aspectos vitais. Mas faz outro o “pivot” do seu delírio. Elogia a terra, a natureza que o cerca no exílio. E com uma graça fidalga, elegante, sem rebeldia vingativa. As árvores saem do seu panteísmo construtor, exalçadas em rimas doces. Manaus tem um poema eterno, e o rio Negro, numa quadra esplêndida, vem da sua torturante monotonia de caudal para viver numa pintura de laca japonesa: “No Rio Negro”, *As Horas Lentas*:

*Na comburência astral do meio-dia a placa
Undiflava do rio, arfando e fulgurando,
Chispa cintilas mil e espelha, a quando e quando,
A safira em que a luz do sol o brilho aplaca!*

Ele sentia o princípio do fim... O abatimento, a revolta leopardina que não explodia em queixas, porém em mágoas serenas, como um beneditino afeito à maceração do claustro. Sofreu muito, muitas vicissitudes teve, e teve muitos fracassos que não quis contar, talvez por timidez, por temperamento orgulhoso, talvez. Mas possuía o sentido maravilhoso da renúncia. Renunciou a companhia de seus pares, poetas de raça também. Martins Fontes sobreviveu-lhe alguns anos para escrever uma carta em verso, onde deplora sentido a perda do irmão de lírica.

Às vezes Raimundo Monteiro crescia num arremesso hugoano para depois ter destas simplicidades encantadoras, nas "Utas" que lembram japonesices. *As Horas Lentas*:

*Morre, em surdina, a toada
De uma viola magoada...
– Penso na minha Amada.*

Heráldico, fidalgo, burilando o verso em requintes de elegância seiscentista, dando graça ao estilo e edulcorando a frase. *As Horas Lentas*, "Balada":

*Era uma vez uma Princesa...
Mais bela não podia ser!
Nasceu no reino da Tristeza,
No da Alegria foi morrer...
Aborrecida de viver.
Príncipes e pagens porfiavam*

*Na ânsia de ver ser conquistavam
A glória azul do seu olhar...
E todos eles se cansavam
Inutilmente a batalhar!
(...)*

Ofertório

*Assim meus olhos desejavam
Os teus sorrisos... e choravam!
Quando chegaste, em névoa e luar...
Eram tal qual os dos que andavam
Inutilmente a batalhar?*

Ou então assim: *As Horas Lentas*, “Num Álbum”:

*Velho segrel desencantado,
Triste segrel desiludido,
Não mais arpeio o Verso amado...*

*Desfeito o encanto, e já perdido
O gosto de rimar, não devo
Aparecer como um vencido!*

*Mas – por amor ao meu enlevo
De outrora e vosso gosto amável,
O cálamo retorno – e escrevo...*

Ah! vossa graça é inimitável!

Gracioso e romântico mas com um laivo doloroso de tédio...

Veja-se ainda, esta chave de ouro com que ele fecha o soneto "A um Poeta que morreu". *As Horas Lentas*:

*– O aedo, o tangedor da lira comovente,
Como um travo sentiu, no pranto derradeiro,
A tristeza de haver cantado inutilmente...*

Não seria uma alusão incisiva e brutal ao seu próprio sacrifício de haver poetado em vão? Raimundo Monteiro foi um grande incompreendido! Faltou-lhe a febre da conquista. Renunciou a tudo por uma afeição mais terna. A glória sonhada veio no doce aconchego do lar em que depôs as melhores de suas vontades, os mais doces carinhos e as mais santas inspirações nasceram-lhe dos primeiros sorrisos dos filhos... Que sublime, esse cavaleiro andante do Versos! É do "Epinício", *As Horas Lentas*, esta amostra do seu valor:

*No abrigo – onde refaço os músculos cansados,
Onde penso e produzo estes versos, existe
– Palmeiral do deserto – o pátio do meu lar!
À sombra dele esqueço os anos torturados...
Meu orgulho de poeta – ó glória de ser triste!
Tem nesse pátio de ouro um refúgio sem-par!*

Uma verdade dolorosa: o Amazonas ainda não possui leitores para os versos de Raimundo Monteiro. Talvez ele tenha de esperar, como Milton, que a geração acorde e aprenda para escutar-lhe a musa fidalga. Ele morreu cedo

demais sem completar o ciclo de sua fatalidade congênita. Antes assim. Pior seria se, em vez do silêncio aniquilador, ele tivesse os louros salpicados de lama!

* * *

Raimundo Monteiro viu a luz do município de Humaitá, rio Madeira, aos 24 de outubro de 1882, falecendo em Manaus, no dia 20 de junho de 1932, dois anos após a publicação de *As Horas Lentas*.

Martins Fontes, há pouco falecido poeta de grandes surtos, escreveu ao bardo dos cantos reais uma carta em verso, deliciosa pelo sentimento de terna saudade com que deplora a ausência do amigo.

*Foi 12 de maio, em mil e novecentos
e dois ou três, Raimundo, em verdade, não sei,
que, depois de uma briga, entre alguns turbulentos,
pela primeira vez, meu Irmão, te encontrei...*

*No – Café Araponga, esquecendo os perigos
todos nós, em comum, resolvemos cear.
Lembro-me muito bem que éramos cinco amigos:
tu, Oscar Lopes, eu, Leal de Souza e o Goulart...
(...)*

*No teu fogo verbal de imagens imprevistas,
– Poeta como nenhum é maior entre nós –
descrevias, rimando, a vida dos artistas,
de Mendés, de Verlaine e de Eça de Queiroz!*

A poesia é longa para citarmos toda. Contém 13 quadras em rimas entrelaçadas e no mesmo pé de verso francês. Canta a vida dos boêmios nessa noitada feliz, lembrando *Volutas* e *As Horas Lentas*, Bilac e Emílio de Menezes, amigos do grande morto.

Além desses dois livros, Raimundo Monteiro deixou alguns versos inéditos, de que é portador o ilustre mestre Álvaro Maia.

Agora, para terminar, citaremos em oração fúnebre, o poema à Santa Helena Magno, do livro de Paulino de Brito, *Cantos Amazônicos*: vir de oração fúnebre ao grande mestre:

*Quebra o duro letargo em que ressonas,
ruge em teu leito, ó túrbido Amazonas!*

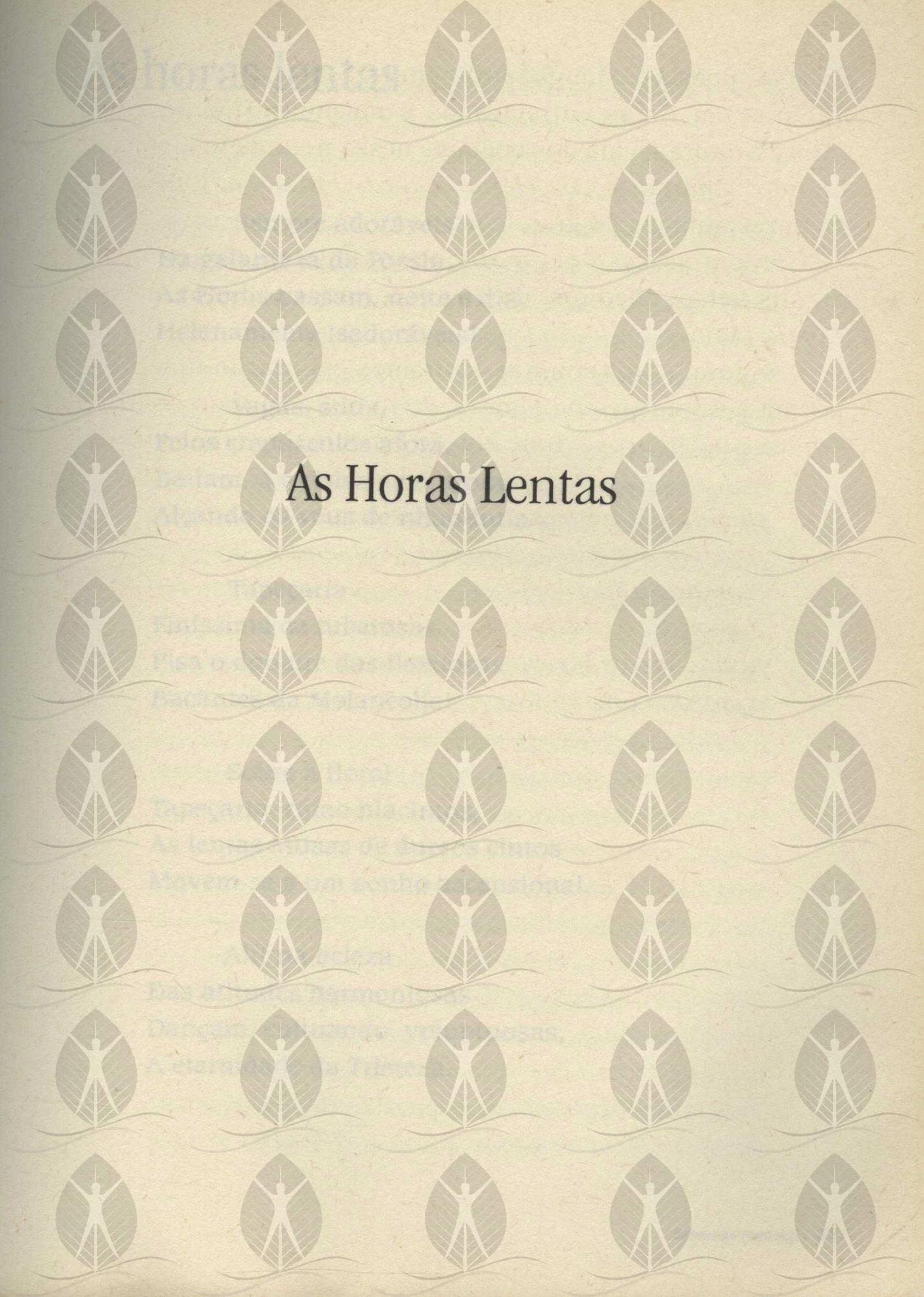
Expande a tua dor!

É grande, é rude o golpe que provaste:

Já não vive o gigante que geraste,

é morto o teu cantor!

Manaus, 1937.



As Horas Lentas

As horas lentas

Sempre adoráveis
Na galanteza da Poesia,
As Horas passam, noite e dia,
Helenamente isadoráveis!

Vagas, sutis,
Pelos crepúsculos afora,
Bailam, à música de outrora,
Alçando os véus de nhandutis...

Tapeçaria
Finíssima de tuberosas
Pisa o donaire das flexuosas
Bacantes da Melancolia!

Sobre a floral
Tapeçaria, como hiacintos,
As lentas Musas de áureos cintos
Movem-se a um sonho ascensional...

Ah! na beleza
Das atitudes harmoniosas
Dançam, cultuando, voluptuosas,
A eternidade da Tristeza...

Canto real do Madeira

De um lado – ameno vale, e do outro lado – ameno
Vale e, sempre, de um lado e do outro lado, ao sol,
O inflamado matiz da floresta – e o sereno
Firmamento a fulgir sobre aspectos de escol!
Eucromas flores dando às plácidas boscagens
Das várzeas em painéis de múltiplas paisagens,
Surpresas de jardins! E o ruflado rumor
Dos pássaros a voar em cadência! E o fragor
Da correnteza contra empecilhos! E – urente
Esmeralda alumbrando o ouro de um resplendor –
Uma ilhota descendo o rio, belamente!

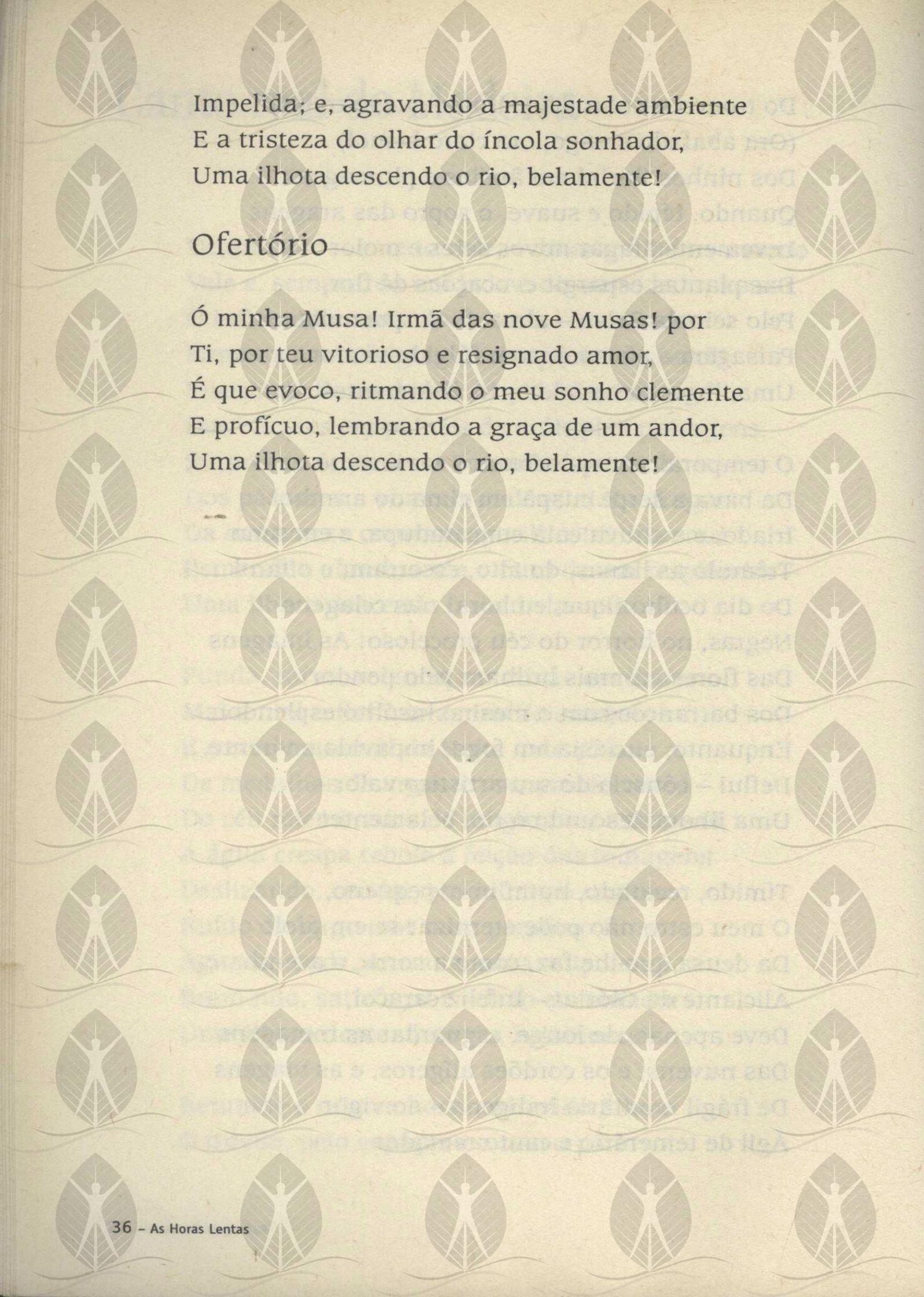
Funda, torva, rolando em ondas cor de ceno,
Mal a mal refletindo os íris do arrebol
E o colo maternal da Noite todo pleno
De medalhas de prata escapas do crisol
Do céu relembrador de longínquas miragens,
A água crespada rebole à feição das folhagens
Deslizando, caudal, em rumo ao rugidor
Ruído do largo mar num perpétuo furor
Agitado, onde, rouca, a raiva onipotente,
Bramindo, satisfaça! E – tufo encantador –
Uma ilhota descendo o rio, belamente!

Retumbe e ruja embora – atrevido Sileno –
O trovão, pelo espaço; e o raio o pára-sol

Do tronco secular do cedro rasgue; o treno
(Ora abafado e vago, ora claro bemol)
Dos ninhos florirá em ânsias e plumagens
Quando, tépido e suave, o sopro das aragens
Levemente afagar novos seres e o olor
Das plantas espargir evocações de flor
Pelo seio da Selva – alma da surpreendente
Paisagem – passará, com fúlgido verdor,
Uma ilhota descendo o rio, belamente!

O temporal retorça arbustos e o veneno
Da bava a serpe cuspa em cima do aranhol
Iriado, e a chuva caia em catadupa, e em seno
Trêmulo as lianas, do alto, escorram; e o farol
Do dia oculto fique, embora! nas celagens
Negras, no horror do céu proceloso! As imagens
Das flores aromais brilham pelo pendor
Dos barrancos com o mesmo insólito esplendor
Enquanto, euclásia em fogo, impávida e virente,
Deflui – cônica do seu artístico valor –
Uma ilhota descendo o rio, belamente!

Tímido, recatado, humílimo, pequeno,
O meu estro não pode eternizar-se em prol
Da deusa que lhe faz, como a sorrir, o aceno
Aliciante da Glória! – Infeliz caracol,
Deve apenas, de longe, esguardar as romagens
Das nuvens, e os cordões alígeros, e as viagens
De frágil montaria indígena – ao vigor
Ágil de temerário e cauto remador



Impelida; e, agravando a majestade ambiente
E a tristeza do olhar do íncola sonhador,
Uma ilhota descendo o rio, belamente!

Ofertório

Ó minha Musa! Irmã das nove Musas! por
Ti, por teu vitorioso e resignado amor,
É que evoco, ritmando o meu sonho clemente
E profícuo, lembrando a graça de um andor,
Uma ilhota descendo o rio, belamente!

Trovas

Recolho-me, querida,
Ao teu carinho suave,
 Como uma ave
Ao ninho de frouxel.

A minha triste vida
(Não fora o teu carinho)
Seria o mau caminho
 De Lusbel!

O teu perfil de esboço
Pré-rafaelita é a bênção
Dos meus versos – que o incensam
 Com amor!

Já foste o ideal do moço
E serás do enfadonho
 Velho o sonho
Supremo de Arte, flor...

Alma Feminina

Esse, que aí vês, altivo cedro, é o mais
Antigo cedro desta redondeza.
Contam que à sombra dele, em tempos idos,
Vinham sentar-se os índios destemidos,
Os belicosos índios ancestrais,
Nas horas vãs da tropical moleza.

Vou derrubá-lo agora.
E, ela, cismando: – Lendas do sertão...
Histórias doces de tristeza... E implora:
– Não nos profanes, não!

II

A parasita, que buscava, achei-a.
Ei-la, querida, a tua flor. Pompéia,
Num resplendor de folhas verdes, tal,
Entre esmeraldas, um rubi fulgura.

– A realidade, meu amigo, embaça
Qualquer motivo de contentamento.
Julgava que tivesse menos graça
Mas... mais perfume e delicado acento
Na cor, e mais bizarra contextura,
Jóia da selva – a catlêia real!

III

Sabes? – Fenece o teu canteiro – aquele
Que mais cuidado te inspirava aos dedos
Finos das mãos com que me acaricias.

Begônias, trevos da Fortuna, esguias
Angélicas de neve o chão repele...

– Mísero chão! desvenda seus segredos!

Teve ciúmes o chão de fantasias...

Página do coração

Não quero mais que profiras
Amuada, e cheia de encanto
Grave, que em meus versos canto
Mentiras.

A alta verdade sonora
De nosso amor imortal
Vibra na luz de uma aurora
Ideal!

Os versos que ora componho,
Longe de ti, nestes ermos,
São claros lírios enfermos
De sonho...

És a alma – a essência discreta
Das lindas flores, querida!
E aromatizas a vida
De um poeta!

É só por ti, pelo aroma
Da tua graça sem-par,
Que esta quadra é uma redoma
De altar!

Nela irradias, (eu penso)
Santa Úrsula! e derramas
Tua caçoila de flamas
E incenso.

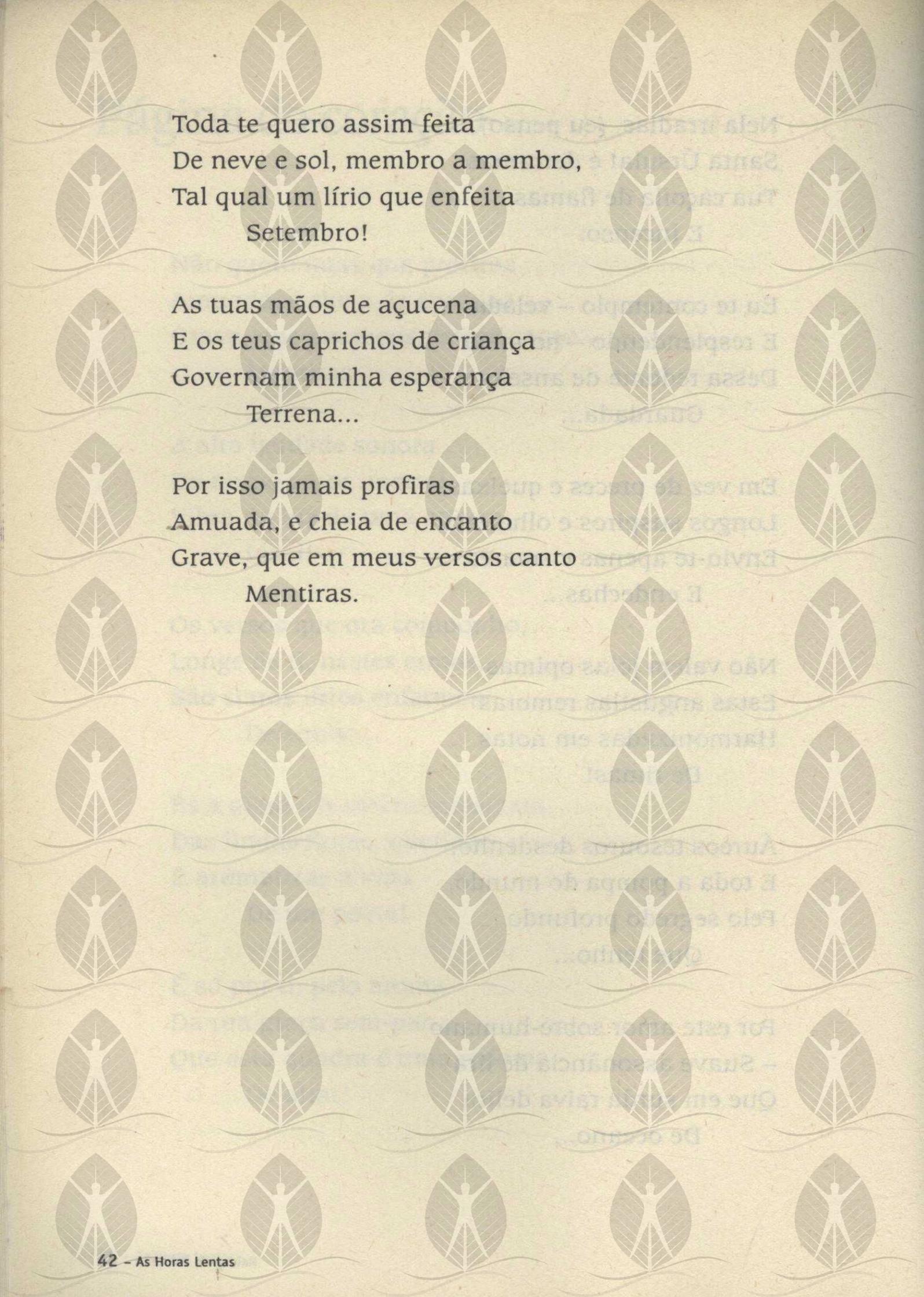
Eu te contemplo – velada
E resplendendo – no meio
Dessa redoma de anseio
Guardada...

Em vez de preces e queixas,
Longos suspiros e olhares,
Envio-te apenas cismares
E endechas...

Não valem jóias opimas
Estas angústias remotas
Harmonizadas em notas
De rimas!

Áureos tesouros desdenho,
E toda a pompa do mundo,
Pelo segredo profundo
Que tenho...

Por este amor sobre-humano
– Suave assonância de lira
Que em surda raiva delira
De oceano...



Toda te quero assim feita
De neve e sol, membro a membro,
Tal qual um lírio que enfeita
Setembro!

As tuas mãos de açucena
E os teus caprichos de criança
Governam minha esperança
Terrena...

Por isso jamais profiras
Amuada, e cheia de encanto
Grave, que em meus versos canto
Mentiras.

Derradeiro alento

Triste de andar à tuna, em vã romagem
Galgando o aclave da Monotonia,
Molesta sorte arrasto, dia a dia,
– Braga de ferro a me impedir a viagem...

Por onde vou, na aspérrima paisagem
De urzes e cardos, pela penedia
Que venço a custo, arfando de agonia,
Alenta-me somente a tua imagem!

Ó flor do cardo! Ó graça da urze! Ó nuança
Da tarde no penhasco a prumo! – Lenta
Prolongação da sombra da Esperança...

Por que, por mal de tão cansada vida,
Tua beleza druídica aviventa,
Piedosa, o visco da ilusão perdida?

Distância

É tudo mar e céu no sonho de Iracema.
Pelas ondas em flor a proa aventureosa
Levou, como um balsão de chamas, a radiosa
Galanteza do herói da sua dor suprema!

Triste, buscando em vão – de uma extrema a outra extrema
Do espaço – o fugitivo, a musa dolorosa
Preme o seio infeliz como se – voluptuosa,
Ferisse o coração com o espinho da jurema!

De tanto procurar ao longe a vela errante
A finíssima tez ressumbra a mágoa, o Oriente,
O esmaiado matiz das pérolas enfermas...

Ouvindo o longo aiar do oceano, suavemente,
Sob o acalento e a paz de uma palmeira aflante,
Sonha Iracema o sonho azul das praias ermas...

Noel

Difusa em luar, pela neblina,
Divaga a imagem pequenina
De Noel...

É como um sonho de menina
O Deus da lenda de Israel!

Na bruma azul do céu de inverno,
À evocação do amor materno,
Vem e vai...

Dos buces de ouro, como estrelas,
A neve, em plúmulas tão belas,
Leve, cai...

A terra e o céu, resplandecendo,
Mesmo em nivor, ardem, tremendo
De emoção!

A áurea presença do Messias
Enche de luz e melodias
O espaço e nosso coração!

Eras a fora, por milênios,
Enquanto houver crianças e gênios,
Como um luar,
Da noite alegre há de, sublime,
Surgir Noel – remindo o crime
Secular!

Cantiga

Meu coração que te quer
Com delicados extremos,
Às flores diz: – celebremos
O dia desta mulher!

E as flores, rindo em perfumes,
Cantam a glória do dia
Em que nasceste, alegria,
Mel destes meus azedumes!

E o sol, ouvindo dizer
Às flores o que eu te digo,
Também festeja comigo
Teu dia, minha mulher!

Estâncias

Espírito gentil do lar, nume jucundo,
Alâmpada votiva acesa ao doce brilho
Do Sonho, como um sol de primavera, o filho,
A flor, a graça enfim da aspereza do mundo,

Edulcora a paixão terrena e abre horizontes
De oceano em calmaria aos olhos da alma – aflitos,
Onde, petróis do amor, desesperos e gritos
O remígio retém, cansados de transmontes!

À angústia paternal e à carícia divina
Das mães, carícia que é o arminho da ternura,
O filho, torturando e esplendendo, ilumina,
Como um sarçal de fogo, o Sinai da Ventura!

No silêncio e na sombra em que meditas, poeta,
Folheando com tristeza o ementário tristonho
Da Vida, vê: – teu filho, à tua dor discreta,
É haste de lírio a arder na chama do teu Sonho...

Alvorecer

O sol, dourando as árvores, transmonta.
A terra e o céu, na glória do arrebol,
Enchem-se de alegria e de perfumes!

Parece que, de ponta a ponta,
O mundo é um tabernáculo de lumes,
Maravilhoso, fúlgido crisol!

Rutila em tudo a luz da matinada!
O rio é como límpido cristal...

Há sol na própria voz dos passarinhos!

A Natureza despertada
Pela algazarra musical dos ninhos,
Desabotoa as flores do pradal.

Madrugador, contemplo satisfeito
O fino friso róseo do cariz...
Meus olhos pasmam no esplendor do dia!

A viração nutre meu peito
De saudáveis perfumes e alegria!
E, homem e poeta, sinto-me feliz.

No alvorecer amável, na esplendente
Sinfonia da rorida manhã,
Bendigo o Deus do Amor, o Deus da Vida!

E o sol hesita no nascente...
Acordando a paisagem re florida
Para a aleluia orgiaca de Pã!

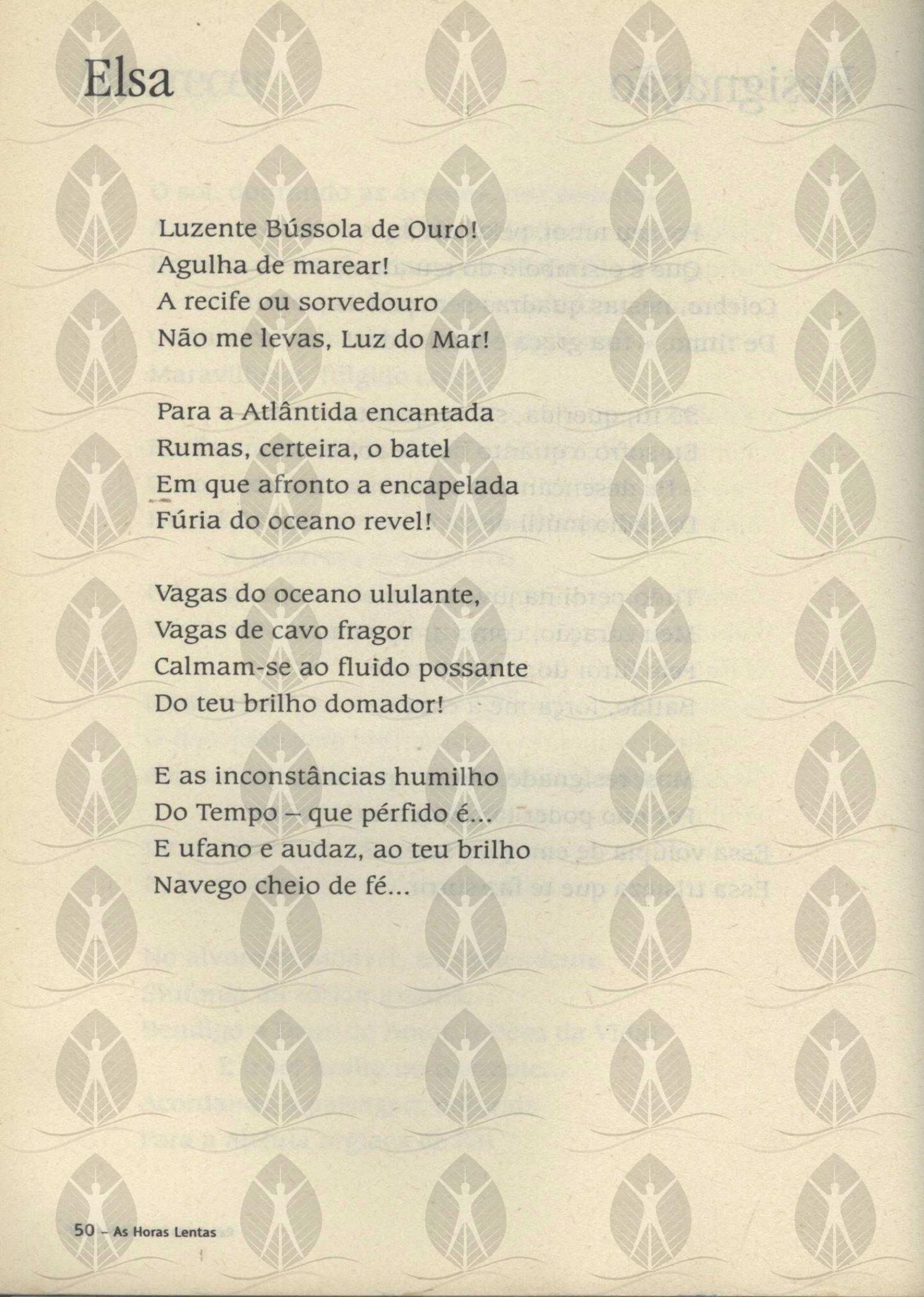
Resignação

Por teu amor, pela carícia
Que é o símbolo do teu amor,
Celebro, nestas quadras sem perícia
De ritmo, – tua graça e minha dor!

Só tu, querida, sabes quanto
Eu sofro e quanto hei de sofrer
– De desencanto em desencanto –
Do tédio inútil de viver!

Tudo perdi na juventude...
Meu coração, como um pomar
Pelo furor do inverno rude
Batido, força-me a chorar...

Mas, resignado, choro apenas
Por não poder também sentir
Essa volúpia de emoções serenas,
Essa tristeza que te faz sorrir...



Elsa

Luzente Bússola de Ouro!

Agulha de marear!

A recife ou sorvedouro

Não me levas, Luz do Mar!

Para a Atlântida encantada

Rumas, certa, o batel

Em que afronto a encapelada

Fúria do oceano revel!

Vagas do oceano ululante,

Vagas de cavo fragor

Calmam-se ao fluido possante

Do teu brilho domador!

E as inconstâncias humilho

Do Tempo – que pérfido é...

E ufano e audaz, ao teu brilho

Navego cheio de fé...

Vesperália

Em coágulos de sol o horizonte se alenta...
Perdida no ar fretene a cigarra – sumin-
Do infundamente a voz no ouro da tarde lenta
– Surdina de saudade a gemer dentro em mim...

Na paisagem lilá perpassa, macilenta,
A lembrança da cor fictícia do carmim;
E, na desolação da hora que desalenta,
Balsamiza a tristeza o aroma do jasmim...

O Madeira, ao longor das margens verdes, canta...
No ludroso cristal das águas refletindo
As nuvens... e o fulgor do mistério cristão!

O instante vesperal Vênus radiosa encanta...
E – mais clara – resplende... o nosso amor sentindo
Igual ao doce amor de Isolda e de Tristão!

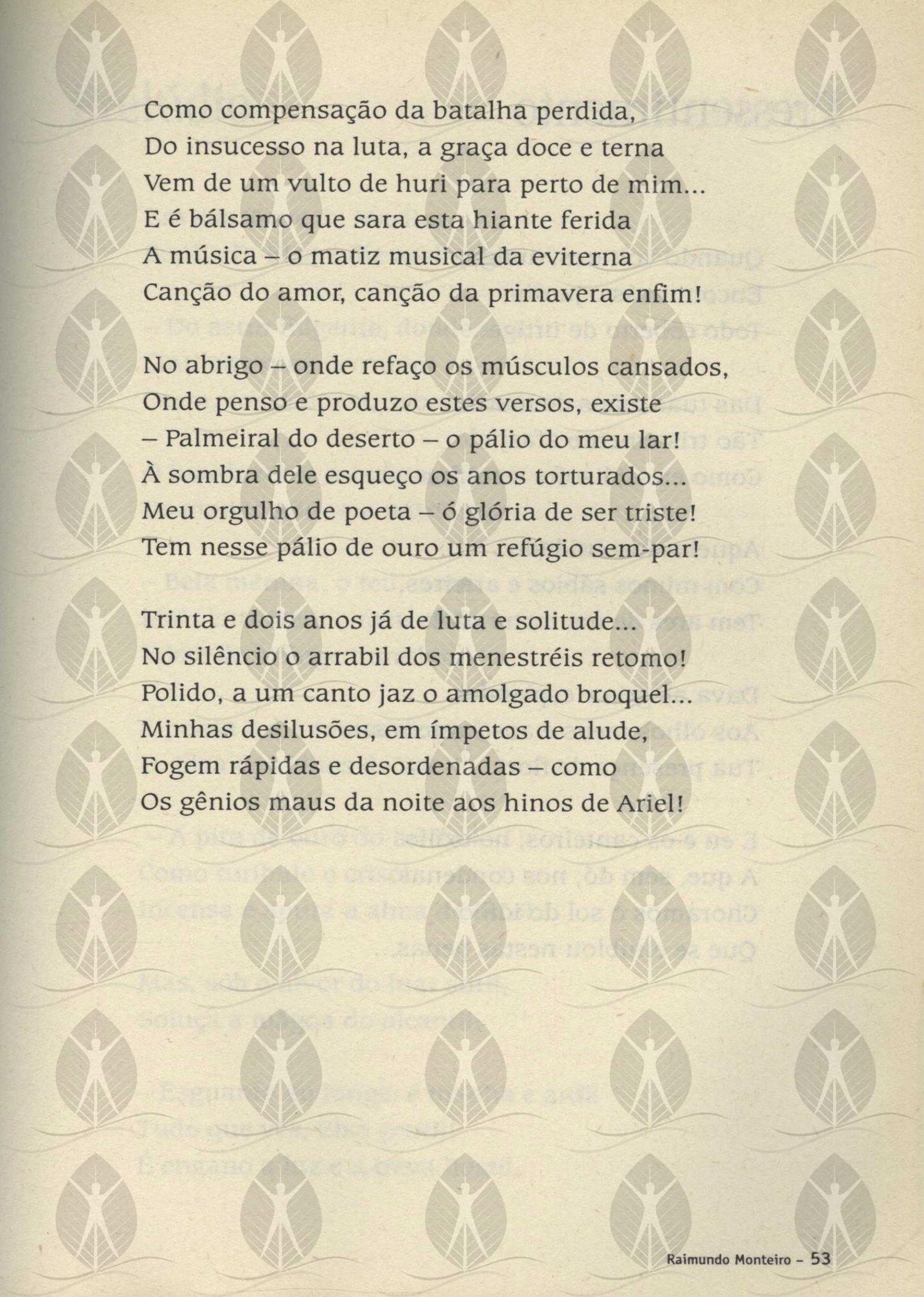
Epinício

Trinta e dois anos já... Trinta e dois anos frustrés...
Nada hei feito. Perdi meu tempo. Obscura sorte...
Nos pântanos da vida as plantas chafurdei!
E nem sequer colhi as ninféias lacustres
– O lodo e o matupá que a lua, em seu transporte,
Ama com o puro amor que eu sempre te votei...

Vazias trago as mãos da tentada colheita...
Não bastava ao meu sonho o nosso afeto em suma!
Era justa e precisa a radiosa ambição!
Não tem limites, não, o alor de uma alma eleita!
Os remígios triunfais expandem-se na bruma
Na ânsia de espaço e sol, na ânsia de agitação!

Os prélios, que travei, perdi-os... que a Derrota
Os passos me acompanha e meu esforço abate!
Por medalhas ostento a escara e a cicatriz...
A ignota iniciação da minha dor ignota
Faço-a na confusão de incessante combate,
Sem desânimo, sem abaixar a cerviz!

A pênula do Sonho, esfarrapada, no ombro
Me flamejando como auriflama de guerra
Torce em ritos de inveja a boca do burguês!
De pé, na solidão das ruínas, sobre o escombro
Do que eu podia ser, ainda bendigo a terra
Onde amei e sofri pela primeira vez...



Como compensação da batalha perdida,
Do insucesso na luta, a graça doce e terna
Vem de um vulto de huri para perto de mim...
E é bálsamo que sara esta hiante ferida
A música – o matiz musical da eviterna
Canção do amor, canção da primavera enfim!

No abrigo – onde refaço os músculos cansados,
Onde penso e produzo estes versos, existe
– Palmeiral do deserto – o pálio do meu lar!
À sombra dele esqueço os anos torturados...
Meu orgulho de poeta – ó glória de ser triste!
Tem nesse pálio de ouro um refúgio sem-par!

Trinta e dois anos já de luta e solitude...
No silêncio o arrabil dos menestréis retomo!
Polido, a um canto jaz o amolgado broquel...
Minhas desilusões, em ímpetos de alude,
Fogem rápidas e desordenadas – como
Os gênios maus da noite aos hinos de Ariel!

Pressentimento

Quando voltares, amiga,
Encontrarás o jardim
Todo coberto de urtiga...

Das tuas mãos de marfim
Tão tristemente afastado,
Como eu – já sofre sem-fim...

Aquele sítio cuidado
Com mimos sábios e arteiros,
Tem ares de um torturado!

Dava alegria e esplendor
Aos olhos meus e aos canteiros
Tua presença de flor!

E eu e os canteiros, no exílio
A que, sem dó, nos condenas,
Choramos o sol do idílio
Que se enublou nestas penas...

Prelúdio

Em sua Torre de Marfim
Sonha D. Elsa e diz assim:

– Do astro fulgente, donde vim,
Cintilamentos de rubim
Caem, como flores, sobre mim!

O luar luzente a escuta, o luar
De manso põe-se a murmurar:

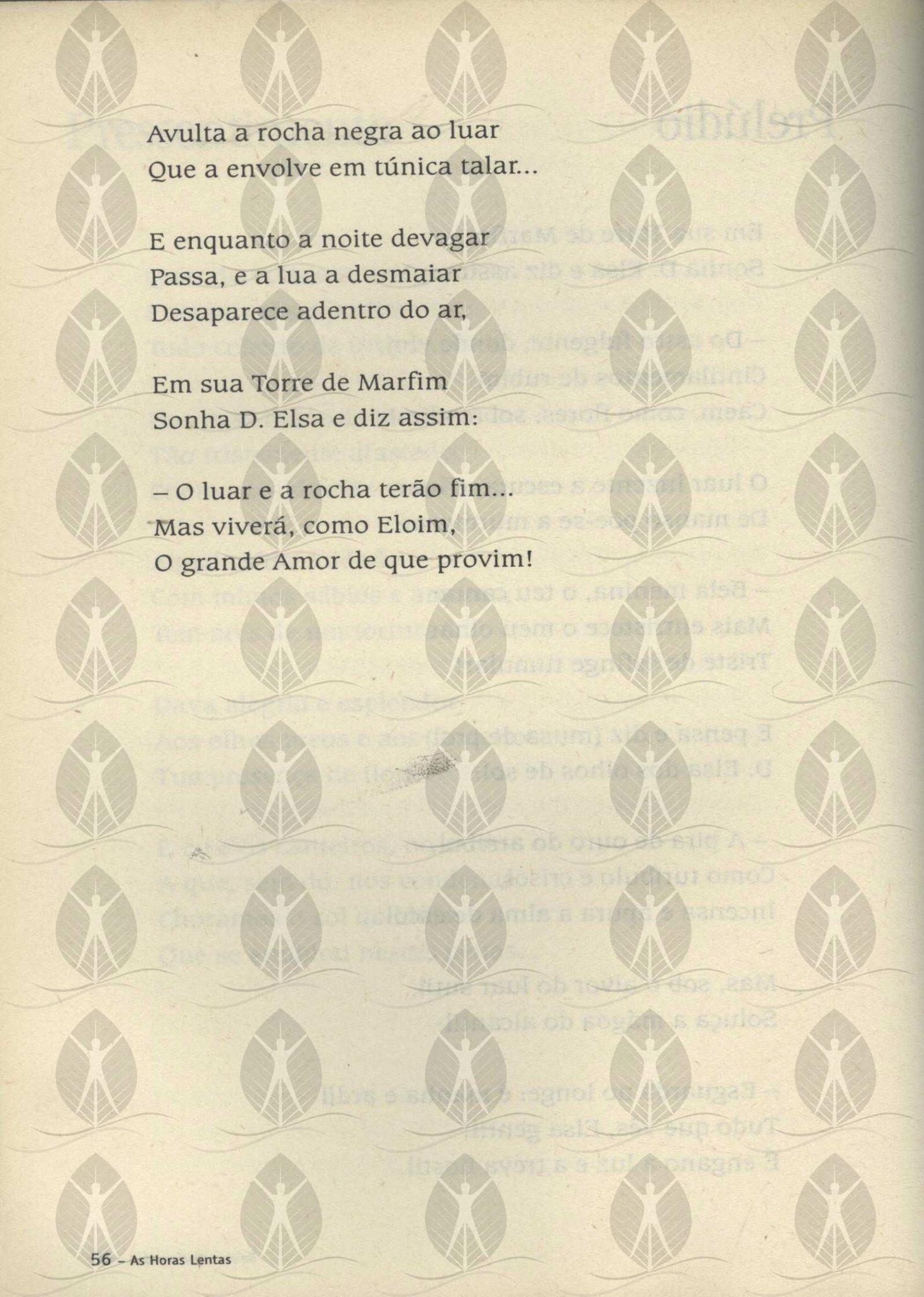
– Bela menina, o teu cantar
Mais entristece o meu olhar
Triste de esfinge tumular!

E pensa e diz (musa de prol)
D. Elsa dos olhos de sol:

– A pira de ouro do arrebol,
Como turíbulo e crisol,
Incensa e apura a alma de escol...

Mas, sob o alvor do luar sutil,
Soluça a mágoa do alcantil:

– Esguarda ao longe: é manha e ardil
Tudo que vês, Elsa gentil!
É engano a luz e a treva hostil.



Avulta a rocha negra ao luar
Que a envolve em túnica talar...

E enquanto a noite devagar
Passa, e a lua a desmaiar
Desaparece adentro do ar,

Em sua Torre de Marfim
Sonha D. Elsa e diz assim:

– O luar e a rocha terão fim...
Mas viverá, como Eloim,
O grande Amor de que provim!

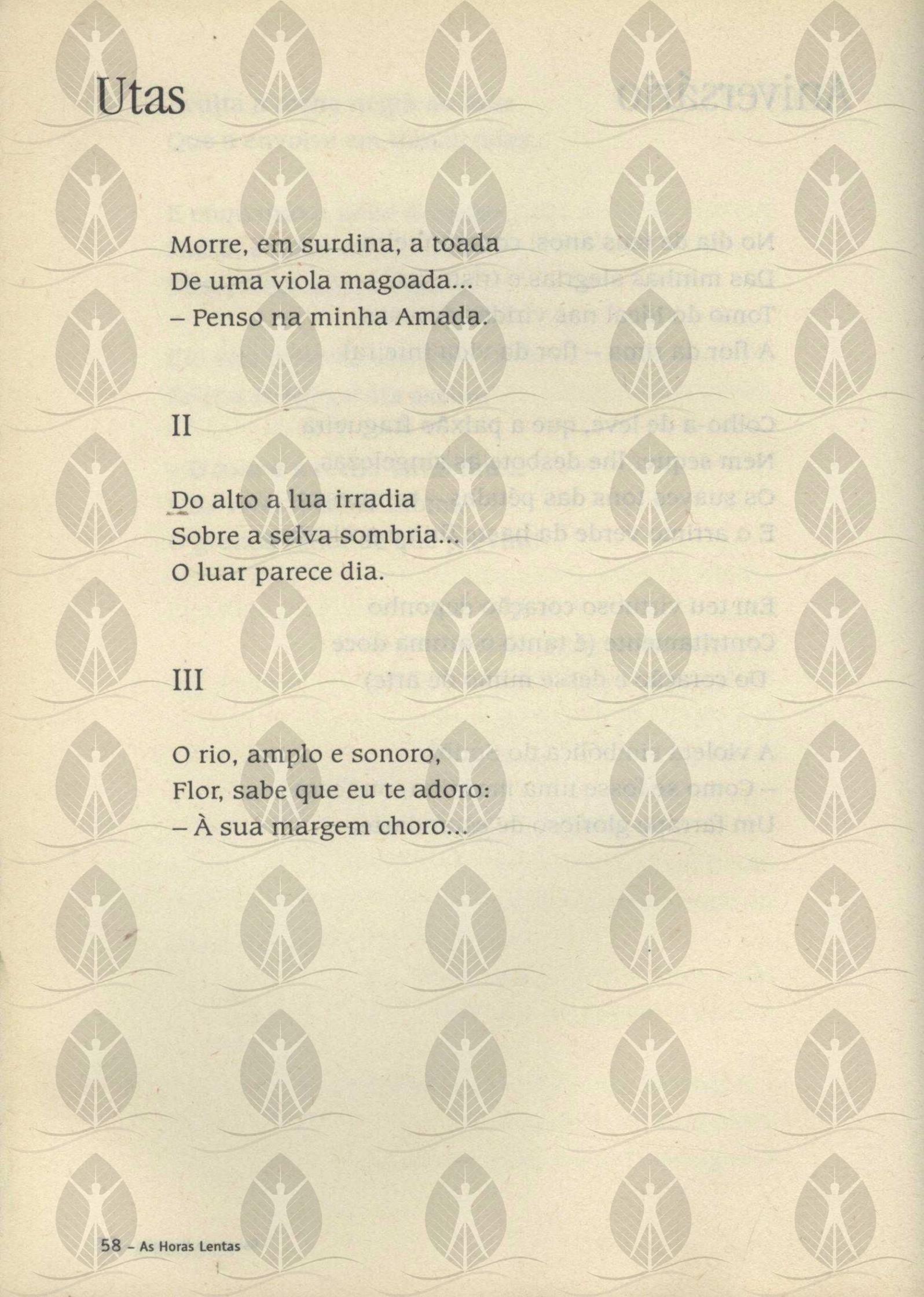
Aniversário

No dia de teus anos, companheira
Das minhas alegrias e tristezas,
Tomo do Ideal nas vírdes devesas
A flor da rima – flor da vida inteira!

Colho-a de leve, que a paixão fragueira
Nem sequer lhe desbote as singelezas,
Os suaves tons das pétalas – turquesas
E o arrimo verde da haste fina e aceira!

Em teu virtuoso coração deponho
Contritamente (é tanto o aroma doce
Do coração e desse mimo de arte)

A violeta simbólica do Sonho
– Como se fosse uma medalha, ou fosse
Um farrapo glorioso de estandarte!



Utas

Morre, em surdina, a toada
De uma viola magoada...
– Penso na minha Amada.

II

Do alto a lua irradia
Sobre a selva sombria...
O luar parece dia.

III

O rio, amplo e sonoro,
Flor, sabe que eu te adoro:
– À sua margem choro...

Consolação

A intensa luta vim do meu recolhimento
Com o sonho audaz à frente e ao peito a ânsia leonina
De vencer ou morrer nesse cometimento
Em que era meu escudo a minha própria sina!

Esfarrapada a Crença – áureo pendão de guerra –
Pelo campo do prélio ardente refulgia,
Como a glória do sol na esplanada da serra,
Ou como sobre o mar o delubro do dia!

Quando, exausto, buscava – à sombra da Esperança –
O repouso e o vigor necessários à luta,
Ao derredor de mim a imagem de uma criança,
Brincando, suavizava a atra paisagem bruta!

E essa imagem sutil de fantasia alada,
Miragem, luz, amor de minha vida triste,
Agora, que venci a batalha travada,
Os instantes de paz, ainda brincando, assiste...

René

Na tua idade, pequenino
Ser que constrinjo nestas trovas,
As alegrias, como novas
Corças, cabriolam – sem destino.

O bem e o mal, que tu renovas,
Na tua idade apenas são
Lindos motivos para trovas,
Coisas sem significação!

Assim, porque nas minhas trovas
Falar em ti, travesso amor?
Como estraçalhas bruxas novas,
Rasgas meus versos – sem furor...

Na tua idade, pequenino
Roldão! prescinde-se de trovas
E as durindanas, sempre novas,
Abrem clareiras ao destino...

Canto real da árvore

Grande árvore isolada ao centro do caminho
Que em moroso corcel, dia a dia, a cismar
Em coisas vãs percorro – existe; oculto, o ninho,
Nas ramagens construiu um pássaro sem-par.
Plangendo, ouço-lhe a voz tristíssima perdida
Na verde confusão da fronde re florida,
Como se acaso ouvisse o eco da própria voz
Lamentando, lá do alto, o meu destino atroz!
E refreio a alimária à sombra panteísta
Da árvore secular estriada de cipós
– A bendizer o meu nervosismo de artista!

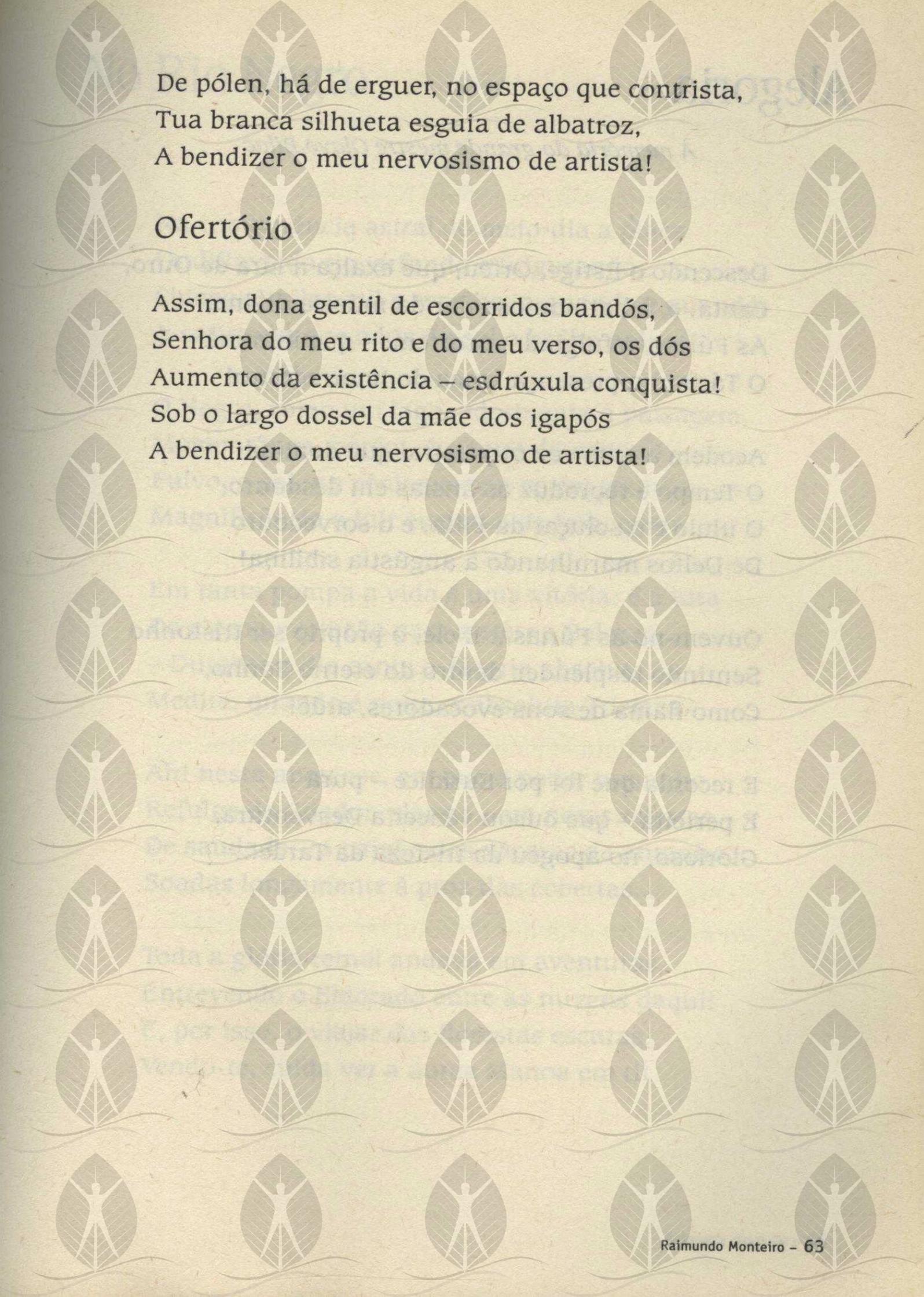
Quando, a pino, o sol fulge, há trêmitos de arminho
E ouro na ramaria esplêndida a oscilar
Os recurvos pendões em surdo burburinho
De areia a se mover aos zéfiros do mar...
Claras, as flores dão à copa verde a vida
Fluida de uma porção de falenas em lida
Ao mesmo tempo alçando a surtida veloz
E não voando – querendo ir cada qual após...
Se o incauto vento sopra e uma desprende, a vista
Distraio a namorar-lhe a graça... e penso em nós...
A bendizer o meu nervosismo de artista!

Panida, à encantação das dríades, sozinho,
Na sombra e no rumor da selva a recordar,

Emento, recompondo-o, o poema de carinho
Sonhado, verso a verso, ao teu claror de luar...
A cena derredor é a paisagem querida
Da Esperança que traz a minha alma iludida
Presa às tramas iriais de intrincado retrós...
Mas, porque, contemplando a tortura dos nós
Que a Natureza impôs a essa árvore, egoísta,
Não maldigo o furor do inconsciente feroz,
A bendizer o meu nervosismo de artista!

Balança, no sagrado umbror, em desalinho,
A fronde, ramalhando ao vento, a flabelar...
E, pêndulo também o espírito, definho
Sobre o eléboro em flor do sonho a desvairar!
Do divo sol, em cima, a luz compadecida...
Embaixo, a veludez dos musgos... E esbatida
Por tudo a evocação dos vinhedos de Kós!
E eu fico a me sentir cada vez mais a sós...
Quantas léguas de mim teu amor então dista,
Amada – por quem surge uma raça de avós
A bendizer o meu nervosismo de artista!

Grande árvore... Comparo o meu fado mesquinho
Ao seu: a mesma dor de solidão – pesar
De solidão nos punge. Esse mesmo remoinho
Que as franças lhe sacode, há de, pelo atro algar
Dos desenganos, esbalgir a dolorida
Florescência lilá da Saudade nascida
Na distância do azul; e, à voluta dos pós
Tenuíssimos da paina evolando-se em mós



De pólen, há de erguer, no espaço que contrista,
Tua branca silhueta esguia de albatroz,
A bendizer o meu nervosismo de artista!

Ofertório

Assim, dona gentil de escorridos bandós,
Senhora do meu rito e do meu verso, os dós
Aumento da existência – esdrúxula conquista!
Sob o largo dossel da mãe dos igapós
A bendizer o meu nervosismo de artista!

Alegoria

À memória do grande mestre Olavo Bilac

Descendo o Estige, Orfeu, que exalça a Lira de Ouro,
Canta; e, à harmoniosa dor da música divina,
As Fúrias, refulgindo, acorrem: – que ilumina
O Tártaro a presença ígnea do Imorredouro!

Acodem a essa voz orquestral que domina
O Tempo e reproduz as ânsias em desdouro;
O ululo e o soluçar da Pítia; e o sorvedouro
De Delfos marulhando à angústia sibilina!

Ouvem-no as Fúrias... E ele, o próprio ser tristonho
Sentindo resplender, dentro do eterno Sonho,
Como flama de sons evocadores, arde!

E recorda que foi por Eurídice – pura
E perfeita – que ousou vencer a Desventura,
Glorioso, no apogeu da tristeza da Tarde...

No Rio Negro

Na comburência astral do meio-dia a placa
Undiflava do rio, arfando e fulgurando,
Chispa cintilas mil e espelha, a quando e quando,
A safira em que a luz do sol o brilho aplaca!

O Negro, como um lago, adormenta a paisagem...
Momentâneo, porém, é o sono da caudal!
Fulvo, o sol, no zênite, excita-se em triunfal,
Magnificência a luir eucladas de folhagem.

Em tanta pompa a vida é uma vitória; é a luta
Da eterna evolução para a eterna Beleza!
– Durante o dia canta a Alegria absoluta...
Medita, quando é noite, a absoluta Tristeza...

Ah! nesta apoteose, em que o poder tamanho
Refulge do Criador, plange – em notas refertas
De saudade – a paixão das xácaras de antanho
Soadas longamente à proa das cobertas...

Toda a glória reinol andava em aventuras,
Entrevendo o Eldorado entre as nuvens daqui!
E, por isso, o viajar das florestas escuras,
Vendo-te, cuida ver a áurea Manoa em ti!

Em ti, nova cidade esplêndida, a Poesia
O empório vê também de toda a raça humana!
– As maravilhas da quimera de Orellana
Continuam a arder ao sol do meio-dia!

Ó fulgural diamante em ônix engastado!
Ó Manaus, ó Manaus, das porvindouras eras!
Na visão do futuro irradias e imperas,
Tu, grande capital de um povo iluminado!

Orgulho do Brasil, ó Terra Prometida!
Amazônico vale ubérrimo! de certo,
O esforço universal, em século já perto,
Fará do solo teu o celeiro da Vida.

A esse tempo, em seguro alor, os albatrozes
De magnésio permutarão ricas mercancias
E tu, rio de lenda, ao barulho das vozes
Da urbe, ainda sentirás o sol das puras ânsias...

Este sol que me induz à audácia de prever
Ampla, maior Paris nestas palustres zonas...
– Que, sempre, sobre ti, o sol perpétuo, a arder,
Dará lustre e esplendor às coisas do Amazonas!

Pinheiro morto

A Emílio de Menezes

Tombaste. O furacão, que te esgrenhava a cima,
Esfolhando-a, sem dó, prostrou-te sobre a greda...
E, sem mel nem silhal, das abelhas da rima
O enxame debandou, zumbindo, à tua queda!

Prantivamente voz de oréada segreda:
– O orgulho do pinhal, a glória deste clima,
Tal o bisso aureolar da teia em que se enreda
A aranha, lá se esfez, com a pompa que o sublima!

Abriste, ao teu fragor, um claro na montanha...
Procelárias, em coro, enchem de litania
O ádito dos grotões e o marulho das angras!

Glorioso, como um deus vencido pela sanha
De Jove, e a perpetuar o choro da agonia,
A preciosa resina em bálsamo dessangras!

A um Poeta que morreu

Cansado, lá se foi para o Silêncio, o Poeta...
O claror, o clangor da Vida, em pleno estio,
E o encanto de trovar em metro correntio
Deixou – à compaixão da Musa predileta!

Cigarra do verão, cheia de sol, o frio
Regélido temendo à senectude, e a abjeta
Penúria de pedir à formiga repleta,
Morreu – para reter o Sonho fugidio...

E entre altos mausoléus de mármore, olvidado,
Longamente dormir seu sono de troveiro,
Tão ditoso de ser tão mal recompensado!

– O aedo, o tangedor da lira comovente,
Como um travo sentiu, no pranto derradeiro,
A tristeza de haver cantado inutilmente...

Pastoral

A alma – que anima a paisagem
Crepuscular –
Acorda a verde miragem
Do teu olhar...

Bosque de aloés e palmeiras,
Pelo sol-pôr,
Amenizando as canseiras
De algum viajor...

De pobre pária sem rumo
Que busca, a ansiar,
Pouso de sombra... em resumo:
O teu olhar.

E Pã, da flauta encantada,
Dentro de mim,
Solta a canção namorada
Que não tem fim...

Luminosa

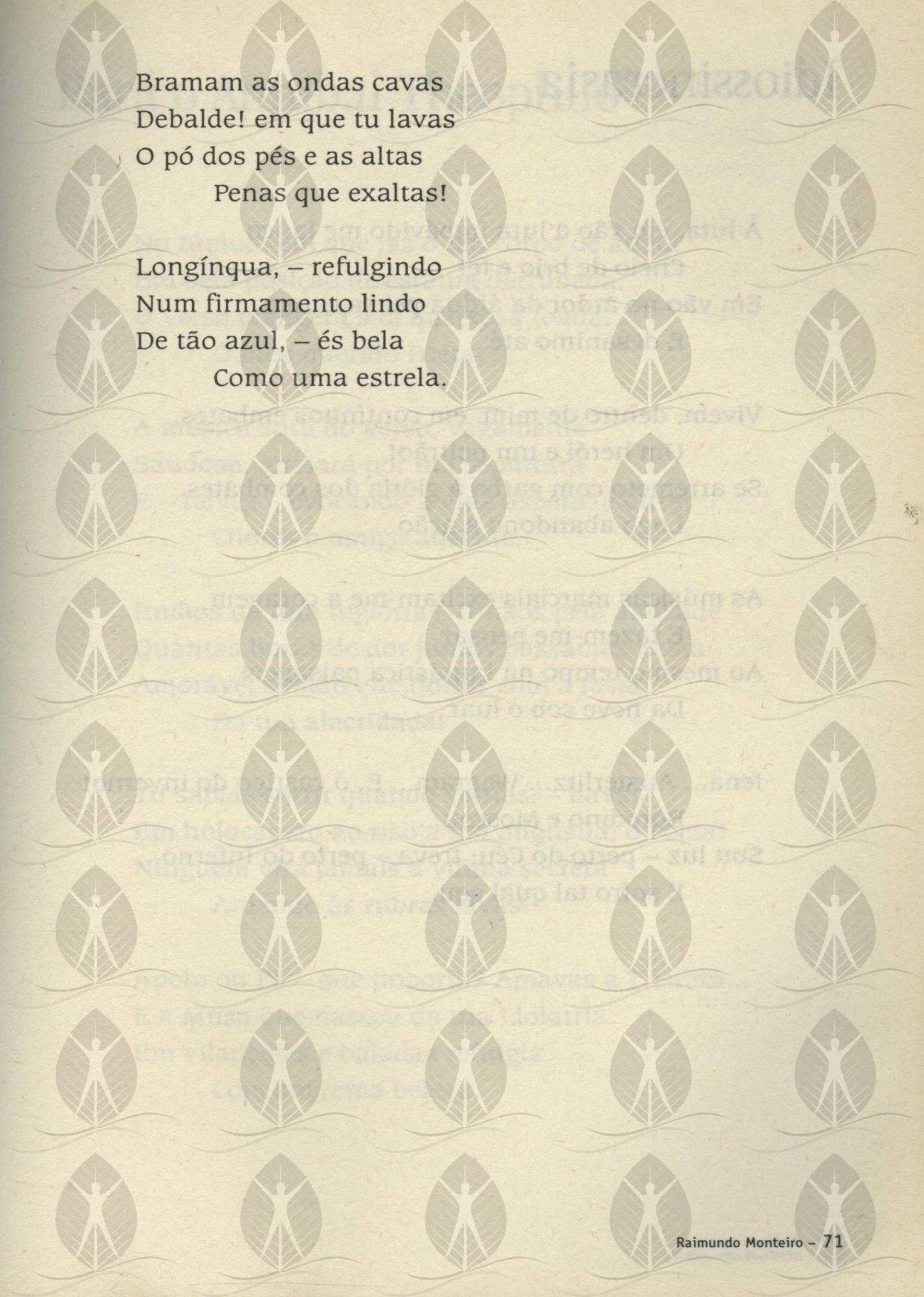
Brilhas, como uma estrela
No azul do céu, tão bela!
Ao teu fulgor cintila
A bruta argila.

Branca, na estrada aberta
Na savana deserta
A argila, à luz da estrela,
Esplende, bela.

À luz que fulge e passa,
No mistério e na graça
Da imaterial beleza,
Quanta tristeza!

Ao teu clarão de diva
A falange deriva
Dos poetas – à beleza
Da áurea Tristeza!

Serenamente estranha
Ao dilúvio que banha
As cordilheiras altas,
Tu não te exaltas.



Bramam as ondas cavas
Debalde! em que tu lavas
O pó dos pés e as altas
Penas que exaltas!

Longínqua, – refulgindo
Num firmamento lindo
De tão azul, – és bela
Como uma estrela.

Idiossincrasia

À luta, em vão à luta impávido me lanço
Cheio de brio e fé!

Em vão no ardor da árdua peleja canso
E desanimo até.

Vivem, dentro de mim, em contínuos embates,
Um herói e um poltrão!
Se arremeto com garbo à glória dos combates,
Logo abandono a ação...

As músicas marciais excitam-me a coragem
E fazem-me pensar
Ao mesmo tempo na fantástica paisagem
Da neve sob o luar...

Iena... Austerlitz... Wagram... E, ó castigo do inverno!
Borodino e Moscou...
Sou luz – perto do Céu; treva – perto do Inferno...
E sofro tal qual sou.

Para o Annibal Theophilo

No túmulo em que jaz o teu corpo de atleta
Em bela posição de estátua derrubada,
O Verso plangerá sua queixosa toada,
Ó meu querido Poeta!

A música sutil do Verso, vagamente
Saudosa, guaiará por tua sepultura...
E – talvez – evocando a vida áspera, e dura,
Chores o amigo ausente.

Irmãos na luta inglória – irmãos pela amizade –
Quantas horas de dor juntos passamos nesta
Amorável soidão que florias com a festa
Da tua alacridade!

Tu sabias sorrir quando sofrias: – davas
Em holocausto ao riso a tua angústia, ó Poeta!
Ninguém vira jamais a vítima secreta
Ardendo às rubras lavas!

Apolo ou Pã – que importa? Amavas a Tristeza...
E a Musa que nasceu da tua Idolatria
Em vilancetes e baladas refulgia
Com suprema beleza.

A Arte pura da Rima – em Rimas celebraste.
A avena de Camões tocavas com perícia...
Doces notas de amor, de mágoa e de carícia
Dela sempre arrancaste...

E caíste ao furor de ódio estúpido – como
Verde pau-d'arco em flor que a ventania abate!
– Ruy Diaz, não tiveste a glória de um combate
No teu último assomo!

Mas – sobre o peito hercúleo, ó Poeta, a bágoa e bágoa,
Um príncipe gentil essência superfina
Derramou-te, chorando... Ó sagração divina!
Fulgirás nessa Mágoa...

Foste feliz na morte. As Parcas, namoradas
Da tua compleição – discóbolo espartano!
Num fim de Apoteose, em ronda, para o Arcano
Levaram-te, encantadas...

A que passou

Não sei porque, Senhora, em tal espanto
O vosso vulto grácil de princesa
Vendo uma vez, tão de relance, a um canto
De rua, me tomei desta tristeza!

Nas retinas pasmadas de beleza
A vossa graça – de tão suave encanto –
Tranqüila e pura esplende em luar, acesa
À evocação nostálgica do pranto...

O impossível separa-nos, Rainha!
E oculto guardarei o sentimento
Excelso que inspirais com a vossa graça!

Humilde e casto, neste isolamento
De artista obscuro, mantereis a linha
Dos que se nobilitam na desgraça...

II

Altar de mármore branco,
Entre roseiras, ergui.
Falta, porém, qualquer coisa
Ali...

Juno, modelo de esposa
E deusa, ficava bem
No altar de mármore branco,
Também.

Bruna, com o peplo de treva
Sobre a eurítmica esveltez,
Exalçaria a homenagem,
Talvez,

Do menestrel sem vantagem
Que, cansado de esperar,
Ainda, crédulo, eleva
O altar...

III

As rosas de todo o ano,
Rosas de amor, belas rosas,
Triunfando em viço profano,
Brilham ao sol, perfumosas.

Por entre a verde folhagem
Do roseiral, como brando
Fogo ateado na paisagem,
Agitam-se, fagulhando.

Vivo contraste! – no engaste
Do roseiral todo em flor,
As rosas são o contraste
Das sutilezas do amor...

Em torno à votiva pedra
Ao culto de Eros erguida,
A áspera urtiga não medra,
Nem a papoula tem vida.

Só rosas de todo o ano,
Perenemente florindo,
Rondam, num círculo ufano,
O altar de mármore – lindo...

IV

No roseiral dos versos da Saudade
O vosso altar demorará perdido,
Como em conto de fadas, esquecido
Da multidão e da vulgaridade!

Melhor será que a vossa castidade
Infalível de Juno o vão gemido
E a mágoa do mortal envelhecido
Nem perceba – e nem chore de piedade...

Tão bela e grave passareis, à quieta
Melancolia da desesperança,
O altar e as rosas esquecendo – e o poeta!

Eu ficarei – talhando a pedra dura –
Em meio ao roseiral em que se cansa
Debalde o meu olhar... que vos procura.

Hiperbórea

Entre as polares geleiras
Nascida – Aurora Boreal –
Fulges, com suaves maneiras,
No remotíssimo ideal
Das minhas rudes canseiras.

Esguia e bruna, escorreita
Nos apertados vestidos,
Como uma deusa, uma eleita
De deuses dos tempos idos,
Reinas, Beleza Perfeita!

Angelus

Desce a encosta da serra a pastora. O sol cai.
Em busca do redil o rebanho já vem.
Agitam-se, no vale, as árvores – ao ai
Das auras; e o regato agita-se também.

Palpitando, o vergel florido espera o alvor
Macio dos pés dela: – há um frêmito sutil
Em toda a natureza, enquanto, a este sol-pôr,
Desce a encosta da serra a pastora gentil.

Rondó

Pã, evoé! – De tirso à mão,
Como animada floração,
Gritam bacantes, em coréia;
E sátiros, de copa cheia,
Bradam, cantando: – exaltação!

Vindima! E à comemoração
Do eterno culto, em comunhão,
Também Cybele, alto, vozeia:
– Evoé!

Tudo porque nova canção
Tira da avena de ouro, à ação
De ninfa prônuba, que o enleia,
O grande Pã que exulta e anseia
Na encantadora sujeição...
Evoé!

Pentesiléa

A Raymundo Moraes

Foges... No encalço teu açula-se a matilha...

Rompe azinhaga e sebe, e pula, milha a milha,

Sobre vergéis de timo e menta, sem cessar,

Farejando o teu cheiro espalhado pelo ar!

Cheiro de timo e menta – ó gáudio da matilha

Correndo no clarão do teu rasto a ladrar!

Os espelhos dos vaus partindo na carreira,

Gobelinos do bosque e alfombras da clareira

Rasgando, em alarido, atrás de ti se lança

A esvelteza veloz dos galgos da Esperança!

Relinchos de corcel em afoita carreira...

Foges... Não tomarás a brida a essa esquivança?

Susta o galope infrene à borda flórea e a pique

Do Amor – que o teu corcel, nitrindo, mortifique,

Um momento sequer, com o freio, a boca a arder

De uma sede sem-fim de correr, de correr...

Dessa fuga talvez nem a lembrança fique...

– Certo, alguém ficará te esperando... e a sofrer.

Evocação de paisagem

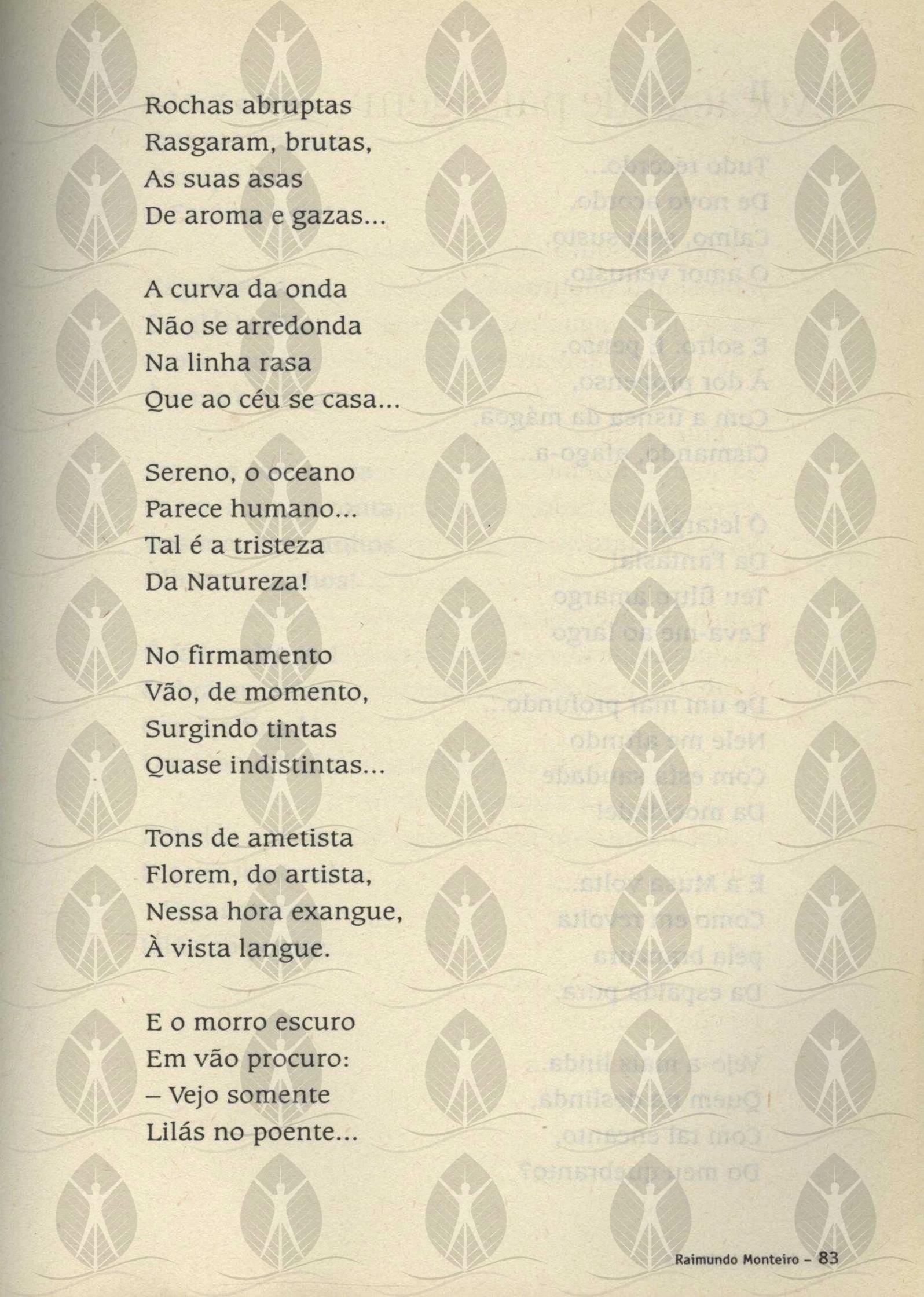
O poente de ouro
Morre em desdouro
Na sombra vaga
Que o morro alaga.

O cardo treme
Ao sonho extreme
Da pedra que arde
Na ara da tarde.

O mar violáceo
– Lago do Lácio
À hora do poente –
Arfa, silente.

À areia clara
E fina aclara
Um resto ainda
Do sol que finda.

Chorando, a aragem
De que paragem
Volta, à agonia
Da maresia?



Rochas abruptas
Rasgaram, brutas,
As suas asas
De aroma e gazas...

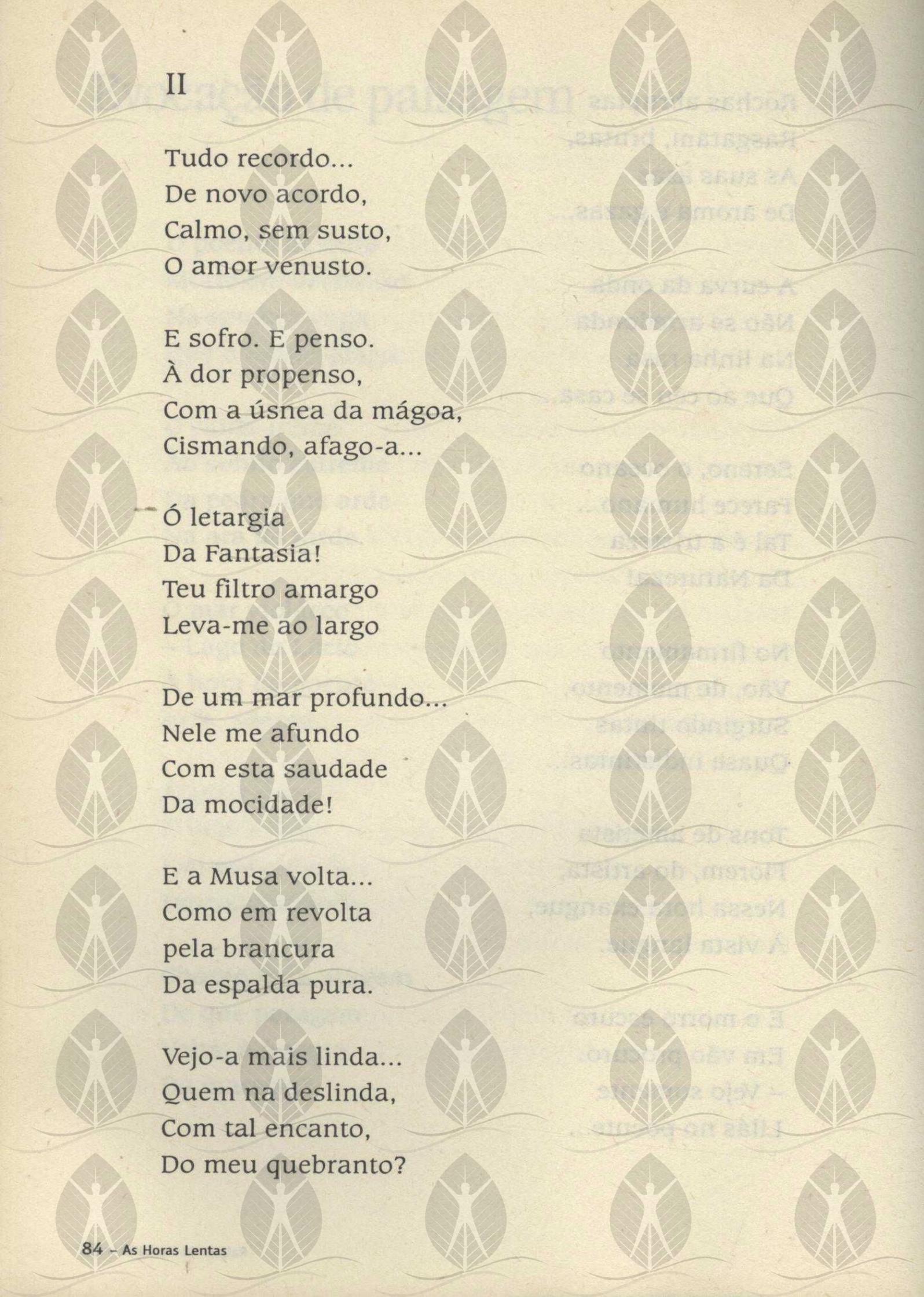
A curva da onda
Não se arredonda
Na linha rasa
Que ao céu se casa...

Sereno, o oceano
Parece humano...
Tal é a tristeza
Da Natureza!

No firmamento
Vão, de momento,
Surgindo tintas
Quase indistintas...

Tons de ametista
Florem, do artista,
Nessa hora exangue,
À vista languê.

E o morro escuro
Em vão procuro:
– Vejo somente
Lilás no poente...



II

Tudo recorro...
De novo acordo,
Calmamente, sem susto,
O amor venusto.

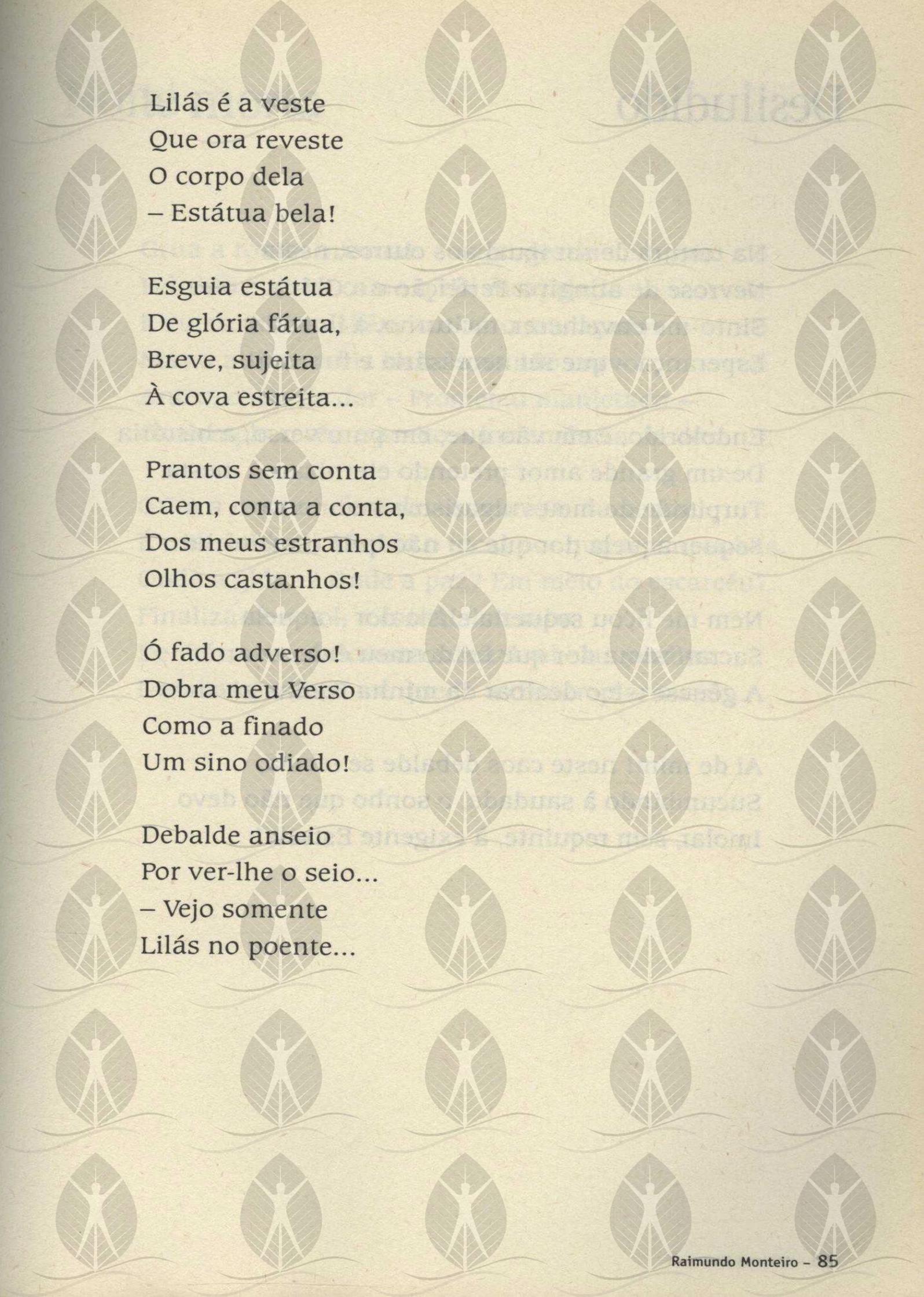
E sofro. E penso.
À dor propenso,
Com a úsnea da mágoa,
Cismando, afago-a...

Ó letargia
Da Fantasia!
Teu filtro amargo
Leva-me ao largo

De um mar profundo...
Nele me afundo
Com esta saudade
Da mocidade!

E a Musa volta...
Como em revolta
pela brancura
Da espalda pura.

Vejo-a mais linda...
Quem na deslinda,
Com tal encanto,
Do meu quebranto?



Lilás é a veste
Que ora reveste
O corpo dela
– Estátua bela!

Esguia estátua
De glória fátua,
Breve, sujeita
À cova estreita...

Prantos sem conta
Caem, conta a conta,
Dos meus estranhos
Olhos castanhos!

Ó fado adverso!
Dobra meu Verso
Como a finado
Um sino odiado!

Debalde anseio
Por ver-lhe o seio...
– Vejo somente
Lilás no poente...

Desiludido

Na tortura de ser igual aos outros, nesta
Nevrose de atingir a Perfeição e a Glória,
Sinto-me envelhecer, taciturno, à ilusória
Esperança – que sei necessária e funesta!

Endolorido, é em vão que, em puro verso, a história
De um grande amor pretendo eternizar: à mesta
Turpitude do meu vulgarismo nem resta
Sequer aquela dor que eu não quis transitória!

Nem me ficou sequer a elísia dor – aquela
Sacratíssima dor que foi do meu enlevo
A gênese – e o dealbar da minha Fantasia!

Ai de mim! neste caos debalde se rebela,
Sucumbindo à saudade, o sonho que não devo
Imolar, sem requinte, à exigente Estesia!

Noite morta

Grita a ronda infernal: – o teu destino é turvo.

Hórrido e turvo como o rio encapelado.

E eu escuto em silêncio o coro ameaçador...

Mas a altiva cerviz humílimo não curvo

Antes, cheio de dor – Prometeu manietado –

Contemplo o céu e aceito a inclemência da dor.

Grita a ronda infernal: – a morte tudo acaba.

É nulo o ideal, é baldo o ideal por que te empenhas.

Onde a glória? Onde a paz? Em meio do escarcéu?

Finaliza-se o sol; a catedral desaba

De mármore; a floresta admirável e as penhas

Desabam! – E eu me quedo a contemplar o céu...

A Crisfal

Em plena floresta virgem
As cantigas de Crisfal
Recito – e aumento o meu mal!
Um as às outras se cingem,
Na talagarça da Dor,
As dele e as minhas cantigas...
– As mágoas são muito amigas
Nas desventuras do amor...

Música de câmara

O noturno expirava – às mãos evocativas
Da Musa amortecendo em pausas emotivas...

As rosas, no azulor das jarras, suavemente
Sensorizadas, escutavam, pensativas...

Na penumbra da sala a violeta do poente
Desmaiava a lembrar volúpias afitivas...

Ao soluço final do noturno, à saudade
De outrora, vi, pensando, as mágoas redivivas,

Libélulas do amor, voando na imensidade
Dos acordes, dos sons, das notas expressivas...

Insônia

Para a noturna treva amplas janelas abro
Em lassa lentidão de langor e de tédio.
Smorzando, o euro soluça, em surdina, o epicédio
Da distância, e endolora o silêncio macabro.

À incerteza visual emerge em descalabro
A rua. A casaria, e os postes – de intermédio,
Lembram velha cidade em véspera de assédio:
– Soldados a velar nichos com candelabro.

Ah! nessa evocação de uma cidade antiga,
No sobrenatural aconchego da treva,
Esqueço por completo a beleza da Amiga...

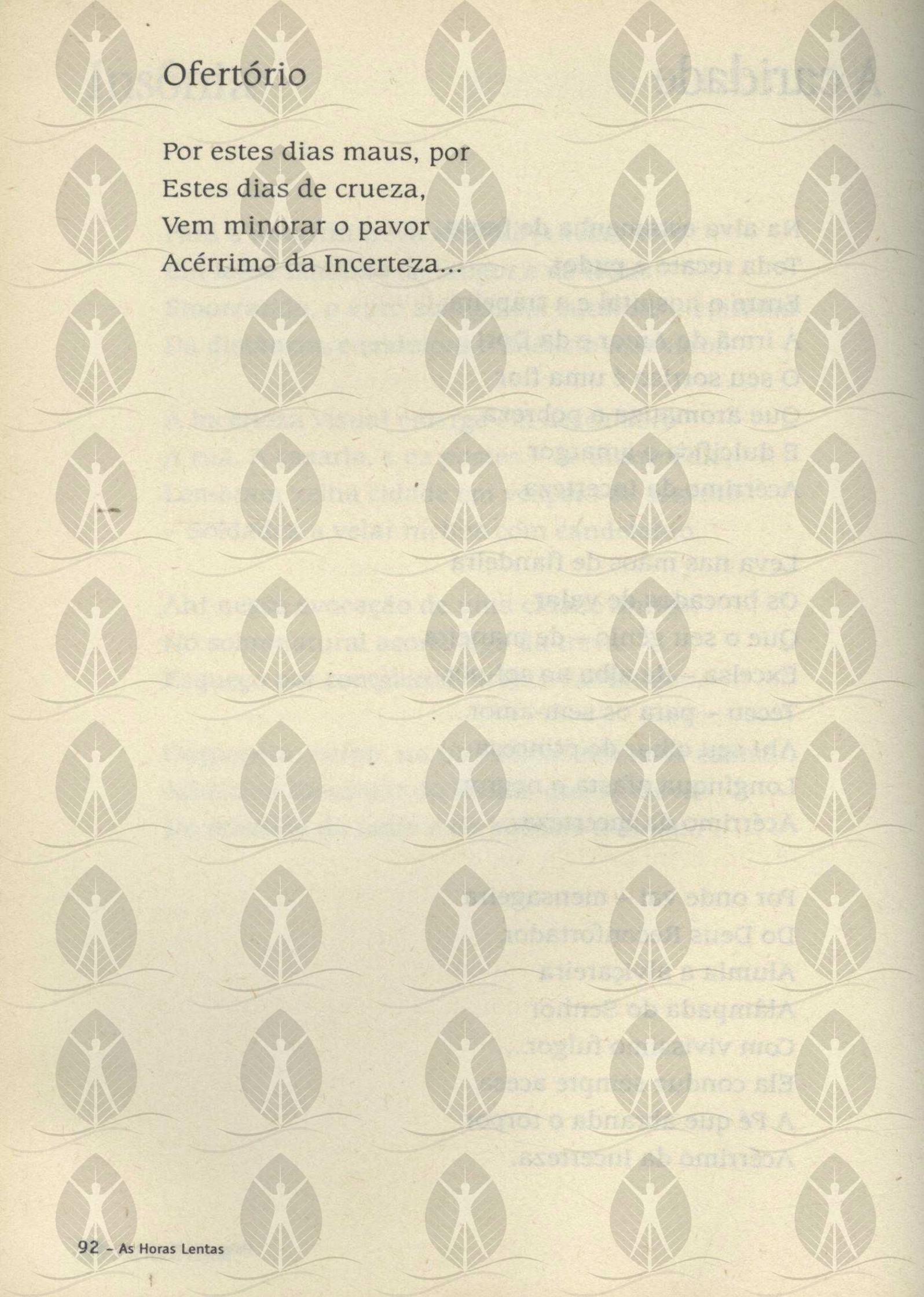
Esqueço-a, enfim, na paz destas horas de calma...
Alheio ao detramar da bruma que se eleva
Do mistério da noite e do silêncio d'alma...

A caridade

Na alva estamenha de freira,
Toda recato e pudor,
Entre o hospital e a trapeira
A irmã do Amor e da Dor!
O seu sorriso é uma flor
Que aromatiza a pobreza
E dulcifica o amargor
Acérrimo da Incerteza.

Leva nas mãos de fiandeira
Os brocados de valor
Que o seu gênio – de maneira
Excelsa – da alba ao sol-pôr,
Teceu – para os sem-amor...
Ah! seu olhar de princesa
Longínqua afasta o negror
Acérrimo da Incerteza.

Por onde vai – mensageira
Do Deus Reconfortador,
Alumia a alviçareira
Alâmpada do Senhor
Com vivíssimo fulgor...
Ela conduz sempre acesa
A Fé que abranda o torpor
Acérrimo da Incerteza.



Ofertório

Por estes dias maus, por
Estes dias de crueza,
Vem minorar o pavor
Acérrimo da Incerteza...

Vilanela

Tatá Level, gênio e menina,
Com o alto prestígio da Arte e a graça
Da idade em flor, pasma e domina.

Quem se embeveça à tecla fina
Vendo-lhe as mãos de ebur sem jaça,
Tatá Level, gênio e menina,

Prevê que ao triunfo se destina
E à glória que se não esgaça
Leve, sutil, como neblina...

Ao próprio Schumann, na surdina
Da angústia musical, embaça
Tatá Level, gênio e menina!

Faça-se, ao piano, Melusina...
Érato, Erínia e Hebe se faça,
Na arte em que excele, e em que é divina,

É sempre grande a pequenina
Musa do Som que jamais lassa...

Tatá Level, gênio e menina,

Leve, sutil, como neblina...

Utas

As árvores dos caminhos
Curvam-se cheias de ninhos...
– E nós passamos sozinhos.

II

Sobe, cansada, a ladeira
Da montanha, a pegureira...
– Imagem da vida inteira.

III

O meu jardim, ao sol poente,
Parece que fica doente...
– É como o sonho da gente.

Desespero

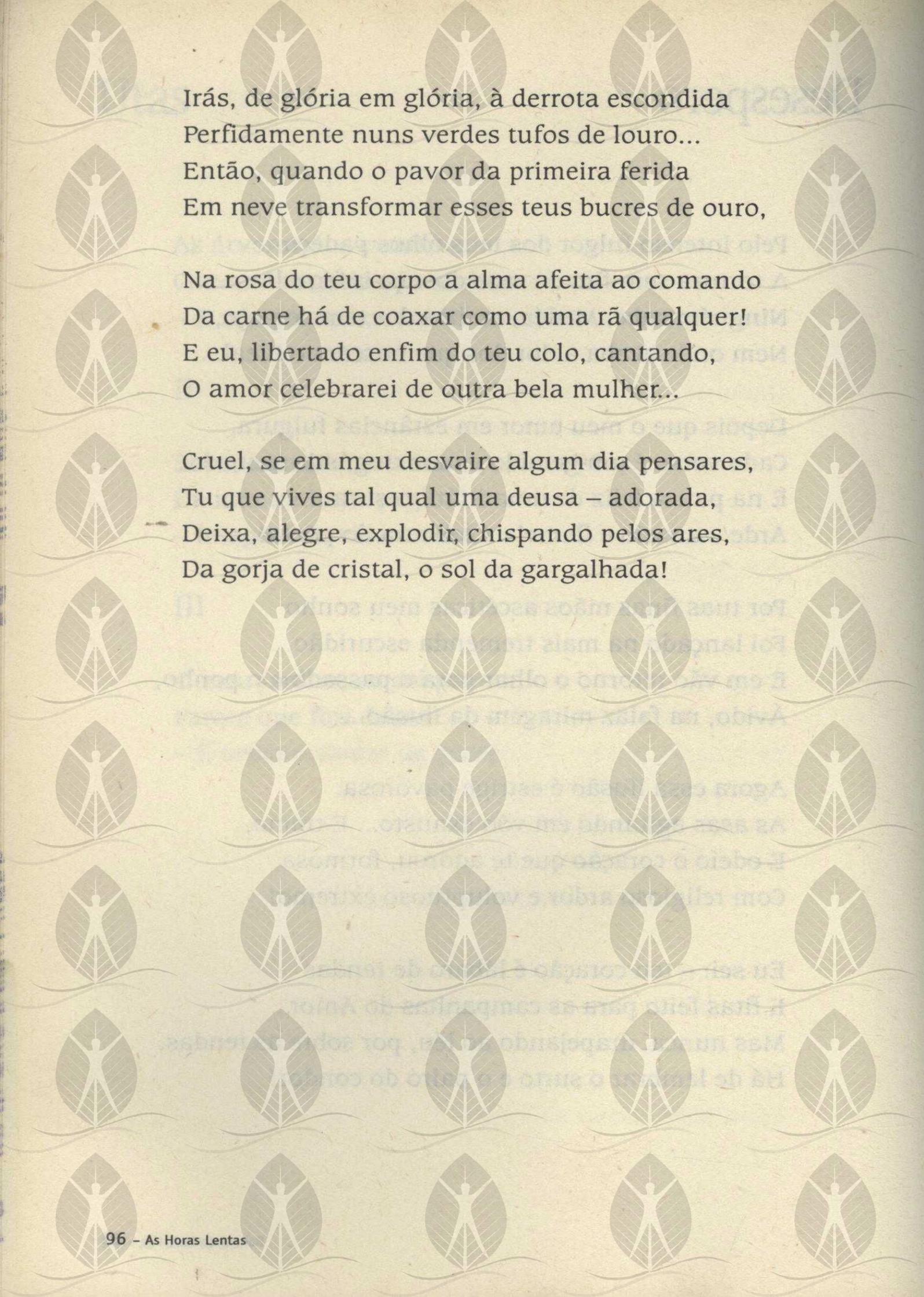
Pelo intenso fulgor dos teus olhos padeço
A tortura sem-fim de uma doença infernal!
Ninguém sabe, Medéa, onde a dor tem começo,
Nem onde acaba a dor dos que buscam o Ideal...

Depois que o meu amor em estâncias fulgura,
Cada verso é um gemido e uma angústia secreta...
E na pausa feliz de uma inútil cesura
Arde o anseio e flameja a loucura do poeta!

Por tuas finas mãos ascéticas meu sonho
Foi lançado na mais tremenda escuridão...
E em vão retorno o olhar para o passado e o ponho,
Ávido, na falaz miragem da Ilusão...

Agora essa ilusão é estrige pavorosa
As asas agitando em vôo exausto... E tremo,
E odeio o coração que te adorou, formosa,
Com religioso ardor e voluptuoso extremo!

Eu sei: – teu coração é lábaro de rendas
E fitas feito para as campanhas do Amor...
Mas nunca, drapejando ao léu, por sobre as tendas,
Há de lembrar o surto e o paio do condor!



Irás, de glória em glória, à derrota escondida
Perfidamente nuns verdes tufos de louro...
Então, quando o pavor da primeira ferida
Em neve transformar esses teus bucles de ouro,
Na rosa do teu corpo a alma afeita ao comando
Da carne há de coaxar como uma rã qualquer!
E eu, libertado enfim do teu colo, cantando,
O amor celebrarei de outra bela mulher..

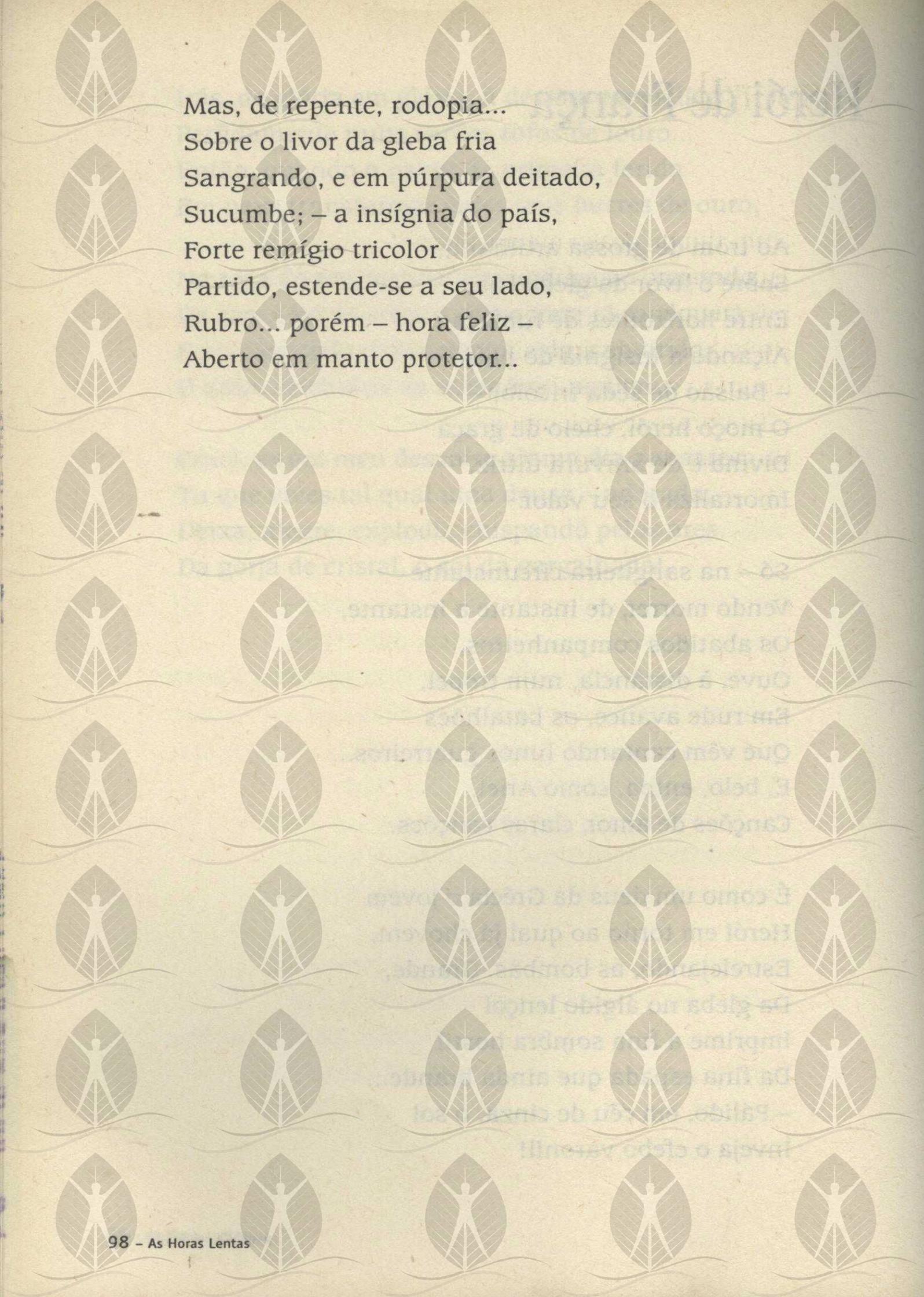
Cruel, se em meu desvaire algum dia pensares,
Tu que vives tal qual uma deusa – adorada,
Deixa, alegre, explodir, chispando pelos ares,
Da gorja de cristal, o sol da gargalhada!

Herói de França

Ao trom de grossa artilharia,
Sobre o livor da gleba fria,
Entre horizontes de fumaça
Alçando a insígnia do país
– Balsão de seda tricolor –
O moço herói, cheio de graça
Divina e de bravura ultriz,
Imortaliza o seu valor.

Só – na sangueira circunstante
Vendo morrer, de instante a instante,
Os abatidos companheiros,
Ouve, à distância, num tropel,
Em rude avance, os batalhões
Que vêm cantando hinos guerreiros...
E, belo, entoa, como Ariel,
Canções de amor, claras canções.

É como um deus da Grécia o jovem
Herói em torno ao qual já chovem,
Estrelejando, as bombas. Grande,
Da gleba no álgido lençol
Imprime a fina sombra hostil
Da fina espada que ainda brande...
– Pálido, em céu de cinza, o sol
Inveja o efebo varonil!



Mas, de repente, rodopia...
Sobre o livor da gleba fria
Sangrando, e em púrpura deitado,
Sucumbe; – a insígnia do país,
Forte remígio tricolor
Partido, estende-se a seu lado,
Rubro... porém – hora feliz –
Aberto em manto protetor...

Vesperal

Num fim de ocaso melancólico

Tua presença relembrei...

Em que pensava já não sei.

No teu perfil de anjo simbólico?

No lindo sonho que sonhei?

– Tua presença relembrei

Num fim de ocaso melancólico...

Nevrose

Meus versos, como o feixe ígneo das sarças bíblicas,
Ardem, vibrando. E eu sofro... A chuva cai lá fora.
Gota a gota eu a conto e, aborrecido, agora,
Em vão sujeito ao metro as fantasias rítmicas.

Em vão porque, sem nexo, em rimas assonantes,
Os versos bambamente e frouxos fluem esdrúxulos...
Este dia de chuva é a mágoa dos crepúsculos
E a síntese da dor exausta dos amantes...

Pobres versos de inverno, esquisitos e quérulos,
Fontanas de cristal, sombras cristãs de nichos...
Vagamente evocando o pranto dos esguichos,
A monótona chuva escorre em fios trêmulos...

Meus versos... Ó tristeza... Ó clara dor exposta
Aos insultos do Tempo... Ó clara dor dos Mármores!
A intempérie que obumbra a glória destas árvores
Transe a musa vernal do meu Sonho – e a desgosta...

Anforal

Antigo vaso! a Grécia, que recordas
Com a esvelta graça do teu colo esguio,
Celebra em ti, no sonho me transbordas,
A doce ebiez translúcida do Chio!

Efeito de sol

Euge! Euge! O sol entranha-
Se em tudo e de tal forma
Que em arco-íris transforma
Filoselas de aranha!

De uma rama a outra rama
As árvores da rua
Filigranando – estua
E os aranhões inflama!

De tal maneira incide
Nos aranhóis e franças
Que se reflete em nuances
De ouro e diamante, à lide!

À luz do sol a pino,
As árvores e as teias,
Refulgindo, estão cheias
Da ilusão do destino...

Lunar

Pálida, no silêncio azul da noite fria,
As árvores nevando e os telhados, a lua
O aspecto natural das coisas atenua...

Assim, no teu palor de estátua, quando perto
Demoravas de mim, florindo o meu deserto,
Tudo, como um lilial em florescência, eu via...

Flamas

Aurora. Vermelhão de incêndio. Fogo e brados.
Ardendo no claror das chamas aurorais,
Como um louco tritão incandescente, o “Paes
De Carvalho” deslumbra os peixes assustados!

Circundando o vapor flamívomo, queimados,
Alucinadamente os ecos matinais
Despertando ao pavor de dissonâncias tais,
Morrem, na grande luz, seres desesperados!

Flamejantes florões festoando à tona da água
Recordam, na ignição primeva, frágua a frágua,
Milhares de vulcões abrindo em rubros lises!

Alvorece. Ao rosear da antemanhã, lá no alto,
No longínquo azulor do céu que tanto exalto,
Vésper tem por brandão mortuário os infelizes...

Rondó

Ignota Musa: – a Primavera
Sorri nos pâmpanos do Outono,
Moça, revendo-se no entono
De Frutidor, que reverbera.

O Estio em flamas encarcera
O coração de quem espera,
Ignota Musa!

A vossa formosura impera
Ainda, soberana, em trono
De ouro; e, ao fascínio da Arte, gera
As rosas de um jardim sem dono,
Ignota Musa!

Saudade

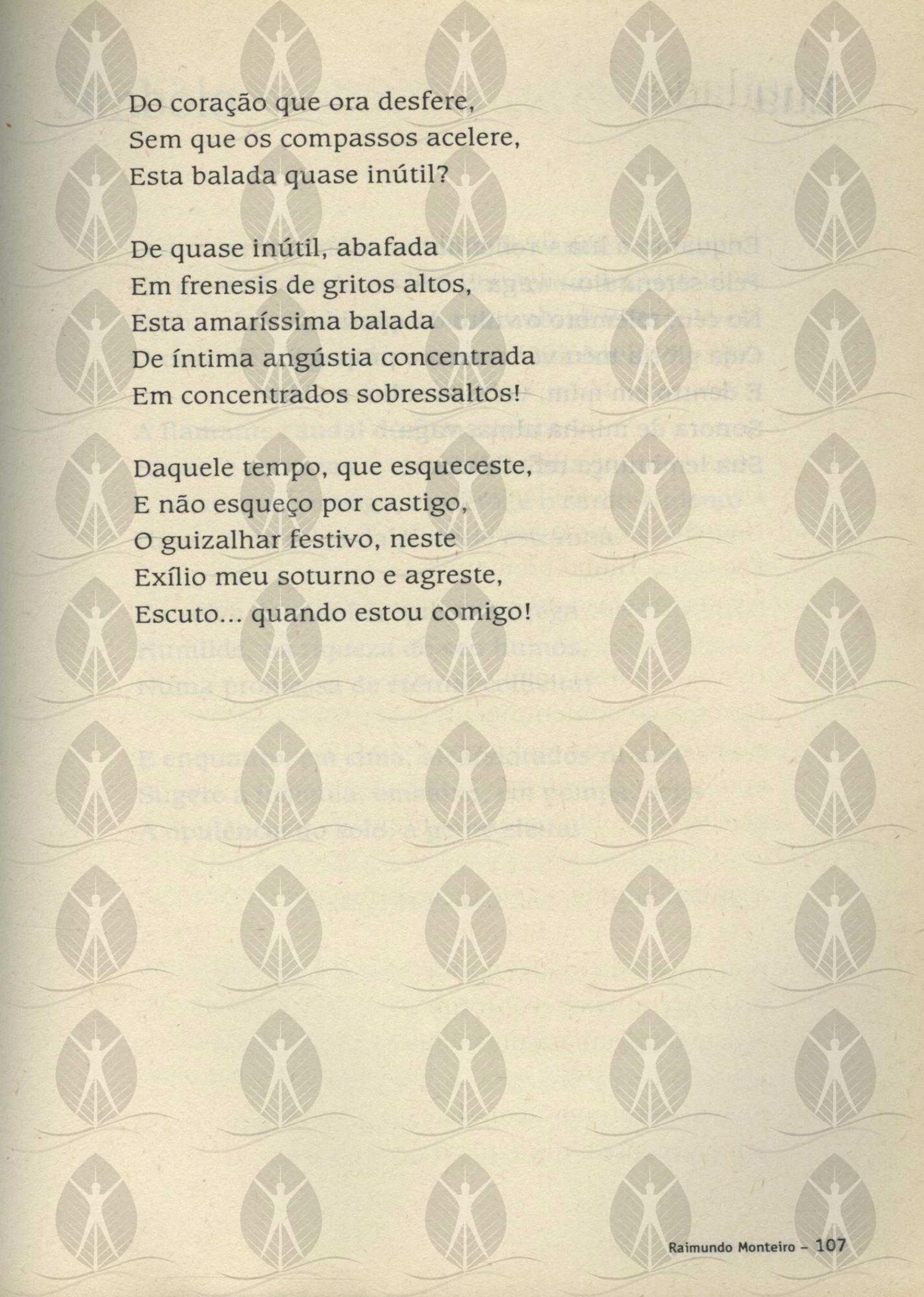
Daquele tempo, do perdido
Tempo da vida, que não volta,
Meu coração desiludido
Ainda recorda, comovido,
O que era paz e era revolta...

Paz e revolta... não procuro
Definir bem essa lembrança!
Naquele tempo o meu futuro
Era um corimbo prematuro
À mão graciosa da Esperança.

Evoca o idílio à sombra flórea
E fresca do contentamento,
Aquele idílio da Memória
Com a Fantasia merencória
Que veio e foi tal qual o vento!

E pulsa, langue... Que te importa,
Fata Morgana da Boêmia,
A aparição da idade morta,
Se te perfuma e reconforta
A acre bafagem da Blasfêmia?

Se o teu profundo tédio fere
Sonoramente a fibra dúctil



Do coração que ora desfere,
Sem que os compassos acelere,
Esta balada quase inútil?

De quase inútil, abafada
Em frenesis de gritos altos,
Esta amaríssima balada
De íntima angústia concentrada
Em concentrados sobressaltos!

Daquele tempo, que esqueceste,
E não esqueço por castigo,
O guizalhar festivo, neste
Exílio meu soturno e agreste,
Escuto... quando estou comigo!

Lua

Enquanto a lua – refletida
Pelo sereno rio – vaga
No céu, relembro o vulto da querida
Cuja glória meu verso ama e propaga...
E dentro em mim, voltada sobre a vida
Sonora de minha alma, vaga
Sua lembrança refletida...

Símbolo

O auriverde pendão tremula ao vento,
Largo, ondulando no alto da montanha.
Defluindo em nuanças e deslumbramento,
O ouro do sol nas árvores se entranha.

A flamante caudal do firmamento
Abras, e escarpas, e cimeiras banha;
E o cacto, e o musgo, e o feto, e o cardo – alento
Haurem da seiva da planície estranha.

Da seiva da planície que se entrega
Humilde, na riqueza do seu humos,
Numa promessa de eternal colheita!

E enquanto, em cima, alcandorados rumos
Sugere a insígnia, embaixo, em pompa, sega
A opulência do solo, a gente eleita!

Paráfrase de Sully Prudhomme

Tu, que escutas sem medo o que eu digo da Morte,
Porque a tua esperança é um augúrio de paz
E o sono começado em seu breve transporte
No radioso país dos astros se desfaz,
Meu voto guarda – quando eu for saber da algente
Precursora se a tua esperança não mente.

Jamais em derredor das lápides sagradas
Cultives os rosais e as dalias varonis,
Nem lírios – porque têm raízes despiedadas...
E eu quero suavemente umas plantas gentis...
Daquelas sentirei apenas o profundo,
Fúnebre apunhalar das coisas deste mundo!

Das dalias em lugar, dos lírios e das rosas,
Escândalos triunfais da glória do arrebol,
Planta perto de mim *volubilis* graciosas
Que, subindo ao longor das rótulas, ao sol,
E rendilhando o azul em que andam fantasias,
Ostentam um jardim nas tuas gelosias.

Dos meus restos mortais veladoras de sonho,
Flexíveis, saberão procurar-me... com a dor
Da saudade buscando o meu nada tristonho...
Flores do coração, cada sentida flor
Do túmulo vulgar brotando como um beijo,
Há de rememorar o que foi meu desejo!

Sonho exilado

Desamparado e só – mas resignado e triste,
No presídio da Dor suporta o seu fadário...
Nessa desolação nenhum consolo assiste
À agonia final do Sonho solitário!

Nas muralhas de pedra o Mar da Vida espuma;
Arfa no escuro céu a fúria da tormenta...
Nem sequer bruxuleia a almenara nevoenta
Que dubiamente aclara o mistério da Bruma.

Estertora, na treva, abandonado, o Sonho.
As ondas, em furor, perturbam-lhe a agonia!
Quebrou-se o encantamento da Cavalaria
Andante no escarcéu do pélagos medonho!

Do bem que desejou à ingrata Natureza
Não vê tornar-se em fruto a flor que, com cuidado,
Em horas de alegria e em horas de tristeza
Livrou de todo o mal que a houvesse profanado.

Morre desamparado e só; morre no exílio...
Perece como nau batida dos escolhos...
– Dando à morte a ilusão benéfica do idílio,
Mão piedosa não cerra os seus pisados olhos!

A um vencido

Andando, na calçada, aos cambaleios, traças
Curvilíneas e, no ar, com o índice, desenhas
A lembrança talvez das venúsinas graças
De um corpo que foi teu e que afinal desdenhas.

Segues. Por onde quer que sigas, desgraçado,
Vai contigo o pavor da tua sombra esguia...
Mas há pelo teu ser, como um poente velado,
O enfaro da alegria e da melancolia.

Resquício de razão no caos dessa demência,
A enganosa esperança ainda agora te ilude
E no espírito afeito à mórbida impudência
Fulgura – como o luar sobre flóreo palude!

Encova-te o semblante, arando-o, a angústia. Eu vejo,
No teu olhar de Hamleto, uma Ofélia chorando...
E prossegues – alheio às áscuas do Desejo;
E gritas – blasfemando e, ris – gesticulando.

Sombrio Napoleão da suprema batalha!
Quando arrastas sem pena, esquálido, o teu vulto
De pária, pela rua, atira-te a canalha,
Em pugilos de lama, a síntese do insulto.

Às vezes, salmodiando em surdina, recitas
Versos lidos outrora, ao crepúsculo, versos
Que encheram de saudade as primeiras desditas
Do autor aberto só para fados adversos...

Ocorre, então, na rua, um episódio estranho:
Certa elegante pára, escutando; parece
Compreender-te. Depois... Nos seus olhos apanho
Vaga piedade que dentro deles se esquece...

Fica, prantiva, atrás da amante inesperada,
A ânsia de um triste amor perdida no perfume
Tênuo do pó-de-arroz, da pasta nacarada,
– Leve perfume que é também quase um queixume...

Não a viste partir, não sentirás a ausência
Da alma que te quis bem nesse momento. Ó pária!
Resquício de razão no caos dessa demência,
Ilumina teu sonho uma dor solitária...

É preciso perdoar e esquecer as blasfêmias
Ouidas no clamor tumultuário das tascas...
As esbórnias de fel das estúrdias boêmias
Têm uma causa – como as sinistras borrascas!

Surdina

Quérulo dobra no ar
O sino da Matriz...
Compreendo o seu dobrar:
Alguma coisa diz.

– Oh! não diz nada, no ar,
O sino da Matriz! –

O vento geme triste
Pelo telhado, pelos
Esvãos da casa, ouviste?
E sobre os teus cabelos...

Ilusão... Tu nada ouviste
Ao pobre vento triste...

Vai o poente a morrer
Num desmaio lilás...
Ninguém para o valer
Existe? E Deus – que faz?

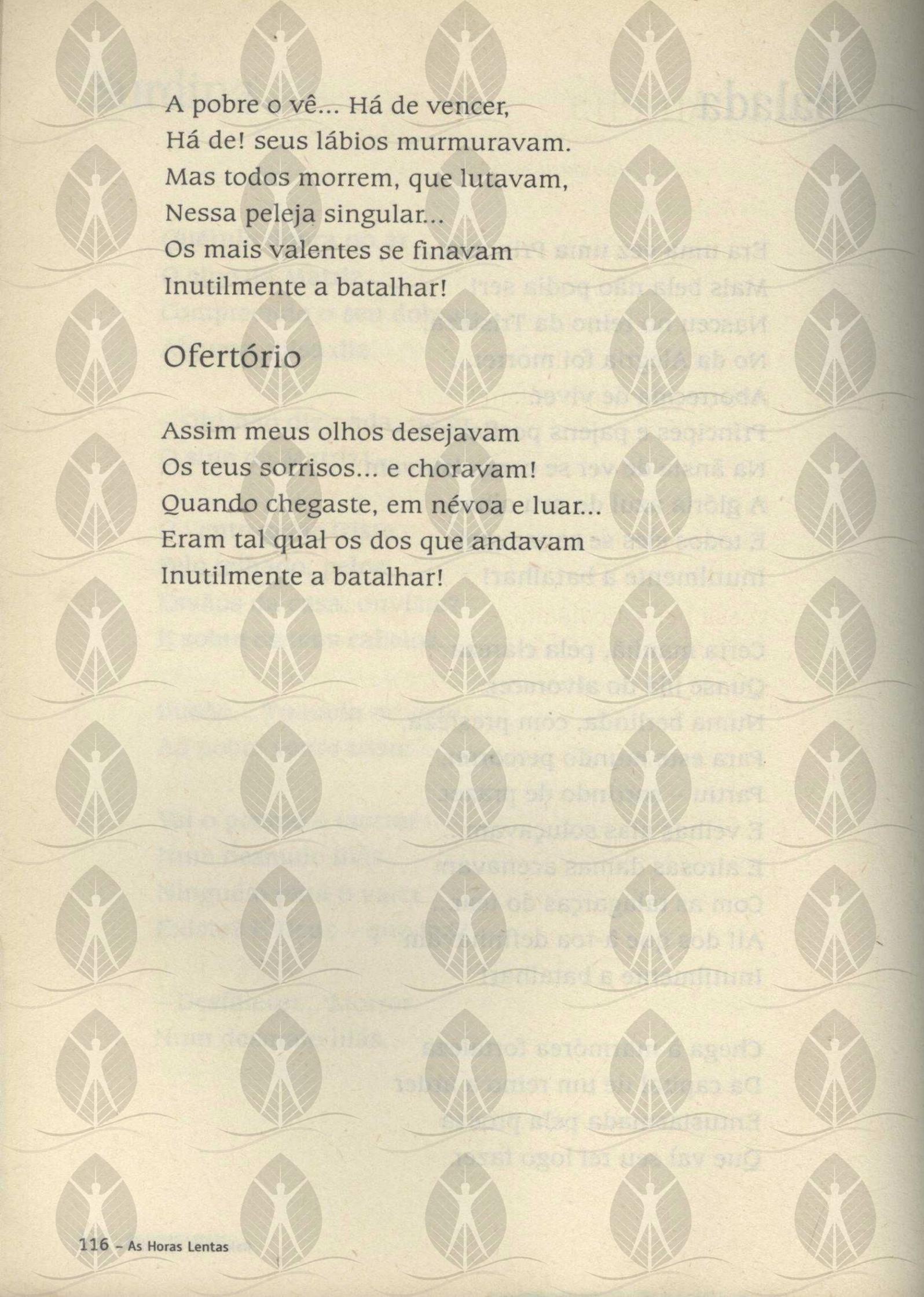
– Desfalecer... Morrer
Num desmaio lilás...

Balada

Era uma vez uma Princesa...
Mais bela não podia ser!
Nasceu no reino da Tristeza,
No da Alegria foi morrer...
Aborrecida de viver.
Príncipes e pajens porfiavam
Na ânsia de ver se conquistavam
A glória azul do seu olhar...
E todos eles se cansavam
Inutilmente a batalhar!

Certa manhã, pela clareza
Quase lilá do alvorecer,
Numa berlinda, com presteza,
Para este mundo percorrer,
Partiu – sorrindo de prazer.
E velhas aias soluçavam...
E airosas damas acenavam
Com as talagarças do tear...
Ai! dos que à-toa definhavam
Inutilmente a batalhar!

Chega à marmórea fortaleza
Da capital de um reino a arder
Entusiasmada pela proeza
Que vai seu rei logo fazer.



A pobre o vê... Há de vencer,
Há de! seus lábios murmuravam.
Mas todos morrem, que lutavam,
Nessa peleja singular...
Os mais valentes se finavam
Inutilmente a batalhar!

Ofertório

Assim meus olhos desejavam
Os teus sorrisos... e choravam!
Quando chegaste, em névoa e luar...
Eram tal qual os dos que andavam
Inutilmente a batalhar!

Maria Amélia

A J. F. de Araújo Lima

(Música de Mozart Donizetti)

Bem à maneira de Verlaine
Floresça o Verso de Louvor
Pela pulquíssima Selene!

Abra-se o Verso em rima de ouro
Para, em apuros de lavor,
Conter o célico Tesouro!

Vossa beleza balsamiza
O coração que, triste e infrene,
Sem esperanças agoniza...

Bem à maneira de Verlaine...

A uma dançarina

Musa! – Libélula divina!
Tua beleza musical,
Ardendo em ritmos, alucina
A multidão sentimental!

Ó terracota de Myrina!
Ó *bayadera* do Nepal!
Floresce, em tua fescenina
Graça, a euritmia virginal!

Teu leve corpo de Afrodita,
Fléxil, no alor da dança, imita
Aereamente flama e flor!

Bem mereceras, voluptuosa,
Dançar nas rimas e na prosa
De Paul Verlaine e Saint Victor!

Mármore antigo

Faltaram – na beleza de Afrodita – apenas
Os braços... e o pudor do gesto que ficou
No sonho ou no cinzel fatigado do artista.

Deusa incompleta! O sol que ainda redoura as cenas
Da Grécia, monte e val, no seu giro levou,
Irrealizado, o ideal do poeta anatomista...

Perfeição procurada através das idades!
Tortura perenal de estatuários e eleitos!
Diviniza a melhor das humanas saudades
O esplêndido senão dos seus membros perfeitos!

Apolo, conjurando a sanha às potestades,
Ergueu-a, como um lírio, – ó Psique dos Defeitos!
Sobre os templos pagãos das ilustres Cidades...

Num álbum

Velho segrel desencantado,
Triste segrel desiludido,
Não mais arpeio o Verso amado...

Desfeito o encanto, e já perdido
O gosto de rimar, não devo
Aparecer como vencido!

Mas – por amor do meu enlevo
De outrora e vosso gesto amável,
O cálamo retorno – e escrevo...

Ah! vossa graça é inelutável!

Saudação natalícia

A Benjamin Lima

Aedo, sem filáucia
De forma, ou de intenção,
Oferto, agora, Mestre,
Em rima, o coração.

O coração do poeta
Na salva do escanção!

Pouco vale, de certo,
Esta contribuição
Às grandes homenagens
Que outros te renderão!

Tão pouco vale, ou nada,
Discreta admiração!

Mas, Príncipe! consente
À minha devoção
Que te ofereça, nesta
Sincera estrofação,

O coração do poeta
Na salva do escanção!

À beira do rio

Espalha-se no céu, nas árvores, no rio,
Na grama do terreiro e nos olhos da gente,
A tristeza lilá deste poente de estio!

O gado, que recolhe ao curral, de repente
Os ímpetos abranda ao instinto bravio
– A rosácea do ocaso olhando vagamente...

Hora da Evocação, sagrada e comovente!
Das flores da floresta exala-se o amavio...
No grande funeral tudo o que vive sente
A tristeza lilá deste poente de estio...

Andrômaca

Ílion... Azulor de rapsódias... Ruína...
Muralhas de Netuno e Apolo... o resplendor
Do prélio... o Egeu descanta a Ilíada, em surdina...
– Homérica, eterniza a agonia de Heitor...

Príamo, o velho rei... Cassandra, que alucina
O oráculo gritando a derrota, em pavor...
O hoplita... A catapulta... O pânico... A chacina...
Aquiles – como um deus... E Sinon – o traidor...

Ajax... Idomeneu... Diomedes... Menelau...
Nestor... Agamenon... Ulisses... Filotetes...
A Grécia – o ouro armorial do seu campo de blau...

Andrômaca... Só tu, porém, que – pura jóia!
A beleza da tua homônima refletas,
Ainda ilustras de amor os escombros de Tróia!

Infelizes

Sempre afastados vivemos
– Como dois astros malditos
Em infinitos
Extremos!

A trajetória da Vida
Traçamos – numa carreira
De dolorida
Canseira!

O rastro sigo-te em ânsia
E me procuras, radiosa,
Na nebulosa
Distância...

E, assim, Longínqua! sofreremos
Eternamente precitos,
Em infinitos
Extremos...

La ville de Boulogne

Tormenta. Ululo e treva. Abisso e espanto. Rondas,
Bulhões de nuvens, como Erínias. Em demanda
De ancoradouro cabeceia, em sarabanda,
O brigue, no sabat dos ventos e das ondas.

Tocam parcéis e perdem-se em peraus, as sondas...
No tombadilho alguém, museando, à terra manda,
No horror de Calibã, a graça de Miranda,
A arrancar do escarcéu Cipangos e Golcondas!

Naufrágio. O temporal vencera... Albor de dia.
Entre os mastros – um corpo e o linho do velame,
Como algas a laivar de sombra a maresia...

Depois... o cantochão do Atlântico, e os soturnos
Versos dos palmeirais guaiando, estame a estame,
Nas angras, ao longor das praias, em noturnos...

Fantasia

Languidamente no encosto
Da poltrona aconchegada,

A Amada
Sonha que tem sobre o rosto
Um bando de borboletas
Facetas.

Sonha e sorri docemente...
Ah! se soubesse, acordando,
Que o bando

De borboletas é o ardente
Enxame dos meus desejos
Em beijos...

Pelo ocaso

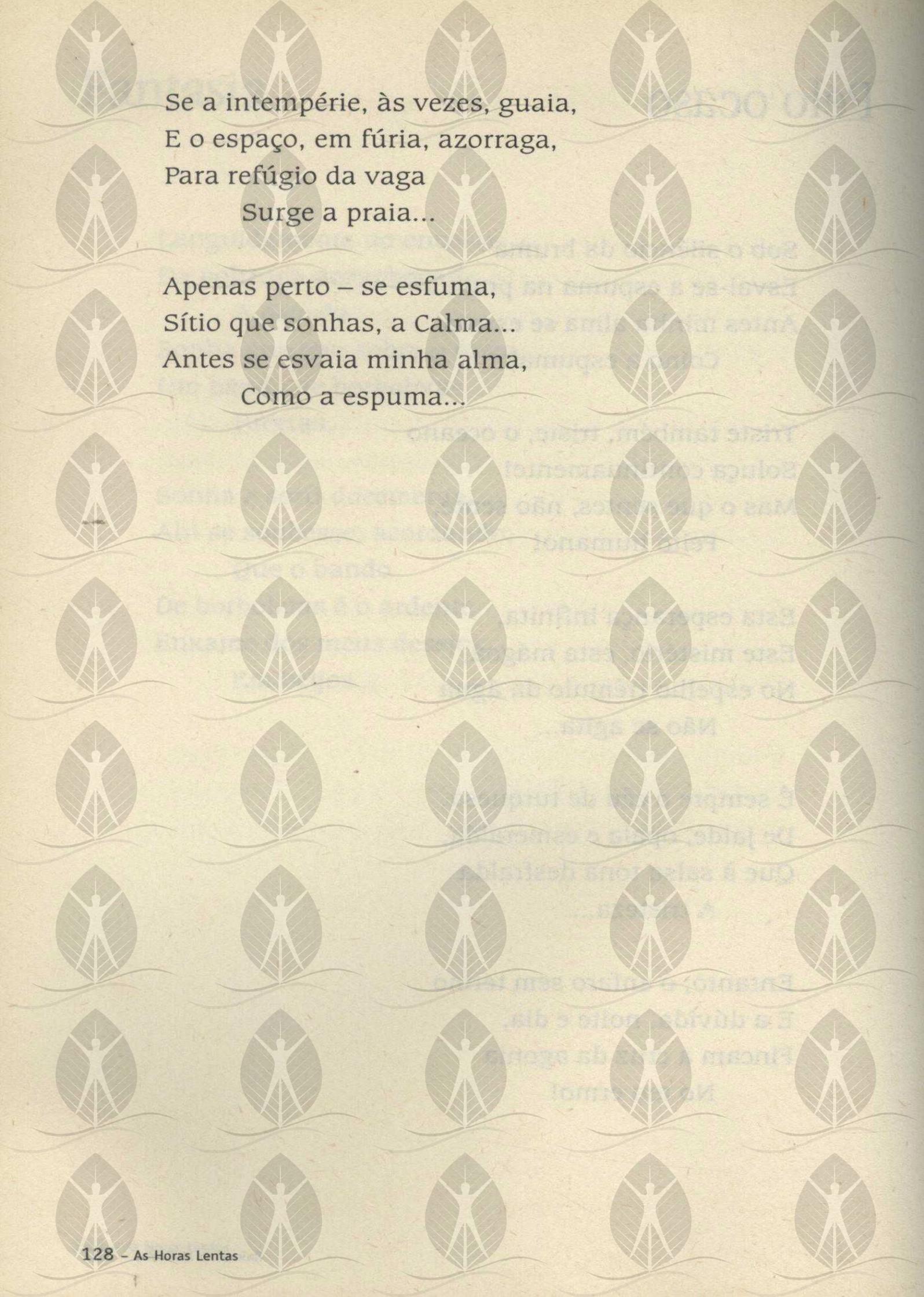
Sob o silêncio da bruma
Esvai-se a espuma na praia...
Antes minha alma se esvaia
Como a espuma!

Triste também, triste, o oceano
Soluça continuamente!
Mas o que sentes, não sente,
Peito humano!

Esta esperança infinita,
Este mistério, esta mágoa,
No espelho trêmulo da água
Não se agita...

É sempre o céu de turquesa,
De jalde, opala e esmeralda,
Que à salsa tona desfralda
A tristeza...

Entanto, o enfaro sem termo
E a dúvida, noite e dia,
Fincam a cruz da agonia
No teu ermo!



Se a intempérie, às vezes, guaia,
E o espaço, em fúria, azorraga,
Para refúgio da vaga
Surge a praia...

Apenas perto – se esfuma,
Sítio que sonhas, a Calma...
Antes se esvaia minha alma,
Como a espuma...

A Portugal

Velívola galera lusitana,
Veloz, vencendo o encanto do Roteiro,
Da nave que ao Brasil chegou primeiro
Reproduziste o sortilégio, ufana!

No Zodíaco o rumo alvissareiro
Dos hipogrifos retraçaste; e, insana,
A ardentia estelífera espadana
No fulvo rasto, lúcido chuveiro!

A Fantasia – que açorou teu surto,
Ganhando a Bóreas o caminho do Ar,
Tornou, para a Saudade, o espaço curto...

E as tuas alas de albatroz – abertas
No azul do céu, recordam: sobre o mar
Das naus, triunfante, a Cruz das Descobertas.

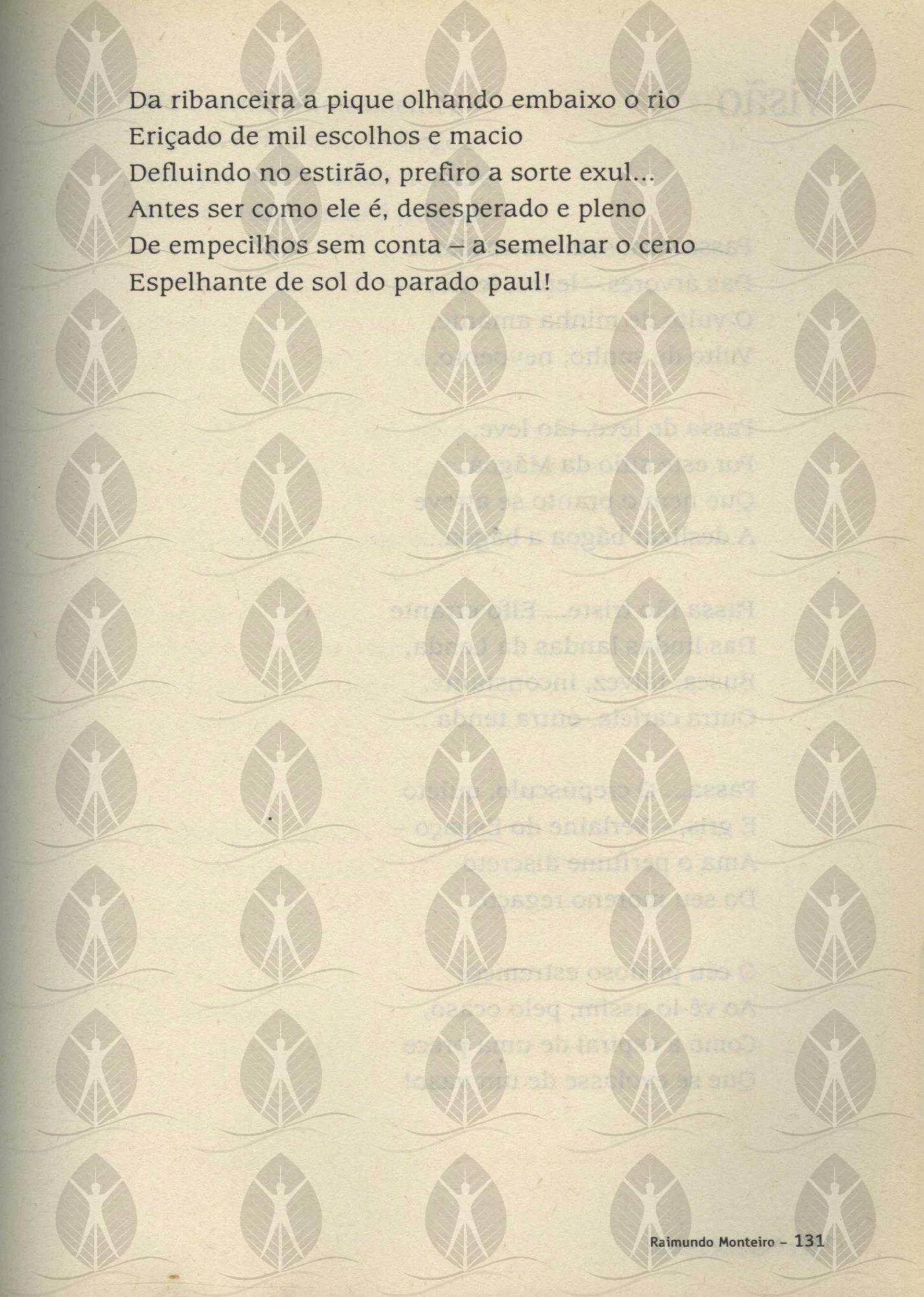
No rio Machado

À margem do Machado, em Bom Futuro, ouvindo
O espalhado fragor da cachoeira bramindo
Por entre a confusão das ilhas de araçás
E ingaranas tremendo à fúria tumultuosa
Da potente caudal, penso na dolorosa
Sorte minha de poeta exilado e sem paz!

Em paisagem tão bela o meu sonho blasfema...
As estrofes revéis do torturado poema
Gritam nervosamente os segredos da Dor!
Mas, fechando no peito as angústias que sinto,
E abafando o clamor das revoltas do Instinto,
Enlevo-me a cismar no amor, no meu amor...

É bem tal qual o ocaso a refletir-se na água
Do rio em frenesim – este êxtase da Mágoa!
Esta síncope ideal do meu destino ruim...
A par de tanta luta – o desmaio da tarde!
As flores do pau-d'arco, em frente, em áureo alarde,
Contrastando com o poente em cinábrio e carmim!

Cada pedra emergida é um remanso, é uma pausa
Na corrente brutal do rio que, sem causa
Aparente, remoinha. Os ocultos parcéis
Formam também, a quando e quando, algum remanso...
Toda a fadiga tem uma hora de descanso,
Ó potente caudal que rápida correis!



Da ribanceira a pique olhando embaixo o rio
Eriçado de mil escolhos e macio
Defluindo no estirão, prefiro a sorte exul...
Antes ser como ele é, desesperado e pleno
De empecilhos sem conta – a semelhar o ceno
Espelhante de sol do parado paul!

Visão

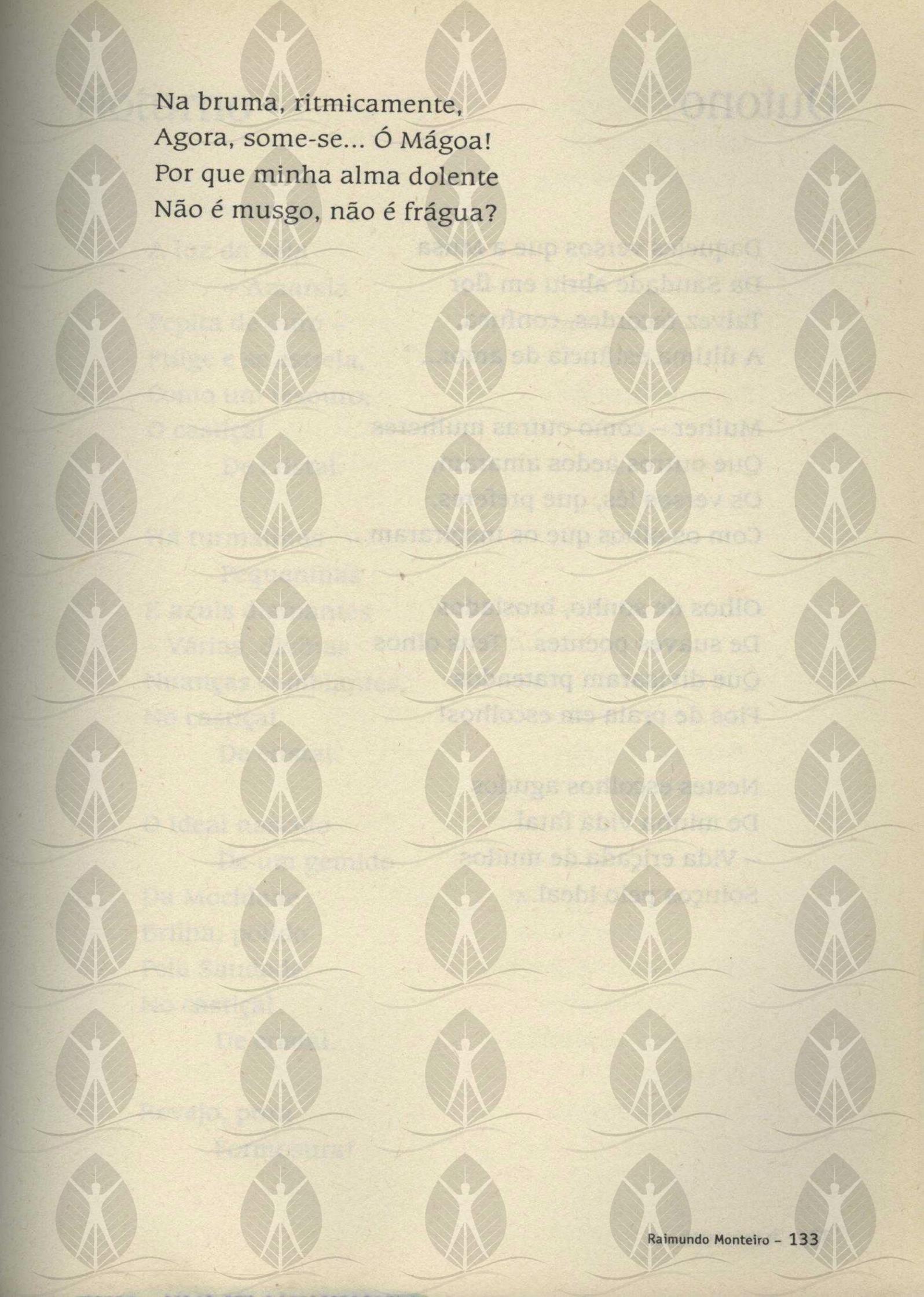
Passa – na sombra oscilante
Das árvores – lento, lento,
O vulto de minha amante,
Vulto de sonho, nevoento...

Passa de leve, tão leve,
Por este sítio da Mágoa,
Que nem o pranto se atreve
A deslizar bágoa a bágoa...

Passa tão triste... Elfo errante
Das lindas landas da Lenda,
Busca, talvez, inconstante,
Outra carícia, outra tenda...

Passa... O crepúsculo, quieto
E gris, – Verlaine do Espaço –
Ama o perfume discreto
Do seu moreno regaço...

O céu piedoso estremece
Ao vê-lo assim, pelo ocaso,
Como a espiral de uma prece
Que se evolasse de um vaso!



Na bruma, ritmicamente,
Agora, some-se... Ó Mágua!
Por que minha alma dolente
Não é musgo, não é frágua?

Outono

Daqueles versos que a Musa
Da Saudade abriu em flor
Talvez recordes, confusa,
A última estância de amor...

Mulher – como outras mulheres
Que outros aedos amaram,
Os versos lêes, que preferes,
Com os olhos que os inspiraram...

Olhos de sonho, broslados
De suaves poentes... Teus olhos
Que divisaram prateados
Fios de praia em escolhos!

Nestes escolhos agudos
De minha vida fatal
– Vida eriçada de mudos
Soluços pelo Ideal...

Noturno

A luz da vela

– Amarela

Pepita de ouro –

Fulge e se estrela,

Como um tesouro;

O castiçal

De cristal.

Há turmalinas

Pequeninas

E azuis diamantes

– Várias, divinas

Nuanças cambiantes,

No castiçal

De cristal.

O Ideal nascido

De um gemido

Da Mocidade

Brilha, polido

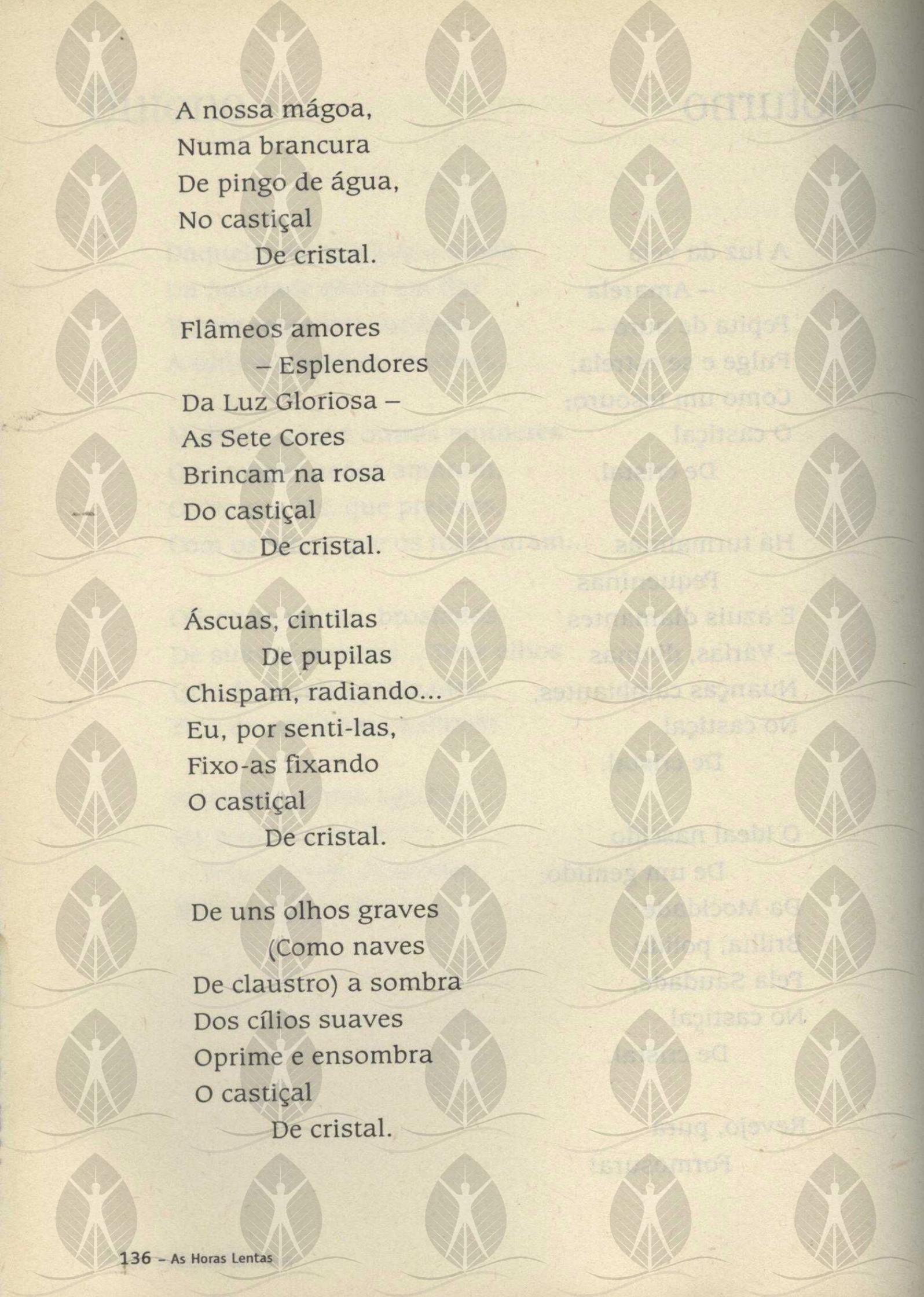
Pela Saudade,

No castiçal

De cristal.

Revejo, pura

Formosura!

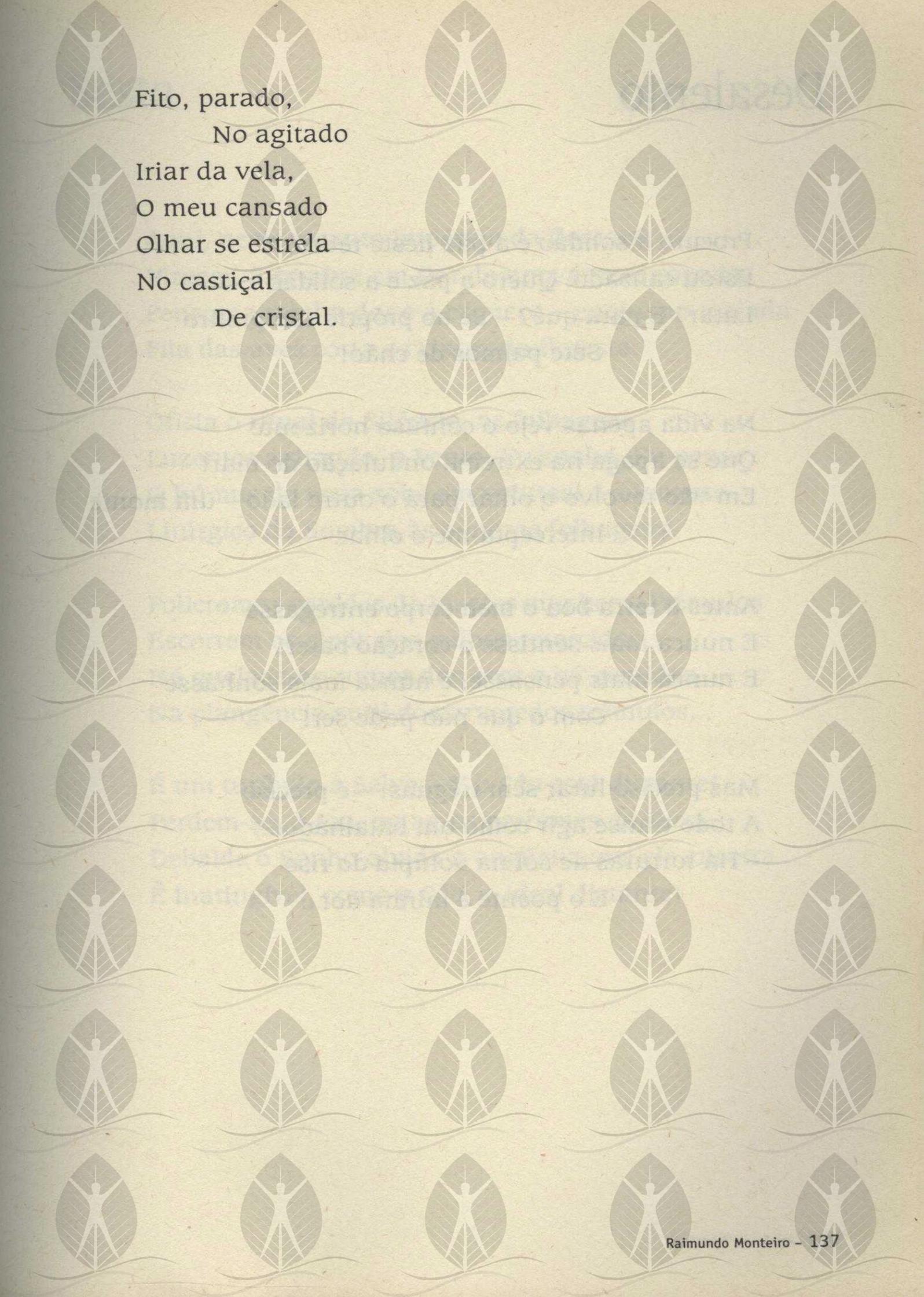


A nossa mágoa,
Numa brancura
De pingo de água,
No castiçal
De cristal.

Flâmeos amores
– Esplendores
Da Luz Gloriosa –
As Sete Cores
Brincam na rosa
Do castiçal
De cristal.

Áscuas, cintilas
De pupilas
Chispam, radiando...
Eu, por senti-las,
Fixo-as fixando
O castiçal
De cristal.

De uns olhos graves
(Como naves
De claustro) a sombra
Dos cílios suaves
Oprime e ensombra
O castiçal
De cristal.



Fito, parado,
No agitado
Iriar da vela,
O meu cansado
Olhar se estrela
No castiçal
De cristal.

Desalento

Procuro a solidão e a paz neste retiro.
Estou cansado. Quero a paz e a solidão...
Lutar? E para quê? – Se ao próprio céu prefiro
Sete palmos de chão!

Na vida apenas vejo o confuso horizonte
Que se apaga na extrema ondulação do mar!
Em vão revolvo o olhar para o outro lado – um monte
Intercepta-me o olhar.

Antes à terra boa o meu corpo entregasse
E nunca mais sentisse o coração bater!
E nunca mais pensasse; e nunca mais sonhasse
Com o que não pode ser!

Mas preciso lutar sem tréguas: – é preciso
A todo transe agir como um batalhador...
– Há torturas de sol na volúpia do riso
E o poente é minha dor...

Sesta

Aqui, neste recanto impérvio da floresta
Virgem, à sombra em flor de uma árvore copada,
Penso na minha dor e a esqueço – enquanto a alada
Fila das aves corta os claros da floresta.

Oficia o ritual do Silêncio, as folhagens
Luzentes agitando, o Vento. Eu sonho. Eu penso.
O húmus da terra sobe em volutas: é o incenso
Litúrgico da Sombra às sonoras folhagens.

Policromos cordões de insetos zumbem. Trêmulos
Escorrem os cipós dos galhos retorcidos.
Há queixas no rumor dos ecos e há gemidos
Na plangência sutil dos arvoredos trêmulos...

É um turíbulo a Selva... E o Céu está distante!
Perdem-se, à-toa, no ar, os perfumes da Terra.
Debalde o Sonho olvida a angústia que ele encerra...
É inatingível, como o Céu, o Ideal distante!

D. Quixote

Triste Figura, em seu corcel,
De monte a val percorre a Espanha...
Nada lhe aplaca a viva sanha
De combater o injusto e o infiel.

No elmo de ferro sem laurel
O ouro do sol fulge e se entranha...
– Que só lhe entende ânsia tamanha
O deus do célico dossel!

Se aspas de moinho avultam no ar
E por encostas de colina
Ovelhas e anhos vê pastar,

Triste Figura, com furor,
A lança apresta, que o domina
A paranóia do valor!

Mancha

Impetuoso no inverno, o Madeira é – no estio,
Múrmuro e suave como um regato macio...

Lindas praias de areia argêntea, em longas filas,
Emergem do álveo das suas águas tranqüilas.

E delas ao redor as ondas sonolentas
Balançam-se à cadência ideal de valsas lentas...

Ígneo, o sol, a fulgir no azul de um céu tão alto,
Na adorada floresta halos põe de cobalto.

De euclásios em fusão é a paisagem no estio!
E o Madeira flui como um regato macio...

Mirary

Na minha solidão, no meu desterro, agreste
Retiro florestal de silêncio e de faina,
Onde, ensombrando o solo, a ramalhuda paina
Apoio ao ninho cede e à parasita, neste

Belíssimo lugar que os temporais amaina
Do sofrimento ultriz, e ao êxtase celeste
De cândido burel monástico se veste,
A aspereza da Vida e Arte do Verso aplaina!

Horas fico a espreitar o turvo rio, o largo
Rio que corre para o Atlântico distante,
Levando na caudal barrenta o pranto amargo...

À dor do pensamento exsurge a doce rima...
Ah! nesta solidão, como um cego, confiante,
No báculo do Verso o meu sono se arrima!

De volta

Depois de longos anos chego à tua
Casa perdida entre jasmins e lianas.
À estreita porta bato... Nas ufanas,
Alvas paredes também bate a lua!

Nas árvores do parque se insinua,
À dúbia claridade a que te irmanas,
– Ó tentação das órbitas profanas!
Difundindo-se em sombra, ninfa nua...

À proporção que se desfaz em sombra,
Sob o dossel das árvores, se eleva
o teu fantasma – da florida alfombra...

E a tua porta se dilata numa
Escadaria de mansão medieva,
Minha Saudade; ó Castelã da Bruma!

Hibernal

Monotonia. Tédio. Horror da noite. Horror
Deste lento evolver dos anos; do vigor
Que ostento a rebrandir a Hauteclaire encantada
Do Sonho; de perder a batalha travada...

Tetérrima estação! Primavera sem flor...
Pobre outono sem fruto... Estio sem calor...
Ódio, nojo, esperança inútil, resignada
Desesperança... E a noite agoniza, enfarada.

Turvas horas de tédio intolerável! Dor
De querer para sempre adormecer no algar
De um recanto qualquer do recinto do Nada...

A noite, a longa noite agoniza. Ó pavor
Da noite sob a chuva! Ó tristeza! Ó langor
Da alma que se afadiga em vão, desesperada...

Beatriz

Amável – brilhará, no tempo, redivivo,
O gesto que plasmou, na greda vil, a graça
Do sonho, a memorar a dantesca desgraça,
– Pensativa, Beatriz olhando o Pensativo.

Adágio do desejo, o doce ideal, esquivo
E eterno, ao resplendor da arte eterna, perpassa,
Querençoso, no olhar e no cenho que embaça
A tortura de ser menos homem que divo!

Belas, esplandecendo em estos de piedade,
Aflitas mãos de maga, espertas e compridas,
Criastes, maternalmente, a ilusão da bondade...

À vossa exaltação, dos íntimos degredos,
Dirão, sem esperança, as almas sucumbidas:
– Benditas mãos, a dor sorriu nos vossos dedos...

Meio-dia

Ouro do sol. Ouro das flores de pau-d'arco.
Ouro versicolor do panorama. Tudo
De ouro na insolação do meio-dia: – o charco
Em outro reproduz o matagal folhudo.

A claridade a arder de rútilo veludo
Flameja, fulgurando em flâmulas, no zarco
Firmamento; e, flameando à sombra irial, no ludo
Da floresta, são de ouro os cipoais em arco.

O incêndio do zênite a gineceus envida!...
Há colibris em cio, e *heliotrix* e corolas,
Sorvendo, às chamas de ouro, a floração da Vida!

Na pompa tropical, à hora merídia, – ardente
Midas! – tornando em ouro a selva, desenrolas
A luz, como um tapiz, maravilhosamente!

Sombra

Passaste – como sombra esquiva... Embora!

O campo floresceu.

Hoje, no rorífero rosicler da aurora,

As flores te amam – e eu!

À sequeidão da pradaria deste

Graça primaveril...

E a áscua do sol inveja-te o celeste

Sortilégio, ó sutil!

Tua fecunda palidez de sombra,

Com o eflúvio encantador,

Ao alto coração do poeta e à alfombra

Rasteira deu amor.

Ânsias e penas, que o teu gesto doma,

Incensam-te o brumal

Ebur dos selos e o ébano da coma

Serpentina e triunfal!

Da terra no céu remoto, de astro em astro,

Por onde quer que vás,

O meu amor, no imperceptível rastro,

Ó sombra! sentirás...

Selene

A nuança vespéral o azul ocíduo encarde...
À surdina sem-fim dos pizicatos breves
As folhas tremem, fluindo ao sopro do euro, leves
Na penumbra lilá da paisagem da tarde...

À Noite maternal achega-se, em tristeza,
A Selva, e em lassidão de seiva e de farfalho,
Como, a um canto de sombra, em remota devesa,
Alguém que a vida esfez em rimas e trabalho!

O horizonte, em matiz de hortênsia, esmaia; e, bela,
Vagamente a ascender ao páramo, irradia,
Alva, sobre os vergéis e as linfas, a magia
Que à lembrança a nudez das menadas revela.

Já de leve esgarçando a tênue bruma, esplende,
Através do seu véu de lúcido aranhol,
Triste, à transformação da terra que se acende
De novo a essa ilusão mirífica do sol!

E – heráldica de luar no blau da imensidade,
Saudosa de Endimião, a Musa senhoril,
Selene, como em sonho, estampa, de perfil,
No exergo da medalha – a efígie da Saudade...

Musa de Lesbos

Safo, radiosa de lascívia, pelas
Orlas da Grécia e pelos montes, ia,
Metrificando vícios e loquelas,
À procura de alguém, que se escondia.

Lassa de amar a eulétridas, fugia
Dos gineceus floridos de pucelas,
A rudeza da máscula energia
Celebrando às atônitas michelas!

Tudo sacrificando a Marte, em fúria,
Nas Falofórias, lúbrica, empunhava
O enguirlandado tirso da Luxúria!

Em vão, porém, por toda a parte, a escrava
Dos Sentidos – em ímpetos, à incúria
no próprio Fauno irônico, bramava!

9 de novembro

O Amazonas enfim teve o seu dia
De júbilo. O Eldorado resplandece.
Em cada folha a Selva se oferece
Aos luminosos beijos da Alegria!

Triunfal, é igual às épocas preclaras
Este propício dia – em que o Amazonas
À frol das águas leva, pelas zonas
Que ilustra, a galanteza das Iaras!

Vestal do Símbolo, a Vitória-Régia,
Alçando em luz o Cálice, oficia
O doce ritual da Fantasia
Pelos heróis da nossa terra egrégia!

E o amazonense, como o cavaleiro
Depois da longa noite de vigília,
Esplandecendo em cota de ouro – a homília,
Do Amor declama para o mundo inteiro!

No ermo

Também de mágoa se morre...

Este verso à mente ocorre

Porque estou longe de ti...

Ah! longe, longe de ti,

No verde, vale do Gy,

Este verso à mente ocorre:

– Também de mágoa se morre...

Morro – porque te perdi!

No verde vale do Gy,

Onde ninguém me socorre,

Morro – porque te perdi...

Árvores

Árvores de São João, de ouro trêmulo, belas,
Da pétrea várzea verde ardendo na paisagem,
Altas, de fronde ao sol e ao frêmito da aragem,
Penachos e pendões evocam de aguarelas.

Soberbas, sob o azul, com as rútilas umbelas
O prônubo langor da fecunda boscagem
Velando, e ao sertanista amenizando a viagem,
Esperam com donaire as chuvas e as procelas!

Atropelado foge o rio sobre as lajes...
As águas, em cachão, retumbam fundamente,
Por entre penhascais passando como ultrajes!

E elas, flâneas, em flor, à apoteose do estio,
Dançam sicínios de alba e cariatís de poente
No recato da selva e na insânia do rio...

Hipocrisia

Desespero contido a custo... Hipocrisia
Do espírito a florir em sarcasmo e ironia!
Desespero vilão, covarde... não! – sensato...
Próprio do meu burguês desânimo pacato,
Desta quase indolência e desta bonomia
Do espírito a florir em sarcasmo e ironia!

Levo-te, vida afora, à maneira de estema,
De orgulhoso penacho ou de láurea suprema
– Heroísmo de vencido! Excelso desconforto!
Eu que vivo a sonhar, inutilmente absorto,
Procuro te fixar... como um sucinto lema
De orgulhoso penacho, ou de láurea suprema!

Escondo-te no peito, enquanto o riso aflora,
Escarlate, ao clangor da alegria sonora!
Da alegria – que é farsa, e é tragédia esquiliana!
Ao esforço brutal de te conter a insana
Angústia de gritar – o ódio torna-se aurora
Escarlate, ao clangor da alegria sonora!

Ninguém te viu jamais a sânie da ferida...
O ríspido rancor da raiva reprimida
Reténs, sereno, como um voto de paciência,
Na do hilare Falstaff embuziada aparência
– Rotunda em que se oculta, esquivando-se à lida,
O ríspido rancor da raiva reprimida!

Aparição

Olha-me. É vago o seu olhar
De placa de ouro sob o luar.

Sorri. Tristíssimo sorriso
Arqueado em ritos indeciso...

Meu coração, que tanto a quis,
Pára, sentindo-se feliz.

Desaparece de repente...
Ah! se voltasse novamente!

Crepúsculo em São Félix

Troa, estruge, a rolar de pedra em pedra, e estoura
Em pérolas, saltando, a catarata bruta.
O zimbório da mata o sol do poente doura
E a estupenda caudal que em desespero luta.

Sob o êxtase do céu, da banda oposta, loura
Árvore de São João desmaia à vista arguta...
A rocha, que minério abscondito entesoura,
O soluço e o fragor da água agitada escuta.

Leves garças, em fila, alvas e tristes, lentas
E rítmicas, vibrando as asas, fatigadas,
Obrigam-me a temer a fúria das tormentas...

Esmaece, lilás da cisma, ao ocaso; e o rio
Saudosamente leva, entre as margens pasmadas,
A angústia vespéral do meu sonho sombrio...

Rondel

Quase à maneira de Rudel,
Ao luar, Pierrot, sem Colombina,
Soluça, à flor da mandolina,
Os versos tristes de um rondel...

Cantando, pérolas de fel
Desfia em noturnal surdina,
Quase à maneira de Rudel,
Ao luar, Pierrot, sem Colombina...

E Colombina, – alvo mantel,
Charpa de gaze ou de neblina, –
Passa, na noite que alucina,
Pela tristeza do segrel,
Como um rondel, conto um gazel
Quase à maneira de Rudel...

Elegia pagã

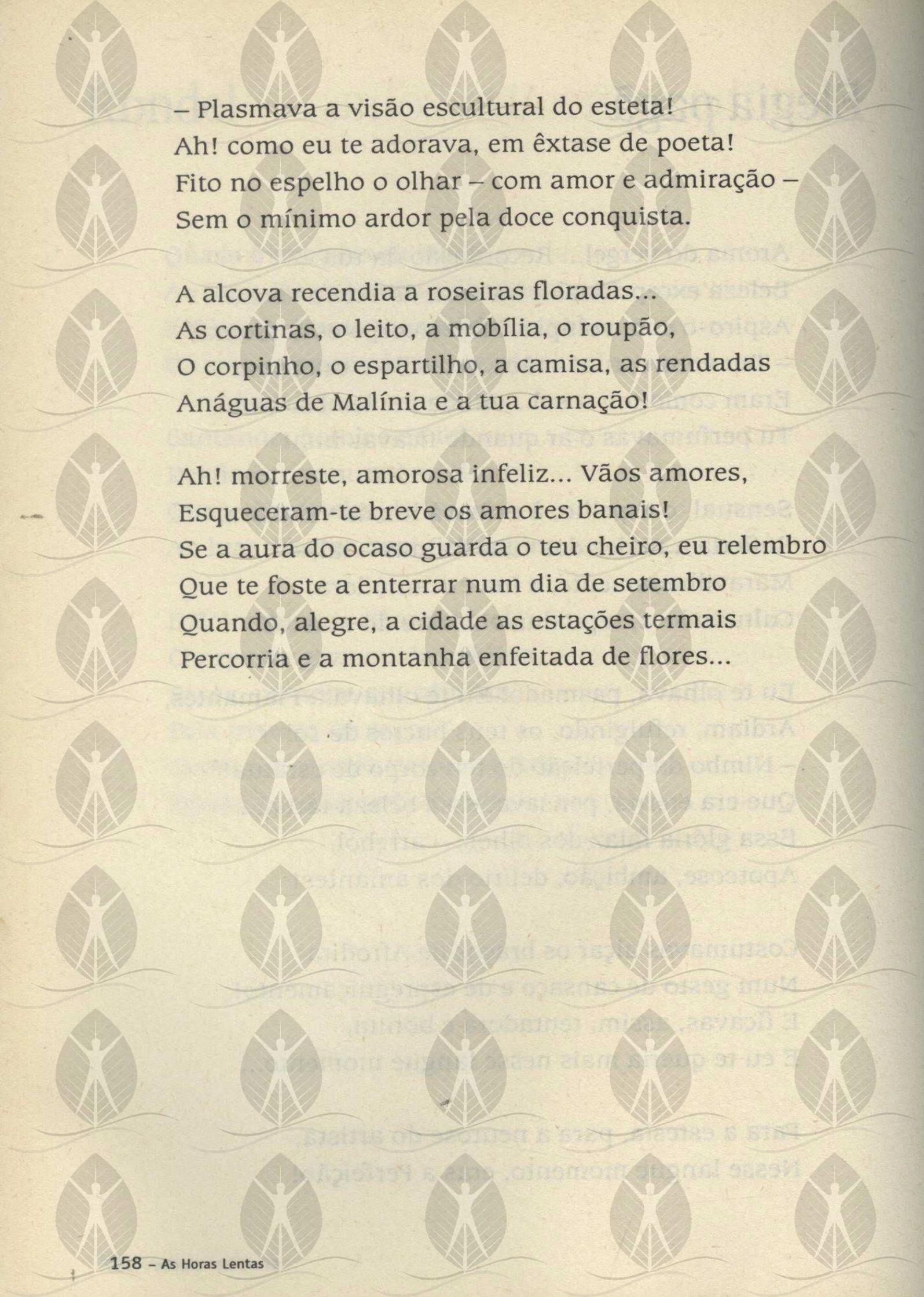
Aroma do vergel... Recordação da tua
Beleza excepcional... na aura do ocaso vem...
Aspiro-o com volúpia... É teu corpo esse aroma!
– Teu ventre, tuas mãos, teu colo e tua coma
Eram como um rosal... Ainda me lembro bem!
Tu perfumavas o ar quando ficavas nua!

Sensual, o espelho, à noite, à luz da veladora,
Refletia a nudez das tuas formas – tal,
Maravilhadamente, a lua encantadora,
Cultuando-a, reproduz o azebre do atascal!

Eu te olhava, pasmado! Eu te olhava... Flamantes,
Ardiam, refulgindo, os teus bucras de sol
– Nimbo da perfeição do teu corpo de estátua!
Que era eterna, pensava, essa beleza fátua...
Essa glória falaz dos olhos, – arrebol,
Apoteose, ambição, delírio dos amantes!

Costumavas alçar os braços de Afrodita
Num gesto de cansaço e de espreguiçamento!
E ficavas, assim, tentadora e bonita,
E eu te queria mais nesse langue momento...

Para a estesia, para a neurose do artista,
Nesse langue momento, eras a Perfeição!



– Plasmava a visão escultural do esteta!
Ah! como eu te adorava, em êxtase de poeta!
Fito no espelho o olhar – com amor e admiração –
Sem o mínimo ardor pela doce conquista.

A alcova recendia a roseiras floradas...
As cortinas, o leito, a mobília, o roupão,
O corpinho, o espartilho, a camisa, as rendadas
Anáguas de Malínia e a tua carnação!

Ah! morreste, amorosa infeliz... Vãos amores,
Esqueceram-te breve os amores banais!
Se a aura do ocaso guarda o teu cheiro, eu relembro
Que te foste a enterrar num dia de setembro
Quando, alegre, a cidade as estações termais
Percorria e a montanha enfeitada de flores...

Amanhecer no Amazonas

Rocio e rosa. Amanhece. É uma rosa orvalhada
O nascente. A caudal é toda rosiflor.
No crescendo da luz, à fuga da alvorada,
É de ouro, em céu de rosa, a estrela do pastor.

Valisnéria da noite a esvanecer-se à flor
Do rio, fantasmal, à nébula rosada,
A iara verlainisa o dilúculo – e, albor
Lunar, desaparece, enfim, na matinada.

As frondes, no verdor cambiante da folhagem,
Iriais muiiraquitãs semelham, na paisagem
Musical acendendo a gama dos matizes!

Na manhã rosicler, aflante de farfalhos,
A Selva, ritualmente, à emeleia dos galhos,
Cultua a fortaleza heráclea das Raízes!

Clair de Lune

Flavífero, docemente
Desbordando-se do ar,
É um rio de nepente
O luar.

Rio de esquecimento
– Com o enervante azulor
Acalma o sofrimento
E o amor.

Nos antros mais remotos
O sonho taciturno
Floresce – como um lótus
Noturno.

Em toda a imensidade
O silêncio arrefece
A insânia da maldade
Refece.

A doce filomela
Dos tristes, a prantear,
Descanta a vilanela
Do luar.

No alto Machado

Turvo, dentro da noite, em trágica tristura,
O Machado, solene e lúgubre, decorre...
Das estrelas a luz maravilhosa escorre
Do escuro céu por sobre a sua face escura.

Faiscante, a superfície, o milagre da altura
Refletindo, parece invertida luzeira.
Gemem, com a correnteza, ingaranas à beira
E a selva marginal, orfeônica, murmura.

Baixios e parcéis, declives de cachoeira,
Várzeas e chapadões, barrancos de barreira
Lucilam ao claror dos elfos do deserto!

Quando, à tona letal, léguas e léguas corre,
Rumo do oceano, a luz que ao dilúculo morre,
No ermo do coração tudo se torna incerto...

Hora triste

Lânguida de tristeza, enamorada, pensas,
Talvez, agora, ouvindo as queixas da saudade,
No amor que, enobrecendo a nossa mocidade,
Jamais houve de nós humanas recompensas...

Os teus olhos talvez demores com piedade,
Ó Tanagra gentil! Caçoula que me incensas!
Em confusa visão velada pelas densas
Brumas do afastamento e da infelicidade!

Pensas no amor que foi amor somente – sonho
Que foi um lírio ao sol jucundo abrindo o cálix...
E o teu rosto de algum ensombra-se, tristonho!

Nesta hora gris pergunto ao coração: – que vales?
Fútil, o coração me responde, risonho:
– Eu sou o causador de todos os teus males.

Cena amazônica

Em plena mata. Sombra e murmúrios. A passo
Furtivo a gente avança em fila. O chefe corta,
Com o terçado, os cipós do rumo que procura.
A picada, rompendo o quérulo regaço
Da floresta, e aumentando a ambição da aventura,
Ora direita vai, ora desviada e torta.

Calado, em bágoa o suor à fronte altiva, pensa
Nuns olhos de mulher – (doce recordação) –
O chefe moço e forte. Os companheiros rudes
Seguem-se sem cuidar, talvez, na recompensa
Da coragem que os leva a atravessar paludes,
Serras e igarapés do encantado sertão!

Sopitando o cansaço e o desânimo avança,
Como um rebanho atrás do seu pastor, a gente
Que não vibra ao ritual primitivo da mata!
Ele só, ele só a estima, que a esperança
De ainda um dia admirar a beleza da ingrata,
Está em cada folha e em cada tronco ingente!

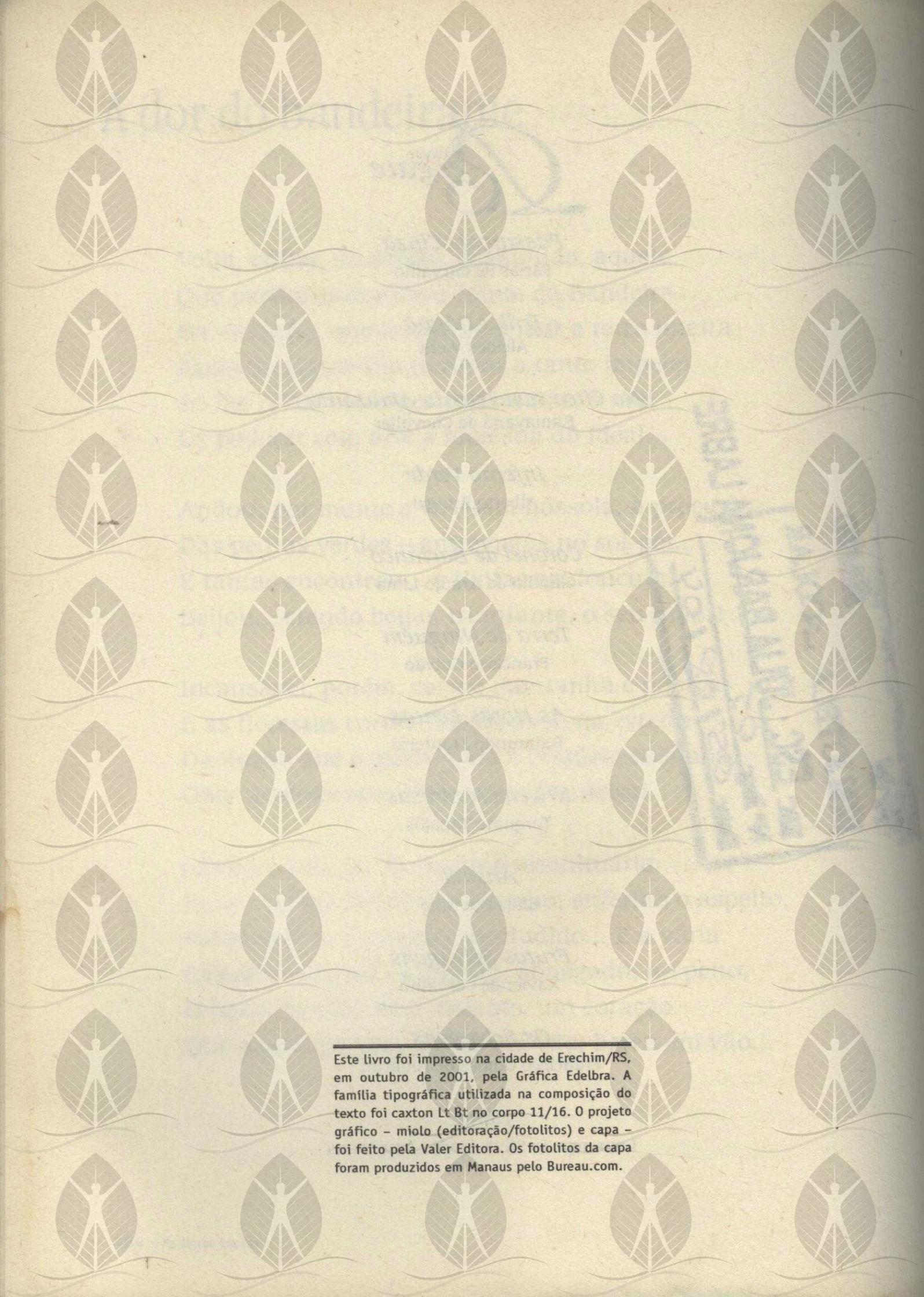
E quando enfim repousa a turma fatigada...
E os rumores da selva erram de fronde em fronde...
E os pirilampos luciluzem na penumbra...
No delírio da ausência a alma desesperada
Do hodierno Fernão Paes, que a Saudade deslumbra,
As euclastas do amor, dentro do sonho, esconde.

A dor do bandeirante

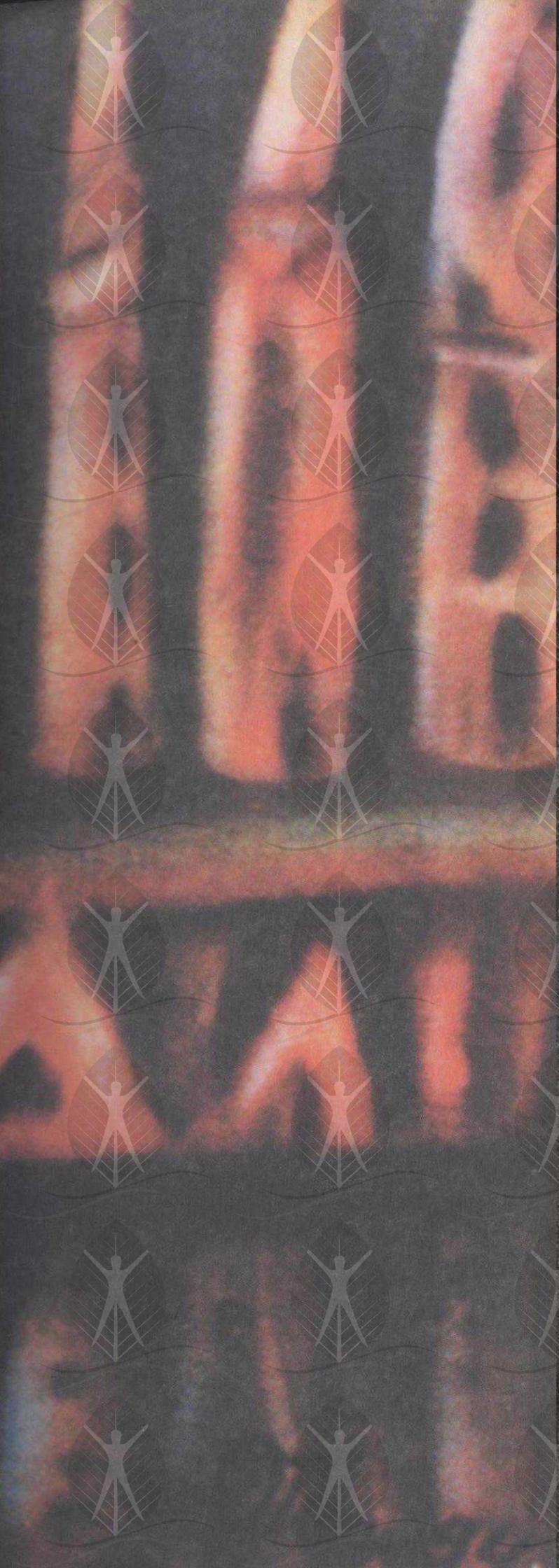
Volta, enfim, do sertão, desiludido, aquele
Que partira cantando à frente da Bandeira...
Da ambição, que levou, de andar a terra inteira
Atrás da Maravilha (o Amor a tanto impele)
Só lhe resta, ao fulgor das retinas, o mal
De padecer com arte a moléstia do Ideal...

Andou; por monte e val, sem bússola, à procura
Das pedras verdes – entrevistas no sol-pôr...
E tantas encontrou... e tantas em loucura
Beijou... crendo beijar, triunfante, o seu Amor!
Incansável, porém, correu montanha e pampa,
E as florestas correu, incansável, na esteira
Da ilusão que o guiou para a planície escampa,
Onde se dispersou toda a sua Bandeira!

Abandonado ao léu da vida tumultuária
Roto o gibão, frustrado o sonho, enfermo o aspecto,
Volta, enfim, do sertão, desiludido... E a vária
Cidade o aclama, enquanto, abnegado, no peito,
O herói vencido traz, dolente, um coração
Que amou em vão, sofreu em vão, bateu em vão...



Este livro foi impresso na cidade de Erechim/RS, em outubro de 2001, pela Gráfica Edelbra. A família tipográfica utilizada na composição do texto foi caxton Lt Bt no corpo 11/16. O projeto gráfico - miolo (editoração/fotolitos) e capa - foi feito pela Valer Editora. Os fotolitos da capa foram produzidos em Manaus pelo Bureau.com.



compreendeu. Exilou-o numa escala social infame demais (perdoem-me a expressão) para uma inteligência de escol. E ele, modesto, afastado das competições mesquinhas dos gulosos pantagruéis da glória, feneceu como um lírio agreste debruçado à escarpa: perfumando o ambiente. Não gemeu. Nunca se rebelou. Apenas alguns versos traem o cruento desgosto de haver sido dominado na grande luta. Assim mesmo, são reclamos doces, magnânimos sem blasfêmias, sem arrogâncias... Mas, ainda porventura, o prêmio a tanta grandeza d'alma, a tanta candura, a tanta beleza espiritual, é o exílio no próprio berço, é o silêncio do indiferentismo hostil, quando não resulta em suicídio lento. Assim desapareceram alguns sonhadores, seus irmãos: Verlaine, Wilde, Poe, Heine...

Não podia ser, senão, uma dor atávica, essa, que afligia amudadamente esse irmão mais novo de Leopardi. Admirável, a exegese da *Tristeza*, com inicial maiúscula completa um sentido objetivo, que ele, sempre, fez questão de exprimir. Vê-se, com frequência, mesmo em *As Horas Lentas*, os aspectos anímicos assim tocados de uma aureola de objetivismo. Ele quer um sentido universal, complexo, absoluto...

Uma verdade dolorosa: o Amazonas ainda não possui leitores para os versos de Raimundo Monteiro. Talvez ele tenha de esperar, como Milton, que a geração acorde e aprenda para escutar-lhe a musa fidalga. Ele morreu cedo demais, sem completar o ciclo de sua fatalidade congênita. Antes assim. Pior seria se, em vez do silêncio aniquilador, ele tivesse os louros salpicados de lama!





Raimundo de Castro Monteiro vai se deparar com as duas Escolas literárias de sua época de indefinição estética, Parnasianismo e Simbolismo, tanto é que o poeta era admirador de Olavo Bilac, Martins Fontes, Aníbal Teófilo, num momento em que estudava no Rio de Janeiro, após uma estada na Inglaterra e na França. O conhecimento das línguas inglesa, francesa e espanhola o aproxima dos grandes poetas universais. Daí a influência de Heredia é notória com mais os simbolistas franceses que, como Raimundo Monteiro, não cultivavam com muito ardor o soneto... O vocabulário requintado dos parnasianos, o paganismo de Olavo Bilac, e temos uma poesia que se impregnará também com o “verdor cambiante da folhagem” e com as “iriais muiiraquitãs” da terra natal do poeta.

Assis Brasil

ISBN 85-7512-041-7



9 788575 120415



AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - [Lei nº 9.610/98](#)). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM



Secretaria de
Estado de Cultura



CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA